



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

EMERSON RODRIGUES BEZERRA

**APRENDER A ENSINAR GEOGRAFIA PARA AS SÉRIES INICIAIS: AS
CONTRIBUIÇÕES DA DISCIPLINA SABERES E METODOLOGIAS DO ENSINO
DE GEOGRAFIA NA FORMAÇÃO DO/A PROFESSOR/A PEDAGOGO/A**

DELMIRO GOUVEIA

2019

EMERSON RODRIGUES BEZERRA

**APRENDER A ENSINAR GEOGRAFIA PARA AS SÉRIES INICIAIS: AS
CONTRIBUIÇÕES DA DISCIPLINA SABERES E METODOLOGIAS DO ENSINO
DE GEOGRAFIA NA FORMAÇÃO DO/A PROFESSOR/A PEDAGOGO/A**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas - Campus do Sertão, como requisito parcial para obtenção do título de Graduado em Pedagogia.

Orientadora: Ana Cristina Conceição Santos
Coorientador: Ricardo Santos de Almeida

DELMIRO GOUVEIA

2019

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza – CRB-4/2209

B574a Bezerra, Emerson Rodrigues

Aprender a ensinar Geografia para as séries iniciais: as contribuições da disciplina saberes e metodologias do ensino de Geografia na formação do/a professor/a pedagogo/a / Emerson Rodrigues Bezerra. – 2019.

142 f. : il.

Orientação: Profa. Dra. Ana Cristina Conceição Santos.

Coorientação: Prof. Me. Ricardo Santos de Almeida.

Monografia (Pedagogia) – Universidade Federal de Alagoas.
Curso de Pedagogia. Delmiro Gouveia, 2019.

1. Educação escolar. 2. Formação de professor. 3. Séries iniciais.
4. Ensino e aprendizagem – Geografia. I. Título.

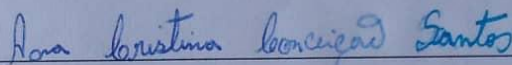
CDU: 37.02:91

EMERSON RODRIGUES BEZERRA

**APRENDER A ENSINAR GEOGRAFIA PARA AS SÉRIES INICIAIS: AS
CONTRIBUIÇÕES DA DISCIPLINA SABERES E METODOLOGIAS DO
ENSINO DE GEOGRAFIA NA FORMAÇÃO DO/A PROFESSOR/A
PEDAGOGO/A**

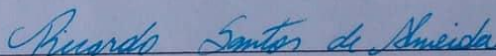
Trabalho de conclusão de curso submetido à Banca Examinadora do curso de pedagogia da Universidade Federal de Alagoas – Campus Sertão, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Pedagogo.

Aprovado em 31 / 01 / 2019



Prof. Dr.^a Ana Cristina Conceição Santos (Orientadora)

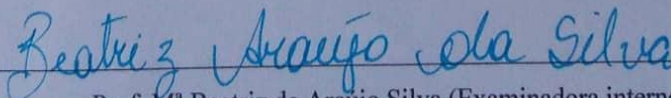
Universidade Federal De Alagoas



Prof. Me. Ricardo Santos de Almeida (Coorientador)

Universidade Federal De Alagoas

Banca Examinadora:



Prof. M^a Beatriz de Araújo Silva (Examinadora interno)

Universidade Federal de Alagoas

Dedico a Maria José Rodrigues Da Silva, Mulher inspiradora, sonhadora, sertaneja, negra e professora da rede pública estadual que com muito amor, dedicação e investimento demonstrou que a Educação é o melhor caminho e que a vida é uma constante LUTA. Muito obrigado Vó pelos ensinamentos e amor dedicados a mim. Onde estiver, estarás sempre comigo!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por revigorar as minhas forças diante de tantas dificuldades encontradas pelo caminho, sua presença e amor foram imensuráveis nessa jornada.

Agradeço o esforço dos meus avôs e também pais Cícero Antônio da Silva, operário da fábrica da pedra e Maria José Rodrigues da Silva, Professora da rede pública estadual, a qual partiu deixando muita saudade e resistência para nós que ficamos. Muito obrigado! Não tenho palavras para descrever o quanto sou grato e orgulhoso em ser neto/filho de vocês.

A minha família e amigos/as pelo cuidado, amor, compreensão e incentivo. Essa conquista é nossa. Tem um pouco de vocês em cada linha escrita.

Aos meus colegas do curso de Pedagogia que contribuíram para a realização desta pesquisa. Vocês foram essenciais nesse processo de ação – reflexão sobre as experiências formativas que foram e são direcionadas a nós.

Ao meu Coorientador, professor Ricardo Almeida dos Santos, que me ajudou a desenvolver a pesquisa seguindo o rigor acadêmico científico tão necessários. Agradeço pela disposição, paciência, e contribuição intelectual que foram muito importantes para construção deste trabalho.

A minha Orientadora, Ana Cristina Conceição dos Santos, pela qual tenho carinho e admiração. Muito obrigado pela dedicação, atenção e incentivos direcionados a mim e a todos/as os/as alunos/as da UFAL – Campus do Sertão. Sua intelectualidade e luta nos inspira enquanto alunos/as e como seres humanos.

Ao professor Leônidas Santana e a professora Laíse Soares os quais admiro pela intelectualidade e dedicação. Agradeço pela forma que empenharam-se teórica e metodologicamente para demonstrar a importância do ensino de Geografia para as crianças através das aulas de Saberes e Metodologias do Ensino de Geografia (SMEG) 1 e 2.

As crianças do 5º ano dos anos iniciais de uma escola municipal do município de Delmiro Gouveia - AL as quais fizeram do meu estágio supervisionado III um período de reflexões e inquietações que resultaram na construção deste trabalho. Crianças, vocês despertaram em mim a vontade de debruçar-se sobre a relação (Pedagogia – Geografia) e perceber o quanto essa dimensão é importante para vocês ainda nos primeiros anos de escolarização. Afirmo sem demagogia que vocês são os sujeitos das próximas linhas.

GRATIDÃO!

Para romper com a prática tradicional da sala de aula, não adianta apenas a vontade do professor. É preciso que haja concepções teórico-metodológicas capazes de permitir o reconhecimento do saber do outro, a capacidade de ler o mundo da vida e reconhecer a sua dinamicidade, superando o que está posto como verdade absoluta. É preciso trabalhar com a possibilidade de encontrar formas de compreender o mundo, produzindo um conhecimento que é legítimo.

(Helena Copetti Callai)

RESUMO

Este trabalho realizado na Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão, tem como objetivo geral refletir sobre a importância da disciplina Saberes e Metodologias do Ensino de Geografia (SMEG) no processo formativo do/a professor/a pedagogo/a tendo em vista o exercício deste profissional junto ao ensino de Geografia nas séries iniciais. Para realização da pesquisa, utilizou-se a abordagem qualitativa, em que o estudo de caso foi utilizado como metodologia juntamente aos referenciais bibliográficos específicos que tratam sobre o ensino de Geografia nas séries iniciais, formação de professores/as e outros. Como instrumento de coleta de dados foram aplicados questionários para aos/as alunos/as do 7º (sétimo) e 8º (oitavo) período do curso de pedagogia da UFAL – Campus do Sertão, Unidade Delmiro Gouveia – AL, assim como o relato das experiências formativas desses/as estudantes a partir de atividades desenvolvidas durante o período do estágio supervisionado III com foco na regência das aulas de Geografia. Considerando a análise desses vetores, ficou constatado que a disciplina SMEG contribui na formação dos/das futuros/as pedagogos/as destacando a pertinência das abordagens teóricas, metodológicas e experiências significativas que corroboram para as vivências de formação inicial desses sujeitos possibilitando o desenvolvimento dos saberes e fazeres geográficos básicos para o ensino de Geografia nos primeiros anos do ensino fundamental.

Palavras-Chave: Formação de Professores. Ensino de Geografia. Experiências formativas. Séries iniciais.

ABSTRACT

This work at the Federal University of Alagoas - Sertão Campus, was general objective to reflect on the importance of the discipline "Knowledge and Methodology of Teaching Geography" (SMEG) in the educational process of the teacher / pedagogue with regard to their professional practice together with the teaching of Geography in the initial grades. In order to carry out the research, we used the qualitative approach, in which the case study was used as a methodology along with the specific bibliographical references that deal with the teaching of Geography in the initial grades, teacher training and others. As a data collection instrument, questionnaires were applied to the students of the 7th (seventh) and 8th (eighth) years of the UFAL pedagogy course - Sertão Campus - Delmiro Gouveia Unit, AL - as well as the report of the formative experiences of these students from activities developed during the period of the supervised stage III focusing on the regency of the Geography classes. Considering the analysis of these vectors, it was verified that the SMEG discipline contributes to the formation of future pedagogues highlighting the pertinence of the theoretical and methodological approaches and significant experiences that corroborate to the experiences of initial formation of these subjects enabling the development of knowledge and geographic activities basics for the teaching of Geography in the first years of elementary school.

Keywords: Training of Teachers; Teaching of Geography; Formative experiences; Initial series.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Registro de atividade – Estágio Supervisionado III.....	94
Figura 2: Entrada da cidade de Delmiro Gouveia	95
Figura 3: Rio São Francisco.....	95
Figura 4: Igreja Matriz de Delmiro Gouveia.....	96
Figura 5: Carnaval em Delmiro Gouveia.....	96
Figura 6: Feira Livre em Delmiro Gouveia.....	96
Figura 7: Registro de atividade - Estágio Supervisionado III.....	97
Figura 8: Registro de atividade - Estágio Supervisionado III.....	99
Figura 9: Registro de atividade - Estágio Supervisionado III.....	100
Figura 10: Registro de atividade - Estágio Supervisionado III.....	101
Figura 11: Registro de atividade - Estágio Supervisionado III.....	103
Figura 12: Registro de atividade – Estágio Supervisionado III.....	103
Figura 13: Registro de atividade – Estágio Supervisionado III.....	103
Figura 14: Registro de atividade – Estágio Supervisionado III.....	104
Figura 15: Registro de atividade – Estágio Supervisionado III.....	104

LISTA DE GRÁFICOS

- Gráfico 1-** Levantamento realizado com os alunos do curso de Pedagogia sobre o conhecimento dos fundamentos epistemológicos da Geografia..... 77
- Gráfico 2-** Levantamento realizado com os alunos do curso de Pedagogia sobre o preparo para ensinar Geografia nas séries Iniciais 80
- Gráfico 3-** Levantamento realizado com os alunos do curso de Pedagogia sobre a capacidade de discutir, refletir e estudar conteúdos da Geografia..... 81

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro1- distribuição dos campos de estudos entre a Geografia Física e Geografia Humana.....	33
Quadro2- conteúdos de Geografia para os primeiros anos do fundamental durante a reforma Benjamin Constant.....	38

LISTA DE SIGLAS

SMEG - Saberes e Metodologias do Ensino de Geografia

PNLD - Programa Nacional do Livro Didático

ENEM - Exame nacional do Ensino Médio

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IHGB - Instituto Histórico Geográfico do Brasil

USP- Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 PRÉ - PROJETO	20
JUSTIFICATIVA.....	20
HIPÓTESE.....	20
PROBLEMA.....	20
TEMA.....	20
DELIMITAÇÃO DO TEMA.....	20
OBJETIVO GERAL.....	21
OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	21
SUGESTÕES DE CAPÍTULOS PARA EMBASAMENTO TEÓRICO	21
METODOLOGIA	23
REFERÊNCIAL TEÓRICO	28
CAPÍTULO 1: A GEOGRAFIA COMO COMPONENTE CURRICULAR DA EDUCAÇÃO BÁSICA	28
1.1 TEORIAS DA GEOGRAFIA MODERNA X GEOGRAFIA CLÁSSICA E SEUS DESDOBRAMENTOS PARA AS PRÁTICAS DE ENSINO DE GEOGRAFIA	29
1.2 BREVE HISTÓRICO DO ENSINO DE GEOGRAFIA ESCOLAR NO BRASIL	35
1.3 SABERES E FAZERES DO ENSINO DE GEOGRAFIA NAS SÉRIES INICIAIS ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.	
CAPÍTULO 2: FORMAÇÃO DO/A PEDAGOGO/A PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA NAS SÉRIES INICIAIS	63
2.1 EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES	63
2.2 A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA DO/A PEDAGOGO/A PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA NAS SÉRIES INICIAIS	68

3 ANÁLISE DOS RESULTADOS	74
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DA PESQUISA.....	74
3.2 APRESENTAÇÃO DOS DADOS	73
4 RELATOS DE ATIVIDADES DESENVOLVIDAS - EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS DO/A PROFESSOR/A PEDAGOGO/A PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA NAS SÉRIES INICIAIS	92
ATIVIDADE 1.....	92
ATIVIDADE 2.....	97
ATIVIDADE 3	100
ATIVIDADE 4	102
ATIVIDADE 5	103
4.1 ANÁLISES E PROPOSIÇÕES DA PESQUISA	105
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
REFERÊNCIAS	113
APÊNDICE	116

1 INTRODUÇÃO

O ensino de Geografia nas séries iniciais traz contribuições importantes para o desenvolvimento escolar e humano da criança. Este componente curricular possibilita que os alunos desde pequenos, no início do processo de escolarização, construam mecanismos de leitura em relação ao espaço em que vivem assim como de outros elementos que compõe escalas mais globais. Essa leitura de mundo conforme apontam Callai (2005) e Straforini (2001) proporciona aos alunos a compreensão dos fatores que corroboram para tal configuração espacial, os quais apresentam-se em diferentes dimensões sejam elas sociais, políticas, culturais, econômicas e outras.

É de conhecimento geral que o processo de ensino nas séries iniciais se dá em sua grande maioria por professores/as pedagogos/as. Este fato é decorrente da sua formação com ênfase em processos educativos que objetivam o desenvolvimento integral da criança via educação formal e não formal. Em relação ao ensino de Geografia espera-se desse profissional que possa estabelecer conexões entre os saberes pedagógicos e geográficos para efetivar uma prática de ensino mais significativa para o público alvo, ou seja, as crianças. Desse modo, torna-se pertinente que este profissional e educador conheça as teorias e métodos que melhor adequam-se ao processo de ensino e aprendizagem deste nível de ensino específico, tendo em vista o comprometimento com o desenvolvimento cognitivo, afetivo, crítico e humano da criança através do entendimento da função social atribuída aos diferentes saberes escolares.

A partir do ensino de Geografia nas séries iniciais, há de se questionar quais os vetores que direcionam a prática do/a pedagogo/a para tal exercício, haja vista sua formação interdisciplinar, e por isso complexa, em relação aos conteúdos das diferentes áreas do saber que compõe as diretrizes para os primeiros anos do ensino fundamental.

Diante das dificuldades que são enfrentadas no processo formativo docente, revela-se a importância de experiências formativas mais consistentes visando o exercício do professorado frente aos contextos educacionais postos. Espera-se ainda que a partir das práticas e métodos de ensino ocorram mudanças significativas no processo de ensino - aprendizagem para os diferentes atores sociais envolvidos, principalmente os que estão envolvidos desde o início da educação básica.

“Tio eu não sabia que Delmiro tinha tantas coisas boas. Pena que hoje não existem mais” “tio o mapa tem que ter todas essas coisas?” “Tio eu chego atrasado porque moro longe (zona rural) e demora para chegar aqui” embora essas falas não tenham sido registradas formalmente, elas, as vozes das crianças, estão presentes em minhas memórias desde o período do estágio supervisionado III, em que pude problematizar e “*Geografizar*” com elas algumas relações espaciais que fazem parte de suas particularidades como cidadãos e como seres humanos.

Recordo-me das aulas de geografia que ministrei por três semanas em um 5º ano do ensino fundamental. Eram meninos e meninas de 10 e 11 anos cheios de dúvidas e espanto por depararem-se com uma geografia tão familiar com suas histórias de vida, experiências diárias e que ao mesmo tempo abdicava-se, ainda que por um momento, das descrições didáticas dos livros da escola, da escrita e descrição de elementos geográficos ainda tão presentes no ensino desse componente curricular e nas experiências escolares de forma geral.

Entre muitas recordações, as falas da professora supervisora também ficaram marcadas em mim durante o desenvolvimento das atividades de estágio, em que a todo momento ela afirmava “Nossa! Vocês são bem criativos! Nunca pensei que pudesse trabalhar tal assunto dessa maneira” “Se a minha formação fosse boa como a de vocês da UFAL, eu daria uma aula assim bem diferente, mas ...” Era sempre assim. Ao término de cada aula eram direcionados elogios seguidamente de justificativas, talvez lamentação ou denúncia em relação as lacunas de sua formação.

Ela mal sabia, a professora, que também passamos por muitas dificuldades em nosso processo formativo, principalmente em relação as teorias e métodos específicos do conhecimento Geográfico. Primeiro, porque nossas experiências na educação básica não foram significativas, o que acarreta na difícil compreensão dos conceitos geográficos e sua relação com a organização espacial a nossa volta. Segundo porque a formação não estaciona, ela é constante, demanda estudo contínuo por parte do/a professor/a, para que possa debruçar-se sobre as vastas teorias do campo geográfico e assim correlaciona-las com as teorias de ensino e aprendizagem do campo pedagógico, como é o caso do/a professor/a pedagogo/a.

Dessa maneira, a formação inicial é apenas o começo de um processo complexo e diário, principalmente quando esta demanda que o profissional desenvolva sua prática de forma interdisciplinar para o desenvolvimento cognitivo e humano de seus alunos. Nesse

caso, evidencia-se o/a professor/a pedagogo/a especificamente para sua atribuição junto ao ensino de Geografia nas séries iniciais.

Diante dessa realidade, é importante que o/a pedagogo/a esteja munido/a teórica e metodologicamente com as diretrizes básicas do ensino de Geografia como forma de garantir o direito da criança em desenvolver suas habilidades e competências geográficas, refletindo assim na sua formação enquanto sujeito crítico e ativo na sociedade, capaz de problematizar as organizações espaciais que fazem parte de suas vivências e experiências de vida nas mais diferentes perspectivas.

Amplia-se essa discussão a partir do entendimento que o ensino de Geografia nas séries iniciais é um processo muito importante para a formação das crianças, sendo estas sujeitos potencialmente capazes de desenvolverem habilidades e competências geográficas do cotidiano. (LESSAN, 2011)

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's, 1997) apontam que “o ensino de Geografia pode levar os alunos a compreenderem de forma mais ampla a realidade, possibilitando que nela interfiram de maneira consciente e propositiva” (BRASIL, 1997, p.108)

Ainda conforme sustenta a Legislação específica para o Ensino Fundamental, Lei n.º 11.274 de 06/02/2006 o ensino das disciplinas específicas deve ocorrer ainda no segundo ano até o quinto, em que nesses cinco anos, a escola através de suas propostas pedagógicas deve possibilitar que os alunos permaneçam na instituição com condições necessárias para a aprendizagem e tenham progressão nos estudos.

Por estes motivos, o presente trabalho tem como objetivo refletir sobre a formação do professor/a pedagogo/a para o ensino de Geografia nas séries iniciais, tendo como lócus de pesquisa as contribuições da disciplina de Saberes e Metodologias do Ensino de Geografia, ofertada no Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão, com o objetivo de compartilhar diferentes ponto de vista de alunos/as (graduandos/as) sobre as atribuições da disciplina junto a formação dos/das pedagogos/as para lecionar Geografia nos primeiros anos de escolarização da criança.

Para o desenvolvimento desse trabalho fez-se necessária a pesquisa bibliográfica baseada em publicações referentes ao tema, livros e artigos, assim como estudo de caso em que a escolha do instrumento de pesquisa se deu com o direcionamento de questionários aos

alunos do 7º (sétimo) e 8º (oitavo) período do curso de pedagogia, juntamente a socialização de algumas experiências do estágio supervisionado III visando alcançar de forma efetiva o objetivo geral desta pesquisa.

Para tanto, buscou-se reunir dados/ informações com a finalidade de responder o seguinte problema de pesquisa: de que forma a disciplina de Saberes e Metodologia do Ensino de Geografia, ofertada no curso de pedagogia da Universidade Federal de Alagoas - Campus do Sertão, faz-se pertinente para formação do/a pedagogo/a tendo em vista o desenvolvimento de práticas de ensino em Geografia nas séries iniciais?

No primeiro capítulo buscou-se refletir de forma sucinta sobre as **teorias que compõe o bojo epistemológico da ciência geográfica** tendo em vista problematizar quais as influencias dessas perspectivas para o ensino de Geografia escolar assim como entender de que maneira suas proposições teóricas configuram diferentes práticas de ensino de Geografia, principalmente para as séries iniciais.

Seguidamente, com a leitura sobre o **histórico do ensino de Geografia nas escolas brasileiras** objetivou-se problematizar fatos como: os ideais do estado via o ensino de Geografia defendendo a ideia de um único território; a unificação da Geografia e da História como disciplina única (ciências sociais) e outros elementos para discutir de que maneira esses fatores interferiram/interferem na formação dos profissionais que ensinam esse componente curricular de forma geral, o que conseqüentemente traz-se a discussão para formação do/a pedagogo/a.

Logo após, os **saberes e fazeres do/a professor/a pedagogo/a para o ensino de geografia nas séries iniciais** foram discutidos no trabalho a partir de referências em pesquisadores como Cavalcanti (2013), Callai (2014), Santos (2004), Carlos (2011) e outros. Esse entendimento é necessário para que a partir desses delineamentos teóricos as contribuições da disciplina Saberes e Metodologias do Ensino de Geografia possam ser analisadas junto aos estudos já postos no espectro da formação docente, tendo em vista os conhecimentos e habilidades necessárias para o ensino de tal componente curricular.

No segundo capítulo buscou-se percorrer por embasamentos teóricos pautados na perspectiva da **formação de professores** de forma geral, ressaltando a importância desta como mecanismo de garantia de um processo de ensino e aprendizagem significativo e que

corresponda as funções sociais dos diferentes saberes via educação escolar concomitantemente a prática docente.

Posteriormente a **formação inicial e continuada do/a pedagogo/a para o ensino de Geografia nas séries iniciais** também foi uma dimensão destacada neste trabalho, em que teve-se como ponto de partida as diretrizes do curso de pedagogia e as atribuições deste profissional em relação as competências que precisa desenvolver para ensinar Geografia. O objetivo desse tópico foi explanar a importância do/a Pedagogo/a ter o conhecimento pedagógico e geográfico correspondentes as demandas de ensino e aprendizagem dos sujeitos que fazem parte de suas ações educativas, principalmente ao que tange o ensino de Geografia para as crianças.

Para finalizar, tem-se a caracterização da área da pesquisa, apresentação e discussão dos dados levantados a partir das respostas dos questionários e atividades desenvolvidas pelos/as graduandos/as durante o estágio supervisionado III. Esta parte do trabalho tem como objetivo verificar a partir do ponto de vista e experiências formadoras desses/as estudantes quais as contribuições da disciplina SMEG no processo de formação inicial do pedagogo/a sendo este o ponto central da pesquisa.

Desse modo, o parecer deste trabalho constata que a disciplina de Saberes e Metodologias do Ensino de Geografia (SMEG) faz-se pertinente em sua contribuição teórica e metodológica para a formação do/a professor/a pedagogo/a, considerando que são as experiências de formação inicial que subsidiam e ampliam os saberes e fazeres básicos desses profissionais para atuarem nas séries iniciais da educação básica. Nesse estudo específico, tem-se a delimitação do caso de pesquisa em que propõem-se reflexões sobre a formação dos/as pedagogos/as para lecionar geografia nos anos iniciais.

2 PRÉ - PROJETO

JUSTIFICATIVA:

O que impulsionou a realização deste trabalho foi a compreensão acerca da importância da disciplina de Saberes e Metodologias do Ensino de Geografia no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas - Campus do Sertão em contribuição para o seu público alvo, professores e alunos da Universidade e da escola básica, com a utilidade no desenvolvimento de práticas de ensino em Geografia mais significativas para as séries iniciais.

HIPÓTESE

A teoria presente neste trabalho é voltada para o estudo da disciplina de Saberes e Metodologias do Ensino de Geografia (SMEG) e sua contribuição para a formação do/a Pedagogo na perspectiva do ensino de Geografia nas séries iniciais.

PROBLEMA:

Portanto, buscou-se reunir dados/informações com o propósito de responder ao seguinte problema de pesquisa: de que forma a disciplina de Saberes e Metodologias do Ensino de Geografia no curso de pedagogia contribui no desenvolvimento de práticas de ensino em Geografia nas séries iniciais?

TEMA:

A disciplina de Saberes e Metodologias do Ensino de Geografia no curso de pedagogia como forma de apontar quais as contribuições das experiências e vivências na disciplina para a formação do pedagogo.

DELIMITAÇÃO DO TEMA:

Para um estudo mais preciso, Esta pesquisa delimitou-se em colher informações sobre de que maneira as experiências formativas da disciplina de Saberes e Metodologias do Ensino de Geografia (SMEG) no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas – Campus

do Sertão, faz-se pertinente para a formação dos/as pedagogos/as tendo em vista o desenvolvimento de práticas de ensino em Geografia para as séries iniciais.

OBJETIVO GERAL:

O presente trabalho tem como objetivo geral realçar as contribuições da disciplina de Saberes e Metodologias do Ensino de Geografia (SMEG) para a formação do/a professor/a pedagogo/a na perspectiva do ensino de Geografia nas séries iniciais, tendo como referência as experiências formativas dos alunos de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Refletir sobre a importância da formação de professores e Educação;
- Demonstrar a importância do Ensino de Geografia nas séries iniciais;
- Relatar o ponto de vista dos alunos do curso de Pedagogia sobre a importância da disciplina de Saberes e Metodologias do Ensino de Geografia (SMEG)
- Analisar as contribuições teóricas e metodológicas da disciplina SMEG a partir das experiências formativas dos/as graduandos/as em Pedagogia durante o período do estágio supervisionado III.
- Constatar a importância da disciplina de SMEG para a formação do/a pedagogo/a.

SUGESTÕES DE CAPÍTULOS PARA EMBASAMENTO TEÓRICO:

PARA INÍCIO DE CONVERSA (BREVE INTRODUÇÃO)

GEOGRAFIA MODERNA E GEOGRAFIA CLÁSSICA

- Destacar as especificidades de ambas perspectivas teóricas

EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES

- Elaborar uma reflexão sobre a relevância da formação do professor para os contextos educacionais

BREVE HISTÓRICO DO ENSINO DE GEOGRAFIA ESCOLAR NO BRASIL

- Problematicar os fatos que marcaram o ensino de geografia nas escolas brasileiras, marcas como: os ideais do estado via o ensino de geografia defendendo a ideia de um único território; a unificação da geografia e da história como disciplina única (ciências sociais) e outros elementos de discussão.

SABERES E FAZERES DO ENSINO DE GEOGRAFIA NAS SÉRIES INICIAIS

- Apontar algumas características do pensamento geográfico e como este constitui-se; refletir sobre os direcionamentos necessários ao ensino de geografia nas séries iniciais assim como realizar breve leitura sobre os conceitos básicos para o ensino de geografia

A IMPORTANCIA DA FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA DO PEDAGOGO PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA NAS SÉRIES INICIAIS

- Reafirmar a importância de experiências formativas consistentes na formação inicial do pedagogo para o ensino de geografia; realizar uma leitura sobre as atribuições da formação inicial e continuada; analisar o que diz as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia; refletir sobre algumas atribuições do professor para o ensino de geografia)

METODOLOGIA

Este trabalho tem por finalidade realizar uma pesquisa, visto que serão utilizados conhecimentos da pesquisa para conhecer, explorar, descrever e explicar um fato relevante para a comunidade acadêmica, principalmente para docentes em processo de formação inicial.

Para ampliar a importância da pesquisa em relação ao estudo que este trabalho propõe, entende-se que “são as pesquisas que permitem o surgimento de novas interpretações, quando suscitem novos caminhos a serem pesquisados. O avanço teórico de algumas pesquisas possibilita a indicação de novas buscas para a problemática da prática pedagógica.” (FAZENDA, 2009, p.78-79)

Dessa maneira, é através da pesquisa que um problema pode ser melhor interpretado e suas variáveis podem ser compreendidas por quem pesquisa e por quem terá acesso aos desdobramentos da pesquisa em questão. Sendo assim, este estudo contribui para o conhecimento dos professores/as das séries iniciais, principalmente para o/a pedagogo/a, em que através desta pesquisa ele/a possa refletir e problematizar sobre seu processo de formação inicial tendo como parâmetro as contribuições da disciplina Saberes e Metodologias do Ensino de Geografia, seus direcionamentos e atribuições em relação a prática docente referente ao ensino de geografia nas séries iniciais.

Para a construção deste trabalho foram utilizados tipos de pesquisa como a exploratória em que “objetiva dar uma explicação geral sobre determinado fato, através da delimitação do estudo, levantamento bibliográfico, leitura e análise de documentos” (OLIVEIRA, 2012, p. 65). Sob o que fundamenta essa característica de pesquisa, justifica-se os procedimentos de busca bibliográfica específica sobre as epistemologias do pensamento Geográfico no Brasil e de como este influencia as perspectivas de ensino na escola básica e também na formação do professor. Destaca-se a busca por literatura que aborda o conhecimento sobre os aspectos históricos do ensino de Geografia escolar no Brasil e também de estudos que evidenciam qual a importância do ensino de Geografia nas séries iniciais assim como a relevância da formação inicial e continuada de professores para lecionar tal disciplina. Dados esses levantamentos, busca-se chegar ao cerne da pesquisa em que acarreta na reflexão sobre as contribuições da disciplina de SMEG para a formação dos saberes e fazeres do/a pedagogo/a para o ensino de geografia nas séries iniciais.

Portanto, esse tipo de pesquisa desenvolve estudos que dão uma visão geral do fato ou fenômeno estudado. Em regra geral, um estudo exploratório é realizado quando o tema escolhido é pouco explorado, sendo difícil a formulação e operacionalização de hipóteses. Muitas vezes, esse tipo de estudo se constitui em um primeiro passo para a realização de uma pesquisa mais aprofundada. (OLIVEIRA, 2012, p.65)

Essa afirmação justifica os primeiros passos do caminho da pesquisa em que foram necessários alguns conhecimentos prévios para pontuar algumas variáveis e conhecimento geral sobre o pensamento geográfico, ensino de geografia no Brasil e formação de professores as quais acreditamos serem essenciais para dialogar com o perspectiva central que o trabalho propõe.

Considerando a sequência de levantamento de estudos e variáveis referentes aos eixos ensino de geografia nas séries iniciais e formação de professores, destaca-se também a presença da pesquisa descritiva em que “procura descobrir a frequência com que um fenômeno ocorre, sua natureza, características, causas, relações e conexões com outros fenômenos”. (BARROS e LEHFELD, 2007, p.84).

Nesse sentido, buscou-se refletir a partir de diferentes pontos de vista, sobre qual a importância da disciplina de SMEG para a formação do/a pedagogo/a e verificar quais os vetores que estão imbricados na discussão, considerando que

A pesquisa descritiva vai além do experimento: procura analisar fatos e/ou fenômenos, fazendo uma descrição detalhada da forma como se apresentam esses fatos e fenômenos, ou, mais precisamente, é uma análise em profundidade da realidade pesquisada. A pesquisa descritiva é abrangente, permitindo uma análise do problema de pesquisa em relação aos aspectos sociais, econômicos, políticos, percepções de diferentes grupos, comunidades, entre outros aspectos. (OLIVEIRA, 2012, p. 68)

Desse modo, torna-se pertinente a pesquisa descritiva pela qual acredita-se na sua capacidade de apresentar diferentes possibilidades para averiguação de determinada problemática em estudo em que o pesquisador poderá apoiar-se em uma série de argumentos e fatos que justifiquem a importância do desenvolvimento da pesquisa.

Diante das características das pesquisas descritivas será possível detalhar de forma mais eficiente sobre o ponto de vista de alunos do curso de pedagogia da Universidade Federal de Alagoas- Campus do Sertão em relação a importância da disciplina de Saberes e Metodologias do Ensino de Geografia (SMEG) em seu processo formativo enquanto professores de Geografia nas séries iniciais, buscando através de suas experiências e vivências na Universidade compartilhar quais as potencialidades e possibilidades desenvolvidas através

da disciplina SMEG tendo em vista a prática deste profissional, o/a pedagogo/a, no ensino de Geografia nas séries iniciais.

A pesquisa bibliográfica também fez-se importante na construção teórica do trabalho assim como auxiliou na abordagem metodológica a ser utilizada. Suas contribuições podem ser percebidas no decorrer do trabalho em que foram apresentadas algumas reflexões sobre a importância do ensino de geografia nas séries iniciais, as tentativas de compreender as disputas empreendidas no campo epistemológico do conhecimento geográfico, os aspectos históricos do ensino de Geografia no Brasil, a formação do pedagogo dialogando com o ensino de Geografia nas séries iniciais entre outros pontos que foram baseados em livros, artigos, periódicos, teses, dissertações, leis e etc. Assim, a pesquisa bibliográfica caracteriza-se pela

Busca de informações bibliográficas, seleção de documentos que se relacionam com o problema de pesquisa; É entendida como o planejamento global-inicial de qualquer trabalho de pesquisa, o qual envolve uma série de procedimentos metodológicos; Precisa ser subsidiada por um planejamento de trabalho e pela adoção de critérios para facilitar, posteriormente, a redação da monografia. (MACEDO, 1994, p. 13)

Desta maneira, foram selecionadas as bibliografias que discutem sobre teorias gerais que fundamentam o corpo teórico deste trabalho consoante ao que Oliveira (2012) denomina de categorias teóricas. São elas: formação de professores e educação; o ensino de Geografia nas séries iniciais; a formação do/a pedagogo/a e seu estreitamento com o ensino de Geografia e outras. Também foi necessário recorrer a documentos específicos como os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia (2005) e outros que tornaram-se elementos contribuintes no decorrer da pesquisa.

Correlaciona-se assim, de forma muito pertinente as produções científicas que já existem com as que foram constatadas durante o desenvolvimento desta pesquisa. Por esse viés, tem-se a importância da utilização do estudo de caso o qual “é usado em muitas situações, para contribuir ao nosso conhecimento dos fenômenos individuais, grupais, organizacionais, sociais, políticos e relacionados. [...] um estudo de caso permite que os investigadores foquem um “caso” e retenham uma perspectiva holística e do mundo real. (YIN, 2015, p.4)

Dessa forma é a partir da análise das experiências e vivências de alunos da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão em relação a disciplina de Saberes e Metodologias do Ensino de Geografia em que serão discutidas as suas possíveis contribuições

no desenvolvimento dos saberes e fazeres do/a pedagogo/a para o ensino de geografia nas séries iniciais. Assim, congrega-se um número considerável de informações e pontos de vista com a finalidade de contribuir no conhecimento sobre o problema de pesquisa levantado.

Como instrumento de pesquisa utilizou-se o questionário como forma de obter vetores consistentes que consubstanciem a perspectiva da pesquisa de forma mais detalhada e objetiva por parte dos/as pesquisados/as. Segundo Oliveira (2012) o questionário pode ser utilizado para coletar “informações sobre sentimentos, crenças, expectativas, situações vivenciadas e sobre todo e qualquer dado que o pesquisador (a) deseja registrar para atender os objetivos de seu estudo.” (OLIVEIRA, 2012, p.83).

O mesmo autor orienta que o questionário pode ser constituído por questões fechadas ou abertas, em que na primeira opção o pesquisado assinala a alternativa que mais corresponde ao seu ponto de vista e na segunda opção, as questões abertas, dá-se a possibilidade de o pesquisado elaborar sua resposta de forma mais peculiar referente a abordagem temática da pesquisa o que permite ao pesquisador organizar as informações coletadas a partir das respostas do questionário consoante aos objetivos da pesquisa. Dessa maneira, o presente trabalho baseia-se no ponto de vista de alunos estudantes e professores/as já formados/as no curso de licenciatura plena em pedagogia da UFAL – Campus do Sertão sobre as possíveis contribuições da disciplina de SMEG correspondente à sua importância na formação dos saberes e fazeres destes profissionais para o ensino de geografia nas séries iniciais.

A abordagem do tratamento da coleta de dados da pesquisa será qualitativa, pois busca fonte direta para coleta de dados, interpretação de fenômenos e atribuição de significados. Obtém opinião dos pesquisados com questões abertas, por exemplo: Para este trabalho será necessário realizar a aplicação de um questionário semiestruturado com alguns alunos do curso de pedagogia e professores/as já formados/as e atuantes nas instituições de ensino dialogando com os seus relatos de experiências em relação a disciplina de SMEG e suas contribuições nas práticas que estão sendo desenvolvidas na perspectiva do ensino de geografia nos primeiros anos de escolarização das crianças no ensino fundamental.

O problema foi direcionado a pesquisa para as contribuições da disciplina de Saberes e Metodologias do Ensino de Geografia na formação do/a pedagogo/a da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão e ainda estudo de caso com os alunos graduandos/das em

Pedagogia na mesma universidade, sendo este importante recurso para obter levantamentos sobre a constatação da importância da disciplina de SMEG no curso de pedagogia como forma de contribuição ao processo formativo do pedagogo, em que será feito ao descrever experiências de formandos/as em relação a disciplina de SMEG reafirmando o Objetivo Geral da pesquisa:

O presente trabalho tem como objetivo geral constatar de que forma a disciplina de Saberes e Metodologias do Ensino de Geografia (SMEG) do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão, auxilia os/as professores/as pedagogos/as no desenvolvimento dos saberes e fazeres do ensino de geografia nas séries iniciais com a finalidade de demonstrar a utilidade da disciplina para desenvolvimento de práticas de ensino em geografia para séries iniciais mais significativas.

REFERÊNCIAL TEÓRICO

CAPÍTULO 1: A GEOGRAFIA COMO COMPONENTE CURRICULAR DA EDUCAÇÃO BÁSICA.

Para adentrar as discussões sobre as perspectivas teóricas-metodológicas que subsidiam o ensino de geografia nas séries iniciais, torna-se pertinente evidenciar o espaço escolar como campo de muitas tensões, sejam elas ideológicas, políticas e culturais, as quais correlacionam-se com as abordagens didático-pedagógicas de cada realidade escolar específica.

Entende-se que os desafios da escola, de forma geral, apresentam-se através de seus aspectos curriculares-pedagógicos em que suas dimensões operativas, metodológicas, culturais e formativas são constantemente colocadas em discussão. Desse modo, refletir sobre o ensino de geografia no espaço escolar requer problematizar algumas questões que antecedem o ato do ensino.

Para contextualizar a discussão, é necessário compreender como a geografia se constitui enquanto ciência e quais são os elementos de estudo que integram os saberes e fazeres geográficos. Essa atitude apresenta-se como necessária na medida em que a partir desses apontamentos poderão ser feitas considerações sobre o ensino da geografia escolar, especificamente nas séries iniciais, seus desafios e atribuições no contexto de educação que vivenciamos. “O conhecimento sobre as bases epistemológicas e metodológicas de uma determinada área do conhecimento é a porta de acesso do profissional da educação para que possa transformar o saber acadêmico em saber escolar”. (FANTIN, et al. 2013, p.73)

Nesse sentido, as leituras a seguir trarão uma breve reflexão sobre a construção do pensamento geográfico, e como ele se constitui como ciência, quais são as dimensões estudadas por essa área de conhecimento e os seus desdobramentos para as perspectivas atuais no ensino da geografia na escola.

No primeiro momento, pode parecer que esta discussão apresenta-se como uma parte incongruente ao corpo do trabalho, no entanto, é necessário reconhecer que não é possível discutir a perspectiva do ensino da geografia escolar, sem conhecer ainda que de forma resumida, sua epistemologia enquanto campo científico.

Existem outras questões que precisam ser discutidas antes da abordagem do ensino de Geografia. Por exemplo, questionar sobre o que é a Geografia? Sob quais influências o pensamento geográfico brasileiro apresenta-se? Qual a finalidade da ciência geográfica e seus desdobramentos para a geografia escolar? Entende-se que essas interrogações antecedem a discussão sobre os métodos e práticas que devem subsidiar o próprio ensino.

Desse modo, os apontamentos a seguir buscarão destacar de forma breve alguns elementos que influenciaram a constituição da Geografia enquanto ciência principalmente pelo viés da Geografia Moderna e Geografia Clássica discutindo como esses pensamentos podem trazer desdobramentos para prática de ensino da geografia escolar brasileira.

1.1 TEORIAS DA GEOGRAFIA MODERNA E GEOGRAFIA CLÁSSICA E SEUS DESDOBRAMENTOS PARA AS PRÁTICAS DE ENSINO DE GEOGRAFIA

Nessa parte do trabalho será realizada uma leitura sobre as teorias da Geografia Moderna e Geografia Clássica. Esse caminho foi escolhido objetivando conhecer os fundamentos do pensamento Geográfico tendo em vista posteriormente abordar o ensino de Geografia baseado nas concepções científicas a que se propõe essa área do conhecimento. Portanto, esse esforço torna-se necessário para refletir o currículo da geografia para a escola ao passo que auxilia na problematização dos conteúdos que devem/são ensinados e qual a finalidade dos mesmos para a educação escolar das crianças, tendo em vista que a pesquisa delimita-se no ensino de Geografia nas séries iniciais.

O pensamento geográfico sempre foi marcado por momentos de continuidades e rupturas. Várias contribuições teóricas foram constituindo-se desde a metade do século XVIII, compondo assim uma trajetória diversa para as formas como a geografia foi sendo desenhada durante todos esses anos.

No entanto é pertinente destacar a geografia em duas perspectivas que abarcam uma série de pensamentos e fragmentações da ciência geográfica. A geografia moderna, por exemplo, é um paradigma do século XVIII que se definiu enquanto modelo teórico-metodológico na construção do saber geográfico ao passo que foi uma vertente em que predominava a descrição dos elementos naturais da superfície terrestre, ou em análises parciais das relações que se estabeleciam entre homem e elementos da natureza.

Segundo Moreira (2011) um dos primeiros pensadores da geografia denominada moderna foi o filósofo Kant, que embora não fosse geógrafo, teve a predisposição para realizar a leitura da superfície terrestre pela rígida taxonomia dos elementos físicos do mundo, determinando ser a geografia a ciência que estuda os fenômenos espaciais, o que não era suficiente para a constituição da geografia enquanto ciência com saberes sistematizados e organização metodológica.

Seguidamente, será a partir das contribuições de Karl Ritter que foi possível pensar a geografia como ciência organizada por métodos para além da perspectiva taxonômica, a partir da implementação do método de corografia o qual consistia na comparação de paisagens da superfície terrestre e na sua classificação de acordo com os pontos em comum e singulares que elas apresentavam.

Dessa maneira, o pensamento de Ritter para a geografia moderna agregava as ciências pertinentes ao estudo do homem e suas relações na superfície terrestre, e ainda prezava pelo conceito e pela explicação de determinados fenômenos.

[...] propõe de forma direta o estudo das relações entre a superfície terrestre e a atividade humana. Em seu trabalho o estudo das relações era central e as mesmas se estabeleciam entre fatos físicos e humanos. A superfície terrestre é considerada o palco onde se desenvolviam as atividades praticadas pelo homem. [...] o princípio essencial da geografia estava na relação dos fenômenos e formas da natureza com a espécie humana. (COSTA e MENDES, 2010, p.30)

Moreira (2011) também aponta Humboldt como importante pensador da geografia moderna, em que sua participação se deu na continuidade do método comparativo estabelecido por Karl Ritter, mas por uma perspectiva diferente.

Humboldt utilizou a comparação e a corografia para realizar a análise da vegetação, constituindo um campo denominado geografia das plantas, em que sua concepção era de que “cada paisagem botânica é relacionada para baixo com a base inorgânica e para cima com a interação da vida com o homem” (MOREIRA, 2011, p.15). Segundo estudiosos, Humboldt realizou várias viagens científicas pelas quais realizou o estudo de diferentes paisagens a partir da descrição dos elementos que encontrava, assim pode-se dizer que sua marca para a geografia teve fortes influências do naturalismo, movimento que defendia a representação e descrição da realidade tal qual ela é, considerando assim que o indivíduo é alheio ao ambiente que vive e que este último é fator determinante para as relações que se estabelecem entre o homem e a natureza.

Esse paradigma foi aceito com mais proporção do que as teorias projetadas por Karl Ritter, embora ambos não resistiram por muito tempo, devido as fragmentações e tenções no campo científico. Moreira (2011) nos diz que após 50 anos sem nenhuma evolução do pensamento geográfico, é no paradigma estabelecido por Karl Ritter que os novos estudiosos do campo geográfico irão se basear.

A necessidade de fragmentar os saberes para atender as demandas da sociedade e suas aligeiradas transformações, levou a geografia a ser uma ciência de muitas vertentes. Moreira (2011) destaca que foi na segunda metade do século XIX que esses novos desdobramentos atingiram o pensamento geográfico, para ele, era o surgimento da geografia clássica.

Quaini (1983) cita as pesquisas de Friedrich Ratzel, como uma das primeiras contribuições desse novo pensamento geográfico. Sua teoria consubstanciada na antropogeografia busca explicar algumas intervenções do homem na superfície terrestre e também como o próprio meio modifica os modos de viver do homem, ele acreditava que os elementos naturais condicionavam as ações humanas.

De acordo com Quaini (1983) Ratzel entende que só é possível entender certas operacionalizações do homem com o meio a partir de pontos convergentes entre geografia física e da geografia humana.

Quaini (1983) também destaca os estudos de Vidal de la Blache¹ como fundamentos dessa nova abordagem da geografia em que é

[...] Caracterizada realmente por outra “preocupação de medida e de humanismo”. Sua obra “confere o espaço devido à espontaneidade humana em todas as manifestações da nossa espécie” e utiliza “um método de descrição regional em que a preocupação de estabelecer conexões racionais associa-se à pesquisa expressiva”. (QUAINI, 1983, p. 26-27)

Por esse entendimento, percebe-se que Vidal de La Blache, preocupa-se em seus estudos geográficos, com a presença do homem e suas expressões na constituição do espaço, dos lugares, constituindo uma geografia humana, não como condição do homem ser o centro da geografia, mas o homem pertencente a ela.

¹ Vidal de la Blache, P. , Le principe de la géographie générale, in “Annales de Géographie”, v (1895-6), 137 e seg.

Quaini (1983) argumenta que esse novo modo de entender a geografia não anula as contribuições de Humboldt e Ritter, mas que considera um avanço para a ciência geográfica no sentido de potencialização de seus objetos de estudo.

Visto esses apontamentos, no final da segunda metade do século XIX surge a necessidade de estabelecer uma geografia que tivesse como princípio o estudo do meio em sua integridade, ou seja, as relações complexas entre homem-natureza começam a ganhar espaço nas discussões geográficas da época, afirmando o constituição da Geografia Clássica.

O surgimento da Geografia Clássica, foi intensificado por muitos entraves e discussões, a crise e o triunfo no campo das ciências de forma geral. De acordo com Moreira (2011) a perspectiva da ciência rígida, a qual trata sobre os aspectos relacionados a natureza, e a ciência do homem que reflete sobre as relações deste com o mundo nem sempre andaram em consonância.

Estabelece-se a crise no sentido de que as ciências começaram a confrontarem-se. Verdades que antes eram indubitáveis agora começam a ser questionadas colocando em dúvida toda a veracidade dos processos e métodos científicos da época.

Sobre o triunfo, ele destaca que outros elementos foram constituindo-se como base para produção do conhecimento científico, uma resistência a fragmentação de aspectos inerentes a vida do homem, especificamente pelo viés do trabalho

“O fulcro condutor da face triunfante é divisão técnica do trabalho trazida pela segunda revolução Industrial, que fragmenta o trabalho, o pensamento e a sociabilidade exaustivamente, a começar pela fragmentação do conhecimento numa diversidade infinita de formas de ciências.” (MOREIRA, 2011, p.16)

Frente ao pensamento da corrente positivista² o trabalho tornou-se o ponto de partida para evidenciar elementos além da simples técnica. O homem começou a ser visto por outra perspectiva, como participante da natureza e das suas dinâmicas, e não como um objeto alheio a ela. Por um lado, uma ciência que utiliza-se da matemática como resposta para as diversas manifestações da natureza, por outro, a busca de uma ciência que apresentasse um rigor científico para estudar o homem, mas sem anular as suas subjetividades.

² O paradigma positivista é o que mais influencia a sociedade na perspectiva técnico-científica. Nessa abordagem, a matemática e a física encarregam-se de explicar os fenômenos da natureza, fragmentando o inorgânico, o orgânico e o humano em diferentes dimensões. Apresenta a física como sendo o parâmetro de orientação para as outras ciências. (MOREIRA, 2011, p. 16-17)

Esse fato ocasionou a criação das Ciências Naturais e Ciências Humanas, e agregados a essa nova dimensão no campo das ciências, Moreira (2011) nos diz que surgiram a Geografia Física, Geografia Humana e outros campos de estudo que foram inseridos ao conhecimento geográfico, conforme mostra o quadro:

Geografia Física / Campo de Estudos	Geografia Humana/Campo de Estudos
➤ Geomorfologia	➤ Geografia Agrária
➤ Climatologia	➤ Geografia Urbana
➤ Biogeografia	➤ Geografia Econômica
	➤ Geografia da População
	➤ Geografia da Indústria
	➤ Geografia do Consumo

Quadro 1 Fonte: Moreira (2011, p.18)

Essas duas ramificações da Geografia, demonstram que em termos de objeto de estudo a geografia expandiu suas perspectivas através de setores, o que na visão de Moreira (2011) torna-se uma ambivalência. Se por um lado, outras dimensões começam a ser estudadas pela ciência Geográfica, por outro, a geografia inclina-se para uma fragilidade teórico-metodológica por não conseguir consolidar um conhecimento específico e próprio da geografia, confundindo-se ou recorrendo em pequenas/grandes escalas aos saberes de outras áreas, inclusive da matemática e física. Como resultado dessas fragmentações têm-se

Esta dualidade física-humana que se desloca da teoria neokantiana³ para o plano interno da Geografia traz, entretanto, uma solução capenga para o problema da modelização. O modelito matemático da Física clássica parece se encaixar sob medida nas ações das geografias físicas setoriais, mas o modelito institucional da Sociologia-Antropologia não encontra um mesmo sucesso de aplicação nas geografias humanas setoriais. Daí a sensação de que a Geografia Física é uma parte da Geografia mais bem resolvida que a Geografia Humana. (MOREIRA, 2011, p. 19)

Enquanto a geografia física, buscou a união de diferentes saberes para a construção do conhecimento geográfico, mais especificamente na área dos estudos sobre a natureza, a

³ Corrente filosófica constituída na Alemanha e baseada nos ideais de Immanuel Kant, o qual apresentava aversão a vertente científica positivista. Defende a inserção da filosofia como parte integrante do campo científico com o pressuposto de que o pensamento crítico é resultado de um conjunto de elementos tangíveis e não tangíveis.

Geografia Humana não se manteve constante, principalmente pelas muitas divisões setoriais que não lhe permitiram estabelecer um olhar mais apurado das relações homem-natureza.

Assim, o que se pode concluir da Geografia Clássica é que suas ideias consolidaram-se a partir das seguintes perspectivas

[...] 1) a consolidação e ampliação das formas setoriais; 2) a reunião formal das geografias setoriais nas chancelas da Geografia Física, reunindo os setores de estudo da natureza, e da Geografia Humana, reunindo os setores de estudo do homem, no sentido neokantiano do homem social-cultural (o “homem empírico” de Foucault); e 3) o surgimento das alternativas unitárias, com o aparecimento da geografia Regional e a Geografia da Civilização. (MOREIRA, 2011, p. 19-20)

Constituída no período da Geografia clássica, a Geografia da Civilização, Segundo Moreira (2011) é a Geografia que estuda a relação homem-meio, considerando que essa relação coexiste com outras dimensões dentro de uma escala global. “E tem sua autoria numa pluralidade universal de pensadores que inclui de Ratzel, na Alemanha, e Reclus e Vidal de La Blache, na França, a Marsh e Sauer, nos Estados Unidos.” (MOREIRA, 2011, p.21)

Pelo que parece, apesar dos esforços de Kant e suas tentativas de estudar natureza e homem ainda que de maneira separada, acarretou na resignificação de sua teoria por outros pesquisadores que através de novos olhares utilizaram-se das teorias neokantianas apresentando muitos desdobramentos para a atualidade.

Nesse sentido, foi possível perceber que a ciência geográfica foi construindo novos pensamentos de acordo com as demandas apercebidas por alguns estudiosos, os quais apontaram novos rumos para a construção do saber científico geográfico, apresentando avanços nos estudos sobre as relações que existem entre o homem e a natureza e como elas podem ser problematizadas visando o entendimento da sociedade e suas transformações.

Desse modo os conceitos sobre o que é a Geografia e o que ela estuda, são resultados desse contexto transitório entre geografia moderna e geografia clássica em que pode-se perceber, enquanto consequência, diferentes influências e concepções sobre o que de fato é a geografia, sua finalidade e seus objetos de estudo.

1.2 BREVE HISTÓRICO DO ENSINO DE GEOGRAFIA ESCOLAR NO BRASIL

Para entender o contexto em que a ciência geográfica tornou-se também um componente do currículo escolar da escola básica brasileira, é necessário refletir sobre alguns fatos que estão atrelados as dimensões da ciência, sociedade e educação no Brasil.

De acordo com Faria (2012) e Martins (2014) é a partir do século XIX que dava-se início a discussão em relação a inserção da geografia no âmbito escolar. Juntamente a esse fato outras problemáticas iriam juntando-se a questão, como a estrutura da oferta da educação básica no Brasil e as tensões acerca do papel da escola, seus componentes curriculares, as formas que desenvolviam os processos de ensino – aprendizagem e outros.

A constituição da geografia como disciplina escolar ocorreu de forma tímida em um contexto marcado por fortes intenções políticas que apresentavam o discurso de uma unidade nacional a partir do território. Esse pensamento surgiu devido a dois fatores:

[...] a pouca articulação existente entre as diferentes regiões do Brasil, o que fortalecia as dinâmicas regionais em detrimento da unidade nacional; e o aspecto conservador do movimento de independência que se consolidou no país, no início do século XIX, rompendo com a dominação metropolitana sem alterar as bases de reprodução social e econômicas assentadas na grande propriedade monocultora e no trabalho escravo. (FARIA, 2012, p. 24)

Por estes motivos, a geografia escolar teria o papel de desenvolver nos sujeitos um sentimento patriota, de nação, a partir do território com o objetivo de formar cidadãos conscientes de um único espaço, o nacional.

Faria (2012) destaca a Lei federal de 15 de outubro de 1827, que garante criação das escolas de primeiras letras tem papel fundamental na introdução ao pensamento geográfico na escola, ainda que, a proposta da escola de primeiras letras estabelecia que seria ensinado “[...] a ler, escrever, as quatro operações de aritmética, prática de quebrados, decimais e proporções, as noções mais gerais de geometria prática, a gramática da língua nacional, e os princípios da moral cristã e da doutrina da religião Católica Apostólica Romana [...]”⁴(FARIA, 2012, p.27 *apud* VLACH, 2010, p.51).

Segundo o autor, apesar de certos conhecimentos serem estabelecidos como únicos elementos curriculares para as escolas em questão, o pensamento geográfico estaria nas entre

⁴ (Coleção das Leis do Império do Brasil de 1827 parte 1ª, 1878, p.72)

linhas do que esperava-se da escola e também na discussão de território, ou seja, na manutenção de nacionalidade e pátria uniforme.

Outro fato pertinente a introdução da geografia na escola brasileira, foi a criação do Instituto Histórico Geográfico do Brasil (IHGB), em 1838. Os estudiosos que compunham o instituto, entendiam que a geografia e a história serviam as elites como componentes para a administração pública e favorecer ao conhecimento de todos os Brasileiros.

A fundação do colégio Pedro II, no século XIX, também foi considerada um avanço de importante contribuição para o ensino de geografia. Faria (2012) evidencia que a geografia ensinada no colégio Pedro II, tinha muitas influências da geografia clássica e sua estrutura curricular era dividida da seguinte maneira “nos primeiros anos, para, a partir do sexto ano, estudar a descoberta da América, suas regiões e a fisionomia de suas paisagens naturais. Na sequência, recomendava-se o mesmo encadeamento para o Brasil.” (FARIA, 2012, p. 28)

Considerando que a discussão pelo viés do território era muito forte na geografia escolar da época, o povo brasileiro nem sempre era tido como sujeito entre as discussões geográficas, em que muitas vezes eram evidenciados como fator que dificultava o desenvolvimento do país.

Assim a perspectiva do território já se desenhava como única solução em que apenas a ação do Estado era tida como meio de progresso. Como resultado, constituía-se um ensino de geografia baseado na

[...] descrição do território como base física, isto é, definir nomes e a localização precisa dos componentes, sua quantificação e distribuição, sem a intenção de se produzir uma teoria explicativa para essa distribuição. A população, quando aparece, é vista em sua composição, mas a centralidade está no território. (FARIA, 2012, p. 28-29)

Quando o território passa a ser o centro das discussões geográficas da época, reafirma o poder do Estado e o consolida. “A unidade do país; reforçou-se o poder central, em detrimento dos poderes locais ou regionais; e produziu-se um imaginário de um país grande e pródigo.” (FARIA, 2012, p.29)

Essa perspectiva trouxe alguns desdobramentos para a educação em geral e também para o ensino de geografia, visto que a centralidade no território tinha como objetivo reforçar os ideais da república tornando a educação um elemento de manutenção das relações sociais,

mascarando assim as diferentes realidades sociais, políticas e culturais a partir da ideia de unidade, grandeza e imaginário social.

Faria (2012) também destaca que o avanço do capitalismo no século XIX, junto ao desencadeamento da revolução técnico-científica, refletiram nas novas formas de perceber e produzir o material do mundo, assim como influenciou nas relações sociais e nas instituições sociais, inclusive a escola, atribuindo-lhe finalidades e norteando quais os conteúdos que deveriam compor seu currículo.

Desse modo a vertente de ensino de geografia nas escolas tinha uma abordagem descritiva, caracterizada como ciência mnemônica, a qual preocupava-se “em localizar e nomear os elementos do espaço, sem a preocupação de um desenvolvimento teórico que explicasse a distribuição desses elementos pelo território.” (FARIA, 2012, p.35)

Por esse motivo, a geografia presente na década de 20 do século XX era constituída pela nomeação de objetos da natureza e do estudo dos aspectos étnicos da população. Faria (2012) destaca que os estudos de Carvalho (1938) tornaram-se um divisor de águas para o ensino da geografia escolar, uma vez que a partir da crítica a geografia clássica, defende que a descrição dos elementos da natureza não seriam suficientes para entender a dinâmica do território do país. Inclusive, tornava-se uma fragilidade para a implementação da geografia no currículo da escola, colocando em questão o discurso de pátria e sentimento nacionalista a partir do território.

Nesse contexto, esperava-se que a construção de uma nação forte e moderna fosse estabelecida pela educação escolar via ensino de geografia, pois seria a geografia responsável por formar cidadãos conscientes da unidade do país. É pertinente novamente destacar que a população era vista como obstáculo ao desenvolvimento do país, logo, seria através da escola, que o Estado totalitário consolidaria seus ideais através dos processos educativos.

De acordo com Faria (2012) a crítica posta por Carvalho (1938) era para que a geografia escolar fosse subsidiada por discussões teóricas para superar uma geografia meramente descritiva, sendo portanto capaz de formular explicações para as configurações territoriais, compreendendo quais foram os vetores que resultaram em tais arranjos espaciais.

Outra contribuição que pode ser considerada um avanço para o ensino da geografia escolar, foram os estudos de Delgado de Carvalho, os quais propunham a compreensão do país pela perspectiva da divisão em regiões.

Seu objetivo era estudar as regiões para além dos aspectos administrativos, mas considerando as diferenças físicas, climáticas e sociais que constituem as especificidades de cada região do nosso país. Esperava-se que os estudos geográficos a partir das regiões naturais pudesse estabelecer outros parâmetros para a Geografia Escolar, visto que o estudos das diferentes características das regiões frente ao objetivo de unidade nacional possibilitaria aos estudantes identificar-se com as especificidades de suas vivências em cada região.

Dessa maneira o pensamento estabelecido por Delgado de Carvalho, e os estudos de Aroldo de Azevedo marcaram a geografia escolar brasileira do século XX. Esse último, foi professor da Universidade de São Paulo e autor de vários artigos e livros didáticos de geografia das décadas de 1930 à 1960. De acordo com (GOMES e CARÓ, 2012) os livros didáticos produzidos por Aroldo Azevedo sofreram várias críticas, pois o pesquisador não conseguia apresentar uma especificidade uniforme da geografia escolar, abordando a geografia acadêmica no contexto escolar. Todavia, a perspectiva humanística eram notáveis em suas produções, o qual preocupava-se em abordar o homem brasileiro e suas relações com as diferentes divisões espaciais do Brasil.

Outro fato que também refletiu sobre o ensino de Geografia na escola foi a reforma Benjamin Constant. Essa reforma tinha como objeto estabelecer diretrizes para os conteúdos da escola básica com uma perspectiva positivista, apresentando-se, segundo Freitas (2015) como modelo elitista e liberal, pautada na disseminação de conteúdos e métodos. Desse modo o ensino de Geografia era operacionalizado da seguinte maneira

Ano/série	Conteúdos
1º Ano	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Geografia física ➤ Cartografia ➤ Astronomia ➤ Geografia do Brasil
2º Ano	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Geografia Política ➤ Geografia Econômica ➤ Cartografia

	➤ Astronomia Concreta
Demais anos	➤ Tinha-se apenas uma aula semanal para revisar o que aprendeu nos anos anteriores.

Quadro 2 Fonte: Faria (2012, p.51)

Como é possível observar, a geografia apresenta-se com conteúdos pré-determinados e influenciados pela geografia moderna, tendo o método descritivo como principal componente de suas ações na escola, a partir da localização e explicação de alguns fenômenos da superfície da terra.

A criação do colégio Pedro II, também ficou marcada nas discussões sobre o ensino de geografia na escola brasileira. Localizado no Rio de Janeiro e fundado em 1837, foi reconhecido como a instituição referência para o ensino de Geografia.

O colégio teve grandes contribuições na civilização pretendida ainda no Império, e na perspectiva de alguns estudiosos a instituição fortaleceu os interesses relacionados a formação da nação brasileira. Assim, perspectiva de Ensino de Geografia adotada pelo Colégio, assumia uma caráter descritivo, metódico e memorialístico em que seus conteúdos resumiam-se em

[...] exercícios de memória referentes às cinco partes do mundo, aos países da América, especialmente ao Brasil, e aos da Europa, com a preocupação de evitar minúcias, nomenclaturas extensas, dados estatísticos exagerados e tudo quanto possa sobrecarregar, quer no estudo da geografia física, quer no da geografia política e do ramo econômico. (FARIA, 2012, p. 51 apud ROCHA, 1996, p.216)

Dessa forma, ficou estabelecida uma geografia escolar que tinha como referência explicar os fenômenos sem considerar quaisquer outros contextos que não pudessem ser percebidos na explicação e descrição da superfície da terra.

Outro marco que desencadeou em novas propostas no modo de pensar o ensino de geografia escolar no Brasil, foi a reforma de Rocha Voz que ocorreu em 1925. Conforme aponta Faria (2012) o movimento tinha como objetivo apresentar pautas de discussões voltadas ao ensino da geografia na escola, problematizando a ausência de cursos superiores para formação de professores licenciados em geografia/geógrafos, as quais davam-se na maioria das vezes por professores formados em outras áreas que não a Geografia.

Dessa maneira, questionava-se um ensino com poucas discussões teórico-metodológicas para pensar em um avanço no ensino de geografia escolar marcada até então por um paradigma conservador que a constituía como disciplina descritiva.

Como a formação de professores foi reconhecida como uma das principais dimensões que seriam possíveis para a mudança do pensamento geográfico brasileiro, a iniciativa de Delgado Carvalho juntamente com o professor Everardo Backheuser ⁵ na oferta de um curso livre superior de Geografia no ano de 1926, ainda que atingindo um pequeno público de professores, tinha como objetivo central redirecionar o ensino de Geografia a partir de uma qualificação desses profissionais, na perspectiva de efetivar um pensamento geográfico renovado.

O manifesto dos pioneiros da Educação Nova em 1932 teve papel importante na ressignificação da educação de forma geral e também para o ensino de geografia. O movimento defendia que as práticas pedagógicas das instituições escolares deveriam estabelecer diálogos com as questões sociais, principalmente com a realidade dos seus alunos. Contrário a esse fato, tem-se os ideários de uma elite brasileira que atribuía a educação a função de qualificar o povo visando a modernização da sociedade.

A fundação da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, da associação de Geógrafos Brasileiros, ambos concretizados em 1934, e a criação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística em 1937, surgiram como vetores muito importantes para se pensar o ensino de geografia na escola básica, abordando discussões como formação de professores e apontando novos olhares para a geografia acadêmica.

Martins (2014) nos diz que a geografia francesa foi a primeira corrente teórica a se instalar no Brasil devido a alguns estudiosos franceses tornaram-se professores das instituições de Ensino Superior para a formação de professores em Geografia. Segundo a autora as pesquisas da época e as práticas pedagógicas desenvolvidas no ensino de Geografia foram muito influenciadas pelas obras de Vidal de La Blache.

Em contrapartida, Faria (2012) evidencia que a criação da Universidade de São Paulo em 1934 também merece destaque no ensino de uma geografia escolar renovada, visto que

⁵ Pedagogo Brasileiro, Geógrafo, Engenheiro e Geólogo, teve grandes contribuições no processo de reforma urbana na cidade do Rio de Janeiro. Possui produções no campo da Geopolítica pela qual firmou seus passos na docência por muitos anos.

seus pensadores foram influenciados pelas missões europeias que vieram prestar serviços na instituição.

Acredita-se que a partir de uma nova perspectiva cultural implantada pelos europeus foi possível descentralizar teorias e métodos no campo científico brasileiro. Dessa maneira, a inserção do novo olhar para o conhecimento trouxe desdobramentos para o pensamento conservador das elites estabelecidas na época e para o campo geográfico instigando ainda mais os debates entre os teóricos da geografia moderna e geografia clássica. Como resultado desse contexto têm-se

[...] a construção de um híbrido entre essas duas concepções geográficas que fundariam uma nova tradição, a qual perdurou como norma até, mais ou menos, a década de setenta do século XX, e que ainda hoje exerce certa influência nos currículos – na concepção de conhecimento da geografia escolar – e nas práticas de sala de aula. (FARIA, 2012, p. 60-61)

Moreira (2007) afirma que a Geografia Escolar no Brasil embora fosse um campo de disputas entre as visões clássicas e modernas, a vertente que mais teve influência entre as décadas de 40 e 70 foi a perspectiva da Geografia Moderna, principalmente pelas contribuições de Aroldo de Azevedo, que defendia o processo empírico para entender para os aspectos de uma paisagem, assim como o seu potencial econômico.

Seus estudos buscaram compreender as relações existentes entre a Terra e o Homem e os fatos econômicos que se estabelecem entre esses elementos. Também destacava o aspecto étnico e cultural como pressuposto das configurações territoriais e de poder.

Após o período da segunda guerra mundial, mais precisamente na transição entre o século XIX e XX as modificações políticas e econômicas do mundo constituíram grandes blocos econômicos firmados nos países centrais e que travaram uma disputa por territórios a partir do mercado.

Dessa maneira, a crise do modelo agrário brasileiro e a crescente industrialização no país apontaram novas configurações para a cidade atribuindo-lhe a centralidade dos processos sociais, demandando então mudanças tanto no campo político e também para as próprias relações sociais.

Nesse contexto, o Estado tinha grande interesse em reaproximar-se da ciência geográfica visto que a partir dela poderia centralizar os estudos sobre as configurações

territoriais que se estabeleciam no período, bem como montar vetores de dominação e controle.

Como desdobramentos desse fato, tem-se a centralidade do pensamento geográfico a partir de uma perspectiva quantitativa negando qualquer contexto natural, social ou técnico que possam auxiliar na compreensão do espaço. Logo, as análises qualitativas são negadas por serem vistas como obstáculos pelo Estado, visto que esse buscava invisibilizar qualquer interesse conflituoso dos sujeitos em relação aos acontecimentos do espaço e sociedade.

Essas mudanças decorreram, em sua grande parte, devido ao ideário de um modelo nacional desenvolvimentista que impôs as instituições sociais, principalmente para as escolas, uma perspectiva de educação para atender as necessidades do trabalho, desenvolvida a partir do estudo meramente técnico para qualificar mão de obra barata. Esse acontecimento refletiu na proposição de uma formação técnica para professores e redefiniu o currículo escolar, que demonstrava a supremacia dos conhecimentos acadêmicos em detrimento dos saberes escolares.

De acordo com Faria (2012) esse Estado centralizado e autoritário tinha como objetivo implementar seus interesses desenvolvimentistas via os processos educacionais, ampliando o número de vaga nas instituições escolares para alcançar o maior contingente de pessoas possíveis.

Como resultado desses interesses, a autonomia do Estado trouxe a vigilância sobre os processos pedagógicos desenvolvidos na escola, estabelecendo o controle sobre os conteúdos que poderiam ser ensinados, sobre o material didático e sobre a prática do/a professor/a que também era colocada em questão.

Esse viés conservador contribuiu para a reprodução de um pensamento hegemônico sobre as práticas educacionais e também para as relações sociais da sociedade, visto que, os materiais didáticos, nesse momento, carregavam grandes tendências ideológicas.

No caso da Geografia, assim como diversas outras áreas de conhecimento, os conteúdos científicos produzidos nos institutos vão aos poucos “colonizando” a escola e se impondo como norma. A organização dos conteúdos escolares a partir do desenvolvimento dos saberes da ciência representa, por um lado, uma perspectiva de entendimento da escola, de seus conteúdos e práticas, portanto do conjunto de elementos que ofertam um sentido à ela; por outro lado, essa organização também expressa um domínio estatal sobre a educação, que obedece aos desígnios dos poderes estabelecidos, por meio das normas de controle das práticas escolares. (FARIA, 2012, p. 65)

Nesse caso, os conhecimentos escolares tornam-se fortes vetores para reprodução ideológica do Estado, em que sua principal pauta era o desenvolvimento do país e a qualificação dos sujeitos para o mundo do trabalho. Assim, os conteúdos escolares estavam submetidos a hierarquia estabelecida entre conhecimento acadêmico e o que se estendia para a escola, e nisso consolidam-se os objetivos do Estado a partir da oferta de conteúdos prontos e acabados negando a possibilidade dos alunos de terem uma formação política no espaço em que passavam a maioria do seu tempo, ou seja, na escola.

Outro acontecimento que refletiu sobre o ensino de Geografia na escola e retardou o pensamento Geográfico brasileiro foi o golpe militar de 1964. Pois, para o modelo de uma sociedade conservadora o pensamento de uma geografia plural e positivista incidiria com a perspectiva da ordem nacional, entendendo que a geografia provocaria muitas problematizações sobre as questões sociais, políticas e econômicas do momento.

Desse modo, a Geografia escolar ainda era vista como uma extensão da Geografia acadêmica o que para o estado totalitário era uma boa manobra de firmar seus ideais hegemônicos e inquestionáveis até o momento.

Em decorrência disso, pensou-se em alguns mecanismos para vedar qualquer pensamento capaz de questionar as ações do estado via os conhecimentos escolares. Como as disciplinas de história e geografia eram a linha de frente que tencionavam determinadas variáveis sociais, em 1971, com a lei 5.692/71 foram banidos o ensino de História e Geografia do ensino fundamental e médio, ocorrendo a implementação da disciplina de estudos sociais.

A criação da disciplina de Ciências Sociais gerou muitas críticas pelos estudiosos da História e Geografia Acadêmica, pois segundo eles essa união ou falta de delimitação de uma área de estudo não iria apresentar nenhum progresso para produção de conhecimentos específicos nas duas áreas.

Em virtude desse fato, foi possível perceber o distanciamento da instituição escolar em relação às instituições produtoras de conhecimento, uma vez que a inserção da história e da geografia no currículo escolar não estava levando em consideração o que os estudiosos debatiam sobre essas ciências enquanto suas especificidades. Logo, a disciplina de ciências sociais era marcada “[...] pela ausência de objetivos formativos claros, de métodos definidos de análise da realidade e de uma epistemologia própria.” (FARIA, 2012, p. 71)

Considerando esse contexto que demarca o período militar e aponta para uma perspectiva de educação longe de ser uma dimensão autônoma e democrática, percebe-se que as novas reconfigurações para o ensino de Geografia e História podem ser compreendidas como mecanismos de controle de uma estado totalitário que não teria nenhum ganho com um ensino comprometido com formação política de seus alunos.

Pelo contrário, criava-se caminhos para negar as pessoas a possibilidade de realizarem uma leitura crítica da realidade ao seu redor, a começar pela instituição social que mais atende diretamente os sujeitos da sociedade, no caso a escola, pelas imposições de práticas e conteúdos que não poderiam ser questionados.

O que se pode afirmar é que os conteúdos escolares de Geografia e História (mesclados nas disciplinas de Estudos Sociais e Educação Moral e Cívica) deveriam contribuir para a educação – disciplinarização – do povo, sua adesão e contribuição para o que eles denominavam O Progresso da Nação! (FARIA, 2012, p. 73)

Dessa maneira, a instituição escolar passa a ser uma palco de grandes tensões e disputas pelas quais a elite brasileira buscava disseminar uma educação hegemônica visando a manutenção da realidade social.

O discurso de uma pátria grande e forte carregava em si o nivelamento das mazelas sociais e a negação das especificidades das regiões brasileiras e também das classes sociais, pois a afirmação de um país com um sentimento nacional único não poderia ter divisões sejam elas quais forem.

Embora a década de 60 tenha sido marcada por um período de vigilância e controle em relação ao ensino de geografia verifica-se que outros meios de resistências foram se desenhando. A exemplo

[...] trabalhos desenvolvidos nos cursinhos pré-vestibulares do Rio de Janeiro na década de setenta. Esses cursinhos, menos sujeitos aos controles e regulação do Estado, operaram como um abrigo para os professores que buscavam novas práticas no ensino de Geografia. [...] o ensino de Geografia para turmas de Jovens e adultos e/ou nas escolas públicas de periferia, nas quais os problemas sociais – portanto, uma Geografia não oficial – começam a fazer parte dos temas escolares. (FARIA, 2012, p.74)

Dessa maneira, torna-se importante destacar as iniciativas de sujeitos e movimentos sociais frente uma educação autoritária que buscava suprimir os plurais contextos que compunham a sociedade. Nesse sentido, a geografia toma outros rumos que não mais a descrição da superfície terrestre, mas uma geografia que questiona, aponta caminhos, conscientiza e desvela as causas da relações sociais que sucedem no espaço.

Entende-se que não é possível afirmar que a geografia escolar se renovou por completo, pois seria correr o risco de não assumir que existem atualmente práticas conservadoras e tradicionais no ensino de geografia.

No entanto, é pertinente que se pontue as movimentações e mudanças significativas nas dimensões teóricas-metodológicas ao que tange os debates sobre o ensino de Geografia no século XXI mais precisamente entre as décadas de 70 e 80, visto que diante do processo de redemocratização do Brasil novos paradigmas educacionais foram surgindo, permitindo assim que a geografia, tanto acadêmica quanto a escolar, apresentassem outros desdobramentos para a sociedade, em suas relações socioculturais, políticas e econômicas.

Para Martins (2014) a década de 70 marca o início da renovação da geografia sob as influências de Yves Lacoste⁶ o qual tencionava as mudanças no campo das ciências e da sociedade enquanto influenciava para o ensino de geografia, seja na sua composição curricular escolar ou na formação de professores.

Esse período foi marcado pela insatisfação dos recursos teóricos e metodológicos sobre a ciência Geográfica e o ensino da Geografia escolar ao passo que a vertente de uma geografia fragmentada não permitia a compreensão dos fenômenos sob diferentes escalas tornando-se um grave problema na visão de pesquisadores e professores de geografia.

Dessa forma, o período que corresponde as décadas de 80 e 90 foi marcado pelas mudanças ocorridas na sociedade brasileira no campo político e ideológico para organização do Estado, o que acarretou em novas configurações para o ensino no País.

Têm-se a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº. 9.394/96 que foi construída no intuito de apontar novas perspectivas e melhorar a qualidade da educação básica, ressignificando o sistema educacional brasileiro resultando posteriormente na criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que tinha como objetivo reorganizar as propostas curriculares para as áreas de ensino servindo como orientação teórica e metodológica para a prática docente.

No próprio documento fica evidenciado a importância da geografia escolar e seu papel social para os sujeitos, apontando que “O estudo de Geografia possibilita, aos alunos, a

⁶ Geógrafo Francês e pesquisador da Geopolítica. Buscou a partir de seus estudos dar novas perspectivas para o ensino da Geografia revelando o caráter político da geografia e seus desdobramentos para a sociedade.

compreensão de sua posição no conjunto das relações da sociedade com a natureza; como e por que suas ações, individuais ou coletivas, em relação aos valores humanos ou à natureza, têm consequências tanto para si como para a sociedade.” (PCN, 1997, p.76)

Por esse entendimento, pode-se inferir que é a geografia escolar responsável por possibilitar aos alunos a compreensão das dinâmicas da sociedade que influenciam em seus modos de ser e estar no mundo, questionando sobre os processos que desencadearam as representações espaciais e sociais em que encontram-se nas relações que estabelecem com seus pares e com o mundo.

Para isso, os PCN (1997) sustentam que o ensino de geografia deve partir de “um trabalho a partir de algumas categorias consideradas essenciais: espaço geográfico, paisagem, território e lugar sintetizam aspectos da organização espacial e possibilitam a interpretação dos fenômenos que a constituem em múltiplos espaços e tempos.” (PCN, 1997, p.83)

É, pois, sob a perspectiva dessas categorias que serão baseados os conteúdos da geografia para todas as etapas da educação básica, considerando a especificidade de cada momento vivenciado no processo de escolarização dos indivíduos e também em consonância com as competências a serem desenvolvidas em cada ciclo.

Para o professor, a constituição dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) trouxe atribuições importantes para o desenvolvimento da sua prática no ensino da Geografia no contexto escolar. Segundo aponta o documento, espera-se que

[...] o professor crie e planeje situações nas quais os alunos possam conhecer e utilizar esses procedimentos. A observação, descrição, experimentação, analogia e síntese devem ser ensinadas para que os alunos possam aprender a explicar, compreender e até mesmo representar os processos de construção do espaço e dos diferentes tipos de paisagens e territórios. (PCN, 1997, p. 77)

Diante de tamanha relevância, deve-se ter um olhar mais atento para a formação do/a professor/a, visto que é necessária para consolidar uma perspectiva de ensino que permita aos alunos o desenvolvimento de habilidades para realizar a leitura do mundo através do pensamento crítico via os instrumentos metodológicos referentes aos saberes geográficos.

Essa iniciativa trouxe desdobramentos para a implementação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) que tinha o controle sobre os livros didáticos da escola de educação básica, e que realizava uma avaliação através dos profissionais da educação, os

quais questionavam sobre a pertinência dos conteúdos que eram abordados nos livros, assim como as metodologias e orientações que os livros apresentavam.

Mais tarde em decorrência desse contexto, ocorre a efetivação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) enquanto mecanismo de avaliação para os últimos anos da educação básica em que o principal objetivo foi de realizar um levantamento sobre o nível de conhecimentos dos alunos e também mapear quais eram os índices de aprendizagem em contexto nacional.

Esses fatos surgiram em oposição a um ineficiência de um sistema de ensino baseado em práticas e métodos consubstanciados na transmissão de informações, o que segundo os estudiosos e críticos dessas reformulações, tanto a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), a implementação da do Programa Nacional do Livro Didático e a implementação do ENEM como processo avaliativo, foram mecanismos para organizar a educação conforme as necessidades do capital.

A defesa dessas reformas era justificada com a ideia de que o modelo educacional do país já não dava mais conta das novas exigências de uma sociedade que necessitava de um mercado competidor. Os avanços da tecnologia e um novo modelo de produção imposto pelo capitalismo suscitavam a emergência de um novo perfil de profissional, que pudesse dar conta dessa nova realidade. A educação, então, assumiu o papel de qualificar esse perfil para que atendesse aos padrões de qualificação exigidos por esse mercado. (MARTINS, 2014, p.65)

Nesse contexto, problematiza-se as vertentes do ensino de geografia que se estabelecem para as instituições escolares no Brasil, assim como volta-se o olhar para o professor e sobre a sua importância frente as questões relacionadas ao ensino de geografia para os diferentes momentos de escolarização dos indivíduos.

Tendo como base o enredo sobre os embates ideológicos e políticos a partir da ciência geografia e também das tensões que marcaram o ensino de geografia na escola, tem-se a hipótese de que a formação do professor é um âmbito a ser discutido como elemento alvo das perspectivas de ensino que se pretende estabelecer.

Dessa maneira, os próximos passos deste trabalho se firmarão na tentativa de compreender a importância da formação inicial e continuada do pedagogo, para subsidiar seu trabalho com a disciplina de geografia nas séries iniciais, assim como refletir sobre os possíveis desafios e possibilidades que este encontra ao lecionar tal disciplina nos primeiros anos de escolarização da criança.

Desse modo, antes de chegar até a questão da formação do pedagogo é necessário entender qual a importância da geografia para os anos em que o pedagogo leciona, para assim compreender a relevância da sua formação para a organização e desenvolvimento da disciplina de geografia nos primeiros anos do ensino fundamental da educação básica. Por este motivo, é importante conhecer de forma breve as discussões do campo de estudo da geografia para em seguida elencar seus desdobramentos para as inquietações do trabalho.

1.3 SABERES E FAZERES DO ENSINO DE GEOGRAFIA NAS SÉRIES INICIAIS

Antes de adentrar a discussão sobre o ensino de geografia no contexto escolar, torna-se necessário entender sobre o que trata a geografia e algumas de suas epistemologias enquanto campo científico, visto que é a partir dessas orientações que constituem-se os parâmetros para o ensino de geografia escolar, no entanto com especificidades bem diferentes.

Atualmente, a ciência geográfica é vista por alguns estudiosos como uma ciência complexa que estuda dimensões tangíveis e não tangíveis em diferentes escalas. FANTIN et al. (2013, p.21) nos diz que “A geografia estuda o espaço geográfico, em qualquer escala (local, regional, nacional, global) e numa perspectiva relacional”. O que permite apreender as escalas não no sentido de delimitação, mas trata-se da inserção de outros contextos e processos que representam as dinâmicas da sociedade, tendo como elemento de estudo o homem, suas relações entre si e com o mundo. O mesmo autor ainda complementa que a geografia “investiga a ação humana (em suas relações complexas) modelando a superfície terrestre, em parceria e/ou oposição à natureza, materializando tempos históricos sobrepostos. (FANTIN et al. , 2013, p.22). Esse pensamento compreende as subjetividades e relações humanas via os conhecimentos geográficos.

Milton Santos, influenciador do pensamento geográfico no Brasil e autor de várias obras de estudos sobre Geografia, a qual destaca-se “Por uma geografia nova” (2004), pela qual busca definir e/ou constituir o campo de estudo da geografia. Nesse livro, Santos (2004) afirma que a dificuldade de entender e estabelecer um pensamento geográfico mais sistemático, conciso, objetivo e que considere as múltiplas relações humanas, pode ser percebida pelo esforço e pela busca de encontrar um objeto de estudo pela perspectiva da geografia como disciplina e não como sendo o próprio objeto. Santos (2004) defende que a geografia deve ser entendida a partir do estudo do espaço, pois segundo ele, é o espaço que

explica as várias dinâmicas da sociedade, sejam elas políticas, culturais, econômicas, sociais e que as “categorias fundamentais como o homem, a natureza, as relações sociais, estarão sempre presentes como categorias de análise, embora a cada período histórico o seu conteúdo mude.” (SANTOS, 2004, p.25)

Influenciado pelos ideais marxistas, Milton Santos apresenta uma perspectiva de geografia como ciência que deve estudar as relações espaciais na totalidade. Santos (2004) pontua que a procura de um objeto “tangível” para torna-se o eixo norteador da ciência geográfica, trouxe vários danos e perdas para a mesma.

Reproduzir uma lista de definições da geografia é sempre cansativo, talvez contraproducente. Se uma ciência se define por seu objeto, nem sempre a definição da disciplina leva em conta esse objeto. Este é, particularmente, o caso da geografia, cuja preocupação com o seu objeto explícito - o espaço social – foi sempre deixada em segundo plano. Insistimos que essa falha é uma das causas do seu atraso no campo teórico - metodológico e tem responsabilidade pelo seu isolamento. Insistimos em que não pode haver progresso científico sem meditação a propósito da forma como os diferentes aspectos da realidade são estudados. (SANTOS, 2004, p. 145)

A preocupação exposta nessa afirmação, concerne na negação dos fenômenos sociais e sua pouca visibilidade nos estudos da geografia, principalmente na perspectiva da construção do espaço. Para Santos (2004) é necessário que o próprio objeto da geografia, o espaço social, seja o ponto de partida e de chegada para o entendimento das questões geográficas, tanto da ciência, como da disciplina.

Carlos (2011) afirma que a geografia nos provoca a pensar o espaço e suas relações complexas. O mesmo teórico, orienta que não trata-se de defender a geografia como ciência do espaço, mas destaca que é através dela que pode-se perceber a espacialidade em consonância com a realidade social.

A dimensão espacial da realidade esclarece primeiramente com sua vertente de raciocínio a localização e a distribuição das atividades e dos homens na superfície da terra, e, em seguida, possibilita ao pensamento que considera o espaço em seus conteúdos sociais como uma das produções humanas que permitem a concretização da vida. Nesse sentido, a prática social é especializada e a ação cumpre-se num espaço e tempo, realizando-se em várias escalas indissociáveis a partir do plano da vida cotidiana (CARLOS, 2011, p. 19)

Assim, além da atribuição de estudar o espaço- antes denominado de superfície terrestre- em sua objetividade material tal qual ele é, a geografia busca responder questões que estão diretamente ligadas com as relações que se estabelecem nesse espaço. Souza (2013) entende que a análise do espaço apenas enquanto superfície terrestre torna-se insuficiente,

tendo em vista que a constituição do espaço traz outros elementos para além do que materialmente se pode perceber.

Carlos (2011, p.22) ainda defende que “o pensamento geográfico não é homogêneo, mas contraditório e múltiplo” apresentando-se como um campo marcado por diferentes perspectivas teóricas-metodológicas, inclusive de disputas.

No entanto, os estudos de Carlos (2011) apontam que a Geografia estabelecida nos anos de 1970 e 1980 a qual defendia a leitura do espaço em sua complexidade, por ter grandes influências das teorias de Karl Marx sofre muitas resistências pelo pensamento neoliberal, pelo fato de que a geografia da época denunciava questões problemáticas do espaço geográfico apontando o homem como responsável por determinados acontecimentos.

Segundo o autor, a negação ao pensamento geográfico estabelecido até as décadas de 70 e 80 trazia como pautas o desenvolvimento de uma geografia fundamentada na eficiência, competência e mecânica, afetando conseqüentemente o trabalho do geógrafo na compreensão da sociedade atual.

Desta forma, contrariando essa vertente, cogitava-se a possibilidade de uma geografia crítica em que problematiza-se as atividades do homem sobre a superfície terrestre, o espaço, como processo de construção da realidade social.

A constituição de um saber geográfico, de suas formas de interpretação da realidade, da elaboração de teorias, se move num contexto histórico-social, o que significa dizer que as mudanças nos modos de pensar a Geografia são produto direto das transformações da realidade [...] Uma questão incômoda surge no horizonte: saber se é possível apontar a existência de um espaço geográfico ou de uma construção/compreensão do mundo ou da realidade a partir da Geografia. (CARLOS, 2011, p. 22)

Isto posto, a Geografia torna-se um elemento de análise das relações do homem com a sociedade ao passo que essa interação pode ser apreendida pelas transformações que ocorrem mediante a presença dos sujeitos na construção do espaço geográfico possibilitando uma leitura da realidade em diferentes escalas, sejam elas globais, locais, regionais, entre outras. Considerando sua perspectiva social e relacional a geografia constitui-se em que “[...] seu estudo implica a compreensão das relações que ocorrem nesse espaço e o processo que envolve essa construção” (MARTINS, 2014, p.69).

Nesse seguimento, a geografia por ser a ciência que estuda os elementos do espaço geográfico ressignifica as suas atribuições quando é apresentada pela ótica da geografia escolar. Pode-se dizer que o ensino de Geografia nas séries iniciais está ligado com as

relações que estabelecem-se entre a instituição escolar e a formação dos sujeitos, com ênfase nas finalidades e planos que a escola estabelece como metas pedagógicas através do ensino e aprendizagem do componente curricular.

Conforme a Legislação específica para o Ensino Fundamental, Lei nº. 11.274 de 06/02/2006 sustenta que o ensino das disciplinas específicas deve ocorrer ainda no segundo ano até o quinto, em que nesses cinco anos, a escola através de suas propostas pedagógicas deve possibilitar que os alunos permaneçam na instituição com condições necessárias para a aprendizagem e tenham progressão nos estudos. Nesse sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) orientam que “o ensino de geografia pode levar os alunos a compreenderem de forma mais ampla a realidade, possibilitando que nela interfiram de maneira consciente e propositiva” (BRASIL, 1997, p.108).

Nesse aspecto, apresenta-se um dado importante sobre o ensino da geografia no início do processo de escolarização dos indivíduos, visto que permite com que o aluno realize a leitura da sociedade de forma autônoma e crítica considerando a materialização no espaço e as questões sociais que o constituem, podendo intervir nas relações que se estabelecem no espaço e suas ramificações que fazem parte do cotidiano dos alunos.

Essas ramificações constituem os conceitos básicos pelos quais se estabelecem o ensino de geografia no ensino fundamental. De acordo com Lisboa (2007) os conceitos geográficos são o ponto de partida para o desenvolvimento do ensino da geografia escolar. São eles: espaço, território, região, paisagem e lugar.

É a partir dessas categorias que o/a professor/a irá nortear suas ações pedagógicas com o objetivo de mobilizar os alunos na compreensão da realidade a partir da totalidade dos fenômenos no/do espaço. A autora ainda nos diz que o estudo dessas categorias não deve ocorrer de forma fragmentada, pois embora essas dimensões apresentem diferentes perspectivas em seus conceitos e formas de análise geográfica, elas constituem-se como vetores para a leitura do espaço geográfico.

“A preocupação central do ensino de geografia, na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, é a construção da noção espaço-temporal” (FANTIN, et al. 2013, p.75). De acordo com o autor duas perspectivas teóricas constituem as orientações para o estudo do espaço ainda na infância, nos primeiros anos de escolarização.

Segundo Fantin (et al. 2013) as obras clássicas de Jean Piaget e Wallon apontam para a relação da criança e o espaço como dimensão essencial para o desenvolvimento de aprendizagens. No entanto ambos estudiosos enaltecem as relações empíricas e concretas que

os sujeitos, ou seja, as crianças, estabelecem com os espaços que fazem parte de suas experiências cotidianas.

Em contrapartida, o mesmo autor cita Vigotski (1993) e suas contribuições acerca da dimensão cultural enquanto elemento que faz parte das representações espaciais dos espaços que constituem as vivências das crianças. A cultura, segundo o autor “[...] no ensino de geografia, é um determinante na construção da noção de espaço, não apenas em sua fisicidade, mas no que diz respeito ao simbólico, ao imaginário e ao espaço como resultado da história de vida de cada um.” (FANTIN, et al. 2013, p.75).

Dessa maneira entende-se que “o espaço deve ser considerado como um conjunto indissociável de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, seja a sociedade em movimento” (SANTOS, 1988, p.9).

Em concordância com Santos (1988) têm-se o entendimento de que o espaço se constitui a partir das inter-relações que acontecem entre diferentes elementos e fenômenos presentes na organização da sociedade e que podem ser apercebidos entre as relações que o homem estabelece com a superfície terrestre.

No entanto, Souza (2013) adverte que o estudo do espaço apenas pela perspectiva da superfície terrestre traz algumas equívocos para o entendimento da amplitude do espaço, pois segundo o autor, analisar o espaço a partir das configurações dos processos naturais e feições da superfície terrestre pode invisibilizar as questões sociais que nele estão contidas, inclusive sobre a presença do homem em movimento na superfície terrestre.

Souza (2013) ainda evidencia uma outra questão dentro do espaço geográfico, é a constituição de um espaço social advindo da superação de uma concepção de espaço meramente tangível. O autor aponta que

Assim como o espaço geográfico, em uma primeira aproximação, corresponde à superfície terrestre, o espaço social, aqui, corresponde, também em uma primeira aproximação, e que igualmente precisará ser complementada, à superfície terrestre apropriada, transformada e produzida pela sociedade. (SOUZA, 2013, p. 22)

Tanto Souza (2013) como Santos (1988) correlacionam suas ideias ao defenderem que a concepção do espaço tem em sua estrutura epistemológica a insuficiência da superfície terrestre como única explicação do próprio espaço. Ambos entendem a vida, o movimento, as relações sociais, como elementos pertinentes para compreender a organização espacial e as influências da presença do homem na estrutura do espaço geográfico e do espaço social.

De acordo com Lesann (2011) as primeiras percepções sobre o conceito de espaço nos primeiros anos do Ensino Fundamental, se dá muitas vezes pelas noções referente a localização de determinados arranjos espaciais que fazem parte do cotidiano das crianças. O autor também elucida que o espaço é “o conceito mais específico para a geografia e, sobretudo, o mais abrangente, seu domínio pelo aluno não se dará ao final do Ensino Fundamental” (LESANN, 2011, p.48).

Pode-se inferir a partir dessa afirmação, que a construção do conceito de espaço não é algo pronto e acabado, visto que todas as etapas de ensino carregam em si determinadas especificidades referente ao ensino e aprendizagem da geografia que influenciam nas diferentes fases de compreensão do espaço, considerando os níveis de aprendizagens de cada turma/ano específico.

Nesse seguimento, destaca-se a importância dos alunos apreenderem este conceito como fator importante para se aperceberem dentro de um processo de constituição social considerando a apropriação dos espaços que usufruem. Ao mesmo tempo que poderão tornar-se autônomos para refletir sobre as relações que estabelecem com os diferentes espaços, reafirmando sua participação e contribuição frente as questões problemáticas presentes na organização dos espaços cotidianos, os quais eles, os alunos, poderão ter maior influência.

Sobre o conceito de **território**, têm-se uma série de elementos que estabelecem-se para compreender tal categoria geográfica. É muito comum que ao discutir sobre território muitas pessoas o entendam pelo viés de delimitação de terras ou o estabelecimento de fronteiras entre determinados espaços.

No entanto, outros aspectos estão imbricados na constituição do território, permitindo-nos afirmar que o território é mais do que a divisão ou delimitação de áreas geográficas. Para (SOUZA, 2013, p.78 *apud.* SOUZA, 1995, p.78) “o território é fundamentalmente, um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder”. Ou seja, para o autor não é a delimitação do espaço por si só que explica o território, mas as relações que nele acontecem, considerando as dimensões políticas das relações sociais, econômicas, culturais e outras.

Lisboa (2007) sustenta que o principal aspecto dentre outros que constituem o conceito de território, é o poder. E que junto a essa dimensão é possível destacar a presença da territorialidade no processo de constituição do território.

As discussões a respeito da territorialidade destacam a possibilidade de que as relações de poder não necessariamente efetivem áreas de ocupação e controle de determinados agentes, em que as fronteiras podem se manifestar instáveis. A territorialidade se mantém associada às relações de poder e se apresenta como a

tentativa de constituir um território, nem sempre materializável, através de fronteiras bem delimitadas. (LISBOA, 2007, p.28)

Ou seja, o território não pode ser compreendido apenas como algo visível, mas constitui-se a partir das condições relacionais que estabelecem-se na perspectiva das relações de poder. A territorialidade explica o movimento de formação do território em que percebe-se mais a categoria como um processo/condição indo além da limitação materialista. Nessa perspectiva, espera-se que a partir do ensino significativo sobre o conceito de território as crianças possam conhecer outros contextos de aprendizagens a partir do próprio território, compreendendo a partir das suas vivências e experiências a formação de diferentes vertentes culturais e sociais que constituem os territórios dentro de sua própria realidade.

É possível a partir do entendimento de território pensar em promover junto com os alunos a reflexão sobre quais as necessidades estão sendo contempladas no âmbito da construção de seus territórios, uma vez que este é percebido como resultado das relações e ações políticas que constituem as vivências dos sujeitos enquanto construção de campos diversos de experiências culturais, sociais, econômicas. Dessa forma as crianças poderão exercer sua autonomia e senso crítico frente as diferentes constituições de territórios, podendo problematizar quais os fatores que levaram a tal construção de pertencimento, identidade e de poder estabelecidos no território.

Outra categoria de análise geográfica é a **região**. De acordo com Lisboa (2007) e Souza (2013) o conceito de região, foi uma das categorias de estudo que mais provocaram discussões nas pesquisas geográficas. Os autores destacam uma série de reformulações acerca do conceito de região em que segundo eles as mudanças ocorreram devido aos vários momentos da geografia enquanto campo científico.

Lisboa (2007) pontua alguns momentos de concepção de região, os quais ela destaca a região natural, a qual mantém o foco no ambiente enquanto elemento principal para desenvolvimento da sociedade, apresentando um determinismo geográfico.

A região geográfica ou região paisagem, que descentraliza o ambiente como propulsor de desenvolvimento, entendendo as condições e necessidades humanas como aspectos que condicionam o meio e o utiliza conforme seus interesses.

A região homogênea e a região funcional que apresentam uma análise mais econômica das diferentes configurações espaciais. E por fim, a autora chega ao conceito de região caracterizado pelo sentimento de pertencimento da população a um determinada área do espaço, em que

As regiões são entendidas como o suporte e a condição das relações globais, sem o qual estas não se realizam. O processo de regionalização é o que dá origem às regiões. Dessa forma, secciona-se o espaço geográfico em partes que apresentam internamente características semelhantes. Os elementos internos de uma região não são idênticos, mas quando comparados aos elementos de outra região se percebe certa homogeneidade interna. (LISBOA, 2007, p. 29)

“Uma região pode ser politicamente menos do que uma nação. Mas vital e culturalmente é quase sempre mais do que uma nação; é mais fundamental que a nação como condição de vida e como meio de expressão ou de criação humana” (SOUZA, 2013, p.148 apud. FREYRE, 2011, p.124). Estas concepções nos levam a compreender a importância do conceito de região enquanto elemento de pertencimento das experiências singulares dos sujeitos dentro das configurações espaciais que fazem parte do seu cotidiano, da sua vida.

Deste modo, destaca-se a importância da abordagem deste conceito para que as crianças se percebem singulares em detrimento da constituição de um espaço mais amplo e com plurais configurações, sociais, culturais, econômicas. Logo, torna-se pertinente que o conceito de região seja abordado de maneira que proporcione a reafirmação da identidade da criança assim como possibilite que ela conheça através dos estudos ou de experiências concretas as especificidades de outras regiões que apresentam características diferentes da sua.

O conceito de **paisagem** no entendimento de Santos (1988) “resultam de movimentos superficiais e de fundo da sociedade, uma realidade de funcionamento unitário, um mosaico de relações, de formas, funções e sentidos.” (Santos,1988, p.21). A partir dessa concepção o autor entende a paisagem como tudo aquilo que a nossa percepção compreende e alcança, o conjunto da imagem que é formada em nossa visão do mundo juntamente de outros elementos perceptíveis, como sons, cores, cheiros, entre outros. O autor ainda destaca a percepção enquanto aspecto pertinente na apreensão da paisagem para além do que se apresenta visivelmente tornando a paisagem um campos de múltiplas dimensões.

Santos (1988) elucida que a ciência geográfica por muito tempo obteve a paisagem como objeto de estudo para compreensão da região. Porém com as constantes mudanças da sociedade, a leitura de região não poderia ser compreendida apenas enquanto a leitura da paisagem tendo em vista que as regiões sofrem constantes mudanças nesse mundo globalizado. Desse modo, o autor ressalta que para uma leitura das paisagens artificiais e naturais, é preciso conhecer a respeito dos objetos culturais, os quais são instrumentos que participam das relações do homem com o espaço. “A produção do espaço é resultado da ação

dos homens agindo sobre o próprio espaço, através dos objetos, naturais e artificiais.” (SANTOS, 1988, p.22)

Nesse seguimento, o mesmo compreende como paisagem natural aquela que nunca sofreu interferência do homem e a artificial como aquela a quem o homem conseguiu modificar, seja pelas suas relações sociais com o espaço ou pelas adaptações do desenvolvimento da sociedade.

A paisagem natural segundo santos (1988) quase não existe mais, pois vivemos em um mundo em constante artificialização, existindo portanto uma junção de formas naturais e artificiais na construção da paisagem. O autor refere-se a prótese espacial enquanto resultado das nossas adaptações diante das demandas da sociedade atual, a medida em que ele destaca

Os instrumentos de trabalho imóveis tendem a predominar sobre os móveis e a serem a condição de uso destes. Estradas, edifícios, pontes, portos, depósitos etc. são acréscimos à natureza sem os quais a produção é impossível. A cidade é o melhor exemplo dessas adições ao natural. (SANTOS, 1988, p.23)

É nessa perspectiva que ele segue relacionando a paisagem com a produção e os instrumentos de trabalho. Para Milton Santos, a paisagem esta correlacionada com as formas de trabalho organizadas em determinado contexto espaço-tempo, o qual a cada dia é visto à partir de uma análise individual, para um conjunto de sistemas que o cercam.

“Passamos dos objetos, geográfica e funcionalmente isolados, para os objetos agrupados sistematicamente e também sistêmicos.” (Santos,1988, p. 23). É nesse entendimento que ele julga a paisagem um objeto em constante mudança a medida em que ela se modifica de acordo com as relações que o homem estabelece com o trabalho, com os objetos de seu trabalho e também com o mundo.

A datação da paisagem também é possível a partir dos objetos culturais pertencentes a ela, no entanto é preciso nos atentar quais as compreensões que os objetos nos permitem fazer da paisagem tendo em vista que, ela própria permite uma leitura histórica dos espaços os quais estamos sempre fazendo leituras.

Outro aspecto que ele destaca da paisagem é quanto sua concepção entre o estrutural e o funcional. De acordo com Santos (1988) a paisagem é estrutural na medida em que é compreendida pela sua construção em termos materiais, como ela é constituída enquanto aspecto tangível.

A perspectiva funcional está relacionada ao uso e funções compreendidas em cada paisagem. De acordo com o autor a paisagem é um conjunto de formas, as quais podem ser diferenciadas em formas virgens (que foram criadas para novas funções) e as formas viúvas (as quais não se usam mais).

Cavalcanti (2013) também aponta a paisagem enquanto conceito importante para a leitura espacial. Para ela o conceito de paisagem no contexto escolar justifica-se pela sua possibilidade de permitir que os alunos realizem uma leitura do mundo, o seu pertencimento a ele e compreender a sua realidade.

A autora destaca a paisagem enquanto expressão das coisas no mundo, em que descrever a paisagem aguça muitos sentidos do indivíduo, permitindo a junção de diferentes experiências na compreensão da mesma.

A paisagem, de acordo com a autora, tornar-se a reprodução dos espaços ao longo do tempo, de forma concreta, pois à partir da sua leitura da paisagem é possível compreender os papéis dos objetos que dela fazem parte, os quais tem sentido à partir das relações sociais que se estabelecem com tais objetos.

Para Cavalcanti (2013) a paisagem é um conjunto de formas subjetivas, que precisam ser estudadas além do que a vista abarca. A autora realça a importância de refletir sobre as paisagens cotidianas, as quais segundo ela precisam ser vistas pelas diferentes dimensões que a paisagem apresenta, como sua estética, seus símbolos, e filosofia nela contida, permitindo aos alunos no âmbito da geografia ensinada na escola, e também a todas as pessoas que elaboram a leitura de uma paisagem, refletir, questionar e sentir sobre os aspectos cotidianos que constituem as paisagens que os cercam, estabelecendo como pressuposto os fundamentos conceituais da geografia como elementos que dão suporte as competências de observar, imaginar e descrever a paisagem urbana.

O conceito de **lugar**, apontado nos estudos de Souza (2013) consubstanciado nas pesquisas de Oslender (2004) pode ser entendido a partir de três dimensões: a localização, local e sentido de lugar.

Sobre localização, o autor compreende como um área geográfica afetada pelas relações econômicas e políticas que se sucedem nessa configuração espacial. Constitui-se pelas influências de uma macro-ordem que refletem nas atribuições, finalidades e

características do lugar a partir das necessidades econômicas e políticas que se estabelecem em determinada área geográfica.

O local pode ser entendido a partir de quadros espaciais em que acontecem relações e interações cotidianas. Para além da dimensão física, o local representa o contexto das comunicações, interações e relações que diferentes atores sociais estabelecem rotineiramente junto aos quadros-físicos que fazem parte de suas ações diárias. (SOUZA, 2013, p.113. Apud. OSLENDER, 2004, p.961-962)

É, pois, do entendimento de local que surgem os desdobramentos para os sentidos atribuídos ao conceito de lugar. Conforme evidencia Souza (2013), o lugar pode ser compreendido no entendimento de que a “experiência e a imaginação humanas se apropriam das características e qualidades físico-materiais da localização geográfica. [...] os modos como os indivíduos e as comunidades desenvolvem ligações profundas com os lugares por meio da experiência, da memória e da intenção. (SOUZA, 2013, p. 113-114, *Apud.* OSLENDER, 2004, p.962)

Para (THIESEN, 2011, p. 88. *Apud.* CARLOS, 1996) “o lugar é o espaço possível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido. Ressaltam-se nele as dimensões cultural, histórica e de totalidade.” Amplia-se tal significado quando nos apresenta o lugar na seguinte perspectiva

O lugar se constitui quando atribuímos sentido aos espaços, ou seja, reconhecemos a sua legitimidade para localizar ações, expectativas, esperanças e possibilidades. Quando se diz “esse é o lugar de”, extrapolamos a condição de espaço e atribuímos um sentido cultural, subjetivo e muito próprio ao exercício de tal localização. Os lugares extrapolam uma base física e espacial para assumir uma condição cultural, humana, subjetiva e política. Entram em jogo as representações que os sujeitos fazem dos lugares e o sentido que atribuem aos mesmos. (THIESEN, 2011, p.88)

Considerando todos esses elementos apontados pelo autor pode-se entender o lugar como sendo o espaço cotidiano constituído e apropriado as vivências do sujeito na sociedade, não apenas pelo viés da materialidade que o constitui, mas pela atribuição de valor e significado que ele, o lugar, carrega e em que “[...] o particular, o histórico, o cultural e a identidade permanecem presentes. Ele revela especificidades, subjetividades, racionalidades próprias do espaço banal, entendido como o espaço de todos, onde convivem a lógica local e a lógica global” (FANTIN, et al. 2013, p.102 apud. SANTOS, 2000).

Nesse contexto, destaca-se as contribuições de Fantin (et al. 2013) quando nos orienta que o estudo dos conceitos geográficos não podem ocorrer de forma escalar/linear como regra estabelecida, pois a ideia de sistematizar o ensino das categorias de análises espaciais a partir do mais próximo da criança para o mais distante pode silenciar algumas dimensões globais que constituem o espaço de vivência e experiência das crianças. É necessário considerar que

apesar de mais longínqua a configuração geográfica de outros espaços sejam dos espaços que constituem as vivências e experiências abstratas da criança ele pode ter grandes influências nas suas vivências e experiências de vida.

Dessa maneira concorda-se com a seguinte atribuição da geografia que “estudando os lugares como resultado das ações humanas que, materializadas no espaço, concretizam espacialmente as relações sociais e as formas de acesso aos bens para que cada um viva melhor (CALLAI, 2014, p.37). Ou seja, o lugar em que a criança vive suas experiências cotidianas deve ser um lugar questionado e problematizado levando em consideração os mecanismos de influência global e suas configurações para os lugares habitados e significados para as crianças. Nesse sentido, justifica-se a pertinência em trabalhar o conceito de lugar nas séries iniciais, na expectativa de que os alunos ainda no início do processo de alfabetização possam compreender as dinâmicas sociais dos lugares que ocupam na sociedade, na família e também na escola.

Haja vista o que foi apresentado sobre os conceitos que direcionam o ensino de geografia para as séries iniciais, é preciso considerar a perspectiva de que

O estudo dos conceitos não deve, no entanto, ser realizado isoladamente e se esgotar em si mesmo, pois estes somente adquirem real significado quando associados às realidades humanas. Além de não ser aconselhável o estudo dos conceitos de maneira isolada, os conteúdos geográficos escolares podem ser mais bem compreendidos quando se utiliza uma referência anterior associada aos conceitos da Geografia. (LISBOA,2007, p.33)

Diante desses apontamentos entende-se a partir da perspectiva de Lesann (2011) que o ensino de geografia nas séries iniciais deve possibilitar que os alunos desenvolvam habilidades e competências do cotidiano, cujas funções sejam de instigar a autonomia diante relações que os sujeitos estabelecem com o espaço e nas interações que nele acontecem no dia a dia. Assim, o autor entende que o ensino de geografia possibilita ao aluno a compreensão das diferentes realidades espaciais a partir da articulação de determinadas percepções e raciocínios pertinentes ao conhecimento geográfico.

O domínio de competências de cunho geográfico passa pela mobilização das habilidades em reconhecer elementos espaciais, identificar esses elementos, ordená-los, classifica-los, compará-los a padrões conhecidos; reconhecer o modelo ao qual correspondem; verificar sua distribuição, repartição, amplitude, organização, intensidade, reconhecer os processos naturais e antrópicos que levaram um determinado elemento espacial a apresentar um aspecto específico, no momento, assim como sua evolução no tempo; desenvolver análises espaciais e temporais em escalas diversas. (LESANN, 2011, p. 29)

Para Callai (2014) o ensino de geografia é a base para o aluno refletir sobre o espaço em que está inserido, ao passo que possibilita a formação cidadã dos sujeitos, contribui para a construção de sua identidade e promove autonomia nas formas de refletir sobre suas relações com a sociedade.

Dessa maneira, discutir sobre geografia nas séries iniciais requer considerar sua importância frente ao processo de alfabetização em que os alunos estão vivenciando. É necessário que a geografia desenvolva um papel significante nas séries iniciais, buscando dialogar com as orientações pedagógicas pertinentes ao nível de ensino e contexto que está sendo ensinada afim de promover a alfabetização do aluno para a leitura do espaço geográfico.

De acordo com Callai (2005) não se pode pensar a geografia e o pedagógico de forma separada, pois é necessário que quem ensina geografia e também outras disciplinas, tenha uma concepção teórica-metodológica fundamentada em uma perspectiva de educação que instigue os sujeitos a serem reflexivos e autônomos ainda nos processos educativos. A autora destaca que a contribuição da geografia junto ao processo de alfabetização dos alunos nas séries iniciais, se dá pela necessidade de que “para além da leitura da palavra, é fundamental que a criança consiga fazer a leitura do mundo.” (CALLAI, 2005, p. 232)

Diante dessa premissa, pergunta-se: quais as contribuições da geografia no processo de alfabetização dos alunos nas séries iniciais? Callai (2005) traz em seus estudos questões voltadas para a alfabetização e alfabetização espacial pelas quais apresenta as seguintes questões

Como realizar a leitura da palavra por meio da leitura do mundo? E como fazer a leitura do mundo por meio da leitura da palavra? Esse pode ser o desafio para pensar um aprendizado da alfabetização que seja significativo. Partindo do fato de que a gente lê o mundo ainda muito antes de ler a palavra, a principal questão é exercitar a prática de fazer a leitura do mundo. (CALLAI, 2005, p.232)

A autora traz a concepção de uma geografia unida ao processo de alfabetização da criança, e junto a isso defende que a geografia pode auxiliar na leitura do mundo juntamente com a leitura da palavra. Esse aspecto evidencia a necessidade de promover um ensino mais significativo a partir das contribuições da geografia escolar, tendo em vista a sua potencialidade de permitir que o alunos se percebam participantes do espaço em que estão inseridos. “O importante é poder trabalhar, no momento da alfabetização, com a capacidade de ler o espaço, com o saber ler a aparência das paisagens e desenvolver a capacidade de ler os significados que elas expressam.” (CALLAI, 2005, p.234)

Por esse entendimento, percebe-se que a geografia desenvolve um papel importante para o letramento dos sujeitos, visto que possibilita a leitura sobre os sentidos empregados nas palavras ainda no processo de alfabetização, promovendo que o aluno realize a leitura do mundo através das palavras em consonância com os conteúdos e campos de estudo que a geografia escolar propõe para a escola.

Para Straforini (2001) a importância do ensino de geografia se dá pela contribuição na construção de conceitos relevantes para o reconhecimento de determinados fenômenos que sucedem na sociedade, levando os alunos a entenderem os processos e variantes que resultaram nas relações estabelecidas entre o homem, o espaço geográfico e na organização social que nele está contida.

O autor também problematiza que o ensino de geografia assim como o ensino das outras disciplinas escolares possuem atribuições muito relevantes e que não podem ser entendidas fora do contexto de educação que se pretende ofertar.

[...] a importância ou o papel do ensino de Geografia nas escolas não podem ficar descolados do objetivo maior da Educação. De fato, não compete exclusivamente a essa disciplina o papel transformador. Não será ela a grande mártir da transformação ou da revolução. Pensar a Educação nesse sentido evoca a ideia de totalidade, pois ao contrário, estaríamos reproduzindo a fragmentação do conhecimento, tão perfeitamente utilizada pelo sistema dominante para a manutenção do status quo. (STRAFORINI, 2001, p. 25)

Deste modo espera-se que a finalidade do ensino de geografia junto com as demais disciplinas escolares resista a um sistema de educação que se apresenta numa perspectiva centralizada, excludente e alienadora. O que só será possível se a leitura de totalidade for estabelecida nas relações que os saberes geográficos estabelecem com as outras áreas de conhecimento.

Um grande desafio para a leitura da totalidade, é a influência dos ideais neoliberalistas que circundam a escola. Afinal, um ensino comprometido com a compreensão das relações que sucedem no espaço e suas implicações com a organização dos sujeitos na sociedade é tido como ameaça para os que buscam por meio da educação camuflar seus interesses e objetivos individuais em detrimento das necessidades coletivas.

Por esse motivo, faz-se relevante problematizar o ensino de geografia contextualizando com a condição de educação que se oferta. Pois, é nas contradições dos paradigmas educacionais que o ensino de geografia torna-se pertinente, na medida em que

possibilita a leitura dos fenômenos que condicionam e trazem desdobramentos para a organização do espaço.

Nesse sentido, a geografia escolar deve ainda no início do processo de escolarização da criança, promover um ensino que dialogue com a realidade desses sujeitos, correlacionando a partir de escalas locais e globais, determinadas realidades que influenciam as vivências e experiências dos alunos nos âmbitos, sociais, culturais, econômicos, políticos e outros. Desse modo, é possível afirmar que

O papel da Educação e, dentro dessa, o do ensino de Geografia, e trazer a tona as condições necessárias para a evidenciação das contradições da sociedade pelo espaço, para que no seu entendimento e esclarecimento possa surgir um inconformismo e, a partir daí uma outra possibilidade para a condição da existência humana. (STRAFORINI, 2001, p. 27)

Diante de tal afirmação, o ensino de geografia fica evidenciado como um elemento dentro do contexto educacional que permite aos sujeitos o contato com os conhecimentos relacionados a área geográfica, mediados pelo entendimento dos fenômenos da sociedade. Dessa maneira, a geografia escolar faz-se pertinente na séries iniciais consoante as suas contribuições na conscientização e formação de sujeitos/crianças autônomas capazes de identificar as variantes sociais presente no espaço, assim como problematizar a luz das linguagens da geografia e da própria infância, as condições que lhes são ofertadas social, cultural, política e economicamente de ocuparem os diferentes espaços que constituem suas experiências e vivências cotidianas.

CAPÍTULO 2: FORMAÇÃO DO/A PEDAGOGO/A PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA NAS SÉRIES INICIAIS.

2.1 EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES

É de conhecimento geral que a reflexão sobre a formação de professores está diretamente envolvida com as perspectivas de educação que se estabelecem em diferentes contextos, sociais ou históricos, os quais apontam desdobramentos para a sociedade e constroem significados para determinadas realidades educacionais.

Dessa forma, torna-se pertinente compreender quais as atribuições da educação para o estabelecimento de uma prática de ensino comprometida com a mudança social e com o protagonismo dos diferentes sujeitos envolvidos, visto que pensar a educação e suas concepções na perspectiva da formação de professores torna-se um exercício importante à medida que o estabelecimento de práticas de ensino muitas vezes correspondem aos modos que se entende a educação.

Logo, um ato relevante que antecede a reflexão sobre formação do pedagogo, é a compreensão da educação e como ela direciona os processos formativos do/a professor/a tendo em vista os objetivos e paradigmas educacionais que se estabelecem.

Como mencionado, a educação nos permite entender determinadas realidades históricas, sociais, políticas e culturais e como estas influenciam a sociedade. Amplia-se tal significado afirmando que a educação é uma dimensão da vida humana em que constituem-se as formas de ser e estar das pessoas no mundo, operacionalizando a partir de processos educativos a organização das relações que se sucedem em contextos diversos, visando a construção de saberes necessários para as relações do homem com a sociedade. (SAVIANI, 2011).

Portanto, a educação apresenta-se em sua trajetória histórica como uma dimensão permanente que sempre fez parte das relações humanas, tornando-se portanto um dimensão que está sujeita a transformações conforme o contexto histórico de cada sociedade. Ou seja, a educação e as formas de organização da sociedade são o resultado das relações mutuas de pensamentos e influencias que estabelecem entre si.

Freire (1979) em seu livro “Educação e Mudança” defende que a educação é um importante vetor para a transformação e significação dos modos de vida do homem sendo este último sujeito da sua própria educação e não objeto dela. Afirma também que o processo de

comunicação e interação é relevante para o desenvolvimento de uma educação menos centralizada, visto que estamos a todo tempo nos educando mutuamente.

Tendo como base o que Freire (1979) entende por educação, destacando a comunicação e a interação como fatores importantes para o processo educativo, tem-se a necessidade de evidenciar a importância da formação do professor para mediar tais processos, visto que espera-se que esse profissional comprometa-se na articulação de situações de aprendizagem na intenção de construir diferentes saberes com os alunos. Sobre o comprometimento do professor, Freire ainda destaca que

[...] a primeira condição para que um ser pudesse exercer um ato comprometido era a sua capacidade de atuar e refletir. É exatamente esta capacidade de atuar, operar, de transformar a realidade de acordo com finalidades propostas pelo homem, à qual está associada a capacidade de refletir, que o faz um ser da práxis (FREIRE, 1979, p.8)

Essa afirmação provoca-nos a entender que o/a professor/a deve ter a sensibilidade para refletir sobre suas ações pedagógicas revisando de forma crítica sobre as suas perspectivas de ensino tendo em vista a sua relação e contribuição no processo das transformações sociais que também acontecem via os processos educativos. Inteira-se a discussão na defesa de que “[...] para o educador não basta ser reflexivo. É preciso que ele dê sentido à reflexão. A reflexão é meio, é instrumento para a melhoria do que é específico de sua profissão que é construir sentido, impregnar de sentido cada ato da vida cotidiana [...]” (GADOTTI, 2003, p.22)

Dessa maneira o olhar para o/a professor/a na visão de Freire (1979) e Gadotti (2003) nos faz pensar o quão importante é que estes profissionais sejam preparados para as realidades sociais que estão envolvidas em seus saberes e fazeres. De modo que, desde a sua formação, o/a próprio/a professor/a problematize as intenções, condições e finalidades do seu processo formativo, estabelecendo como condição principal as suas atribuições frente as necessidades educacionais em que vivencia histórica e culturalmente.

O estabelecimento de “[...] uma contraconsciência, estrategicamente concebida como alternativa necessária à internalização dominada colonialmente, poderia realizar sua grandiosa missão educativa. De fato o papel dos educadores e sua correspondente responsabilidade não poderiam ser maiores” (MÉSZÁROS, 2008, p.58)

Por esse entendimento, a formação de educadores demonstra sua pertinência para a constituição de uma sociedade mais consciente, ativa e autônoma diante dos paradigmas que a cerca. Nesse sentido, é pertinente compreender a ligação entre a perspectiva de educação que se estabelece e a forma em que é pensada a formação do/a professor/a tendo em vista que a

correlação entre essas dimensões refletem diretamente nos processos formativos ofertados aos sujeitos da educação. Ou seja, a formação do professor está interligada com diferentes sentidos e objetivos atribuídos a educação.

Seria um erro, porém, atribuir a formação do professor o papel de única variável que garante a qualidade no contexto educacional. Existem outras questões como o contexto familiar, fatores socioculturais e socioeconômicos, aspectos estruturais e curriculares referentes as instituições de ensino e outros que compõem um conjunto de vetores para a garantir uma educação de qualidade para as pessoas.

De acordo com Gadotti (2003) a formação do/a professor/a tem papel fundamental para a educação do futuro. O autor afirma que as novas demandas educacionais exige que o/a professor/a desenvolva uma trabalho mais reflexivo sobre a sua prática e que este considere o contexto em que está inserido, promovendo uma relação de ensino e aprendizagem mais dialogada, participativa e comunitária.

Por esse viés, compreende-se que a educação do futuro é um desafio à profissão docente, na medida em que propõe ao/a professor/a o desenvolvimento de habilidades e saberes para além das que são postas pelas prescrições curriculares. A educação do futuro solicita ao/a professor/a que utilize os seus saberes para instigar em seus alunos a autonomia, a leitura de mundo, participação social, o exercício do pensamento crítico e a vida em sociedade.

No entanto, existem determinados fatores que não possibilitam que essa atribuição do/a professor/a seja efetivada de forma significativa. Entre eles, destaca-se o despreparo teórico-metodológico na formação destes profissionais, o que reflete no estabelecimento de lacunas em suas práticas pedagógicas. E outro dado é em relação as formas operativas, curriculares e organizacionais da instituição escolar que muitas vezes carregada de omissão ou indiferença, resultado dos paradigmas implementados na escola, não colaboram para que o/a docente a desenvolva um bom trabalho.

Moura (2010) em seus estudos alinhados ao pensamento Foucaultiano, nos diz que a escola está sempre resignificando o sentido de suas ações, mas que seu papel principal ainda é o de organizar e preparar os sujeitos para ocuparem uma estrutura social previamente estabelecida.

Foucault nos mostra, porém, que antes de meados do século XVIII o homem não existia. Enquanto objeto de conhecimento, o homem é o resultado da configuração epistemológica do saber moderno e um efeito do poder disciplinar. Isso não seria possível sem a ajuda da pedagogia, da escolarização e das instituições educativas. A

escola deve ser compreendida, a partir de Foucault como um local de articulação dos poderes e saberes na produção do sujeito moderno. (MOURA, 2010, p. 14)

É nesse sentido, que entende-se a formação do/a professor/a como um fator de conflitos e interesses, visto que, a escola como um campo de embates ideológicos e políticos, tem na presença e atuação do/a docente a inegável realidade desses sujeitos enquanto principais agentes das ações empreendidas no espaço escolar. Logo, acentua-se o olhar vigilante para suas práticas e pensamentos por diferentes seguimentos. Nesse contexto, pergunta-se a quem interessa a formação desses profissionais?

É, pois, na retomada do discurso de educação do futuro que torna-se necessário esclarecer que não são apenas os entraves da educação formal que está nas entrelinhas dessa discussão, ressalta-se o fato de que a educação sofre influências de outros setores da sociedade, que desenham as formas de se fazer/conceber educação nas instituições de ensino e consequentemente refletem também na formação do/ professor/a.

De acordo com Mészáros (2008) muitas questões educacionais não podem ser resolvidas apenas através da burocracia ou legalidade da educação formal, pois essa atitude atribuiria somente para a escola as responsabilidades das mazelas que acontecem na sociedade. Para o autor, certas problemáticas da educação precisam ser entendidas como sendo resultados de um todo, ou seja da totalidade das práticas educacionais estabelecidas na/pela sociedade.

Assim a sociedade capitalista resguarda com vigor não apenas seu sistema de educação contínua, mas simultaneamente também de doutrinação permanente, mesmo quando a doutrinação que impregna tudo não parece ser o que é, por ser tratada pela ideologia vigente “consensualmente internalizada” como o sistema de crença positivo compartilhado de maneira legítima pela “sociedade livre” estabelecida e totalmente não-objetável. A demais, o que torna as coisas ainda piores é que a educação contínua do sistema do capital tem como cerne a asserção de que a própria ordem social estabelecida não precisa de nenhuma mudança significativa. (MÉSZÁROS, 2008, p.82)

Em concordância com essa afirmativa e correspondente ao que se promove enquanto formação para os professores, têm-se uma problemática que ficará registrada como interrogação: As condições e intencionalidades imbricadas na formação do professorado também não correspondem a um mecanismo de manutenção do capital? Pode-se responder a tal inquietação a partir de outras hipóteses que podem ser ampliada para mais questionamentos, como: Para que e para quem é a Educação? De que maneira essas tensões podem ser percebidas no campo da formação de professores?

Saviani (1999) traz inquietações em sua obra *Escola e Democracia*, em relação as perspectivas tradicionais de educação denominadas por ele de não-críticas, em que atrelava-se ao ensino a atribuição de único meio de organização e ordem social para os sujeitos e suas relações com o sistema de sociedade constituída.

Essa perspectiva intelectual visava atender aos ideais da burguesia que se instaurava com o discurso de educação para todos e dever do estado, atribuindo ao espaço escolar a responsabilidade para sanar todas as problemáticas sociais vigentes, refletindo também no papel e formação do professor.

A escola surge como um antídoto à ignorância, logo, um instrumento para equacionar o problema da marginalidade. Seu papel é difundir a instrução, transmitir os conhecimentos acumulados pela humanidade e sistematizados logicamente. O mestre-escola será o artífice dessa grande obra. A escola se organiza, pois, como uma agência centrada no professor, o qual transmite, segundo uma gradação lógica, o acervo cultural aos alunos. [...]Como as iniciativas cabiam ao professor, o essencial era contar com um professor razoavelmente bem preparado. (SAVIANI, 1999, p.18)

Nota-se que mesmo em um momento marcado pela redemocratização do país, a vertente de educação que se estabelecia era centralizadora, tanto ao que diz respeito a função heroica da escola quanto ao papel atribuído a figura do mestre/professor. Percebe-se que mesmo diante das iniciativas de uma educação para todos, ainda que de uma maneira contrária a concepção de uma educação libertadora idealizada por Freire (1999), a formação do profissional é vista como algo que deve ser superficialmente tratada.

Outro período que Saviani (1999) destaca é a constituição de um tecnicismo-pedagógico em que o autor aponta como grande reflexo advindo dos ideais do movimento escolanovista. De acordo com seus estudos, a escola nova, promoveu o deslocamento das discussões educacionais suprimindo-as do âmbito político para a perspectiva técnico-pedagógica, tendo como objetivo cumprir “uma dupla função: manter a expansão da escola em limites suportáveis pelos interesses dominantes e desenvolver um tipo de ensino adequado a esses interesses” (SAVIANI, 1999, p.22).

Dessa maneira, a escola assumiria uma postura reguladora frente as questões políticas e sociais atrelados aos processos educativos, ao passo que, foi necessário uma reinvenção do próprio movimento da escola nova acarretando, segundo Saviani (1999), na criação do movimento “Escola Nova Popular” que ainda de forma tímida tentava ir de encontro a uma perspectiva de pedagogia que se instaurava nas discussões educacionais, elevando mais as técnicas e métodos do que o próprio contexto social dos sujeitos. Assim

Se na pedagogia tradicional a iniciativa cabia ao professor que era, ao mesmo tempo, o sujeito do processo, o elemento decisivo e decisório; se na pedagogia nova a iniciativa desloca-se para o aluno, situando-se o nervo da ação educativa na relação professor-aluno, portanto, relação interpessoal, intersubjetiva - na pedagogia tecnicista, o elemento principal passa a ser a organização racional dos meios, ocupando professor e aluno posição secundária, relegados que são à condição de executores de um processo cuja concepção, planejamento, coordenação e controle ficam a cargo de especialistas supostamente habilitados, neutros, objetivos, imparciais. A organização do processo converte-se na garantia da eficiência, compensando e corrigindo as deficiências do professor e maximizando os efeitos de sua intervenção. (SAVIANI, 1999, p. 24)

Diante de tal fato, é possível perceber que os lugares ocupados por professores e alunos nesse contexto histórico renega suas condições de sujeitos e os torna objetos dos paradigmas educacionais, de modo que, fica claro na afirmação do autor que o docente era condicionado a orientação e organização dos processos educativos sem realizar nenhuma intervenção, ou seja, era apenas um instrumento da implementação das técnicas e conhecimentos transmitidos por outros especialistas em extensão aos alunos em processo de escolarização.

Na perspectiva de Saviani (1999) a consolidação das teorias crítico-reprodutivistas no campo educacional, trazem fortes discussões acerca dos condicionamentos sociais para o âmbito escolar. Assim, tem-se a escola e a educação escolar, marcadas por fatores externos e variantes como condição social, cultural, gênero, idade e uma série de outros elementos que passam a constituir as relações estabelecidas nas práticas educativas.

Destarte, esse conjunto de fatos apontam para a necessidade de mais uma vez reafirmar a importância da formação do/a professor/a no horizonte das transformações ocorridas na sociedade, principalmente considerando um histórico que evidencia os diferentes pensamentos que travam profundos embates na disputa pelo poder ideológico e político tanto nos espaços escolares como dos diversos processos educativos que coexistem.

2.2 A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA DO/A PEDAGOGO/A PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA NAS SÉRIES INICIAIS

As Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Pedagogia, em seu Art. 6º nos diz que a estrutura do curso deve respeitar a diversidade nacional e a autonomia pedagógica das instituições de ensino em que as práticas desenvolvidas pelos profissionais formados em pedagogia devem ser baseadas por ações pedagógicas que considerem as diferentes linguagens das crianças logo nos primeiros anos de escolarização, promovendo o ensino de

conteúdos nas diferentes áreas de conhecimento como a Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História e Geografia, Artes e Educação Física.

Percebe-se que a responsabilidade do pedagogo no processo de ensino nas séries iniciais se caracteriza por sua prática polivalente em que esse profissional precisa ter os conhecimentos básicos para lecionar os conteúdos programáticos para cada área de conhecimento conforme elencamos acima. Nesse sentido, as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Pedagogia apontam que

Art. 3º O estudante de Pedagogia trabalhará com um repertório de informações e habilidades composto por pluralidade de conhecimentos teóricos e práticos, cuja consolidação será proporcionada no exercício da profissão, fundamentando-se em princípios de interdisciplinaridade, contextualização, democratização, pertinência e relevância social, ética e sensibilidade afetiva e estética. (BRASIL, 2005, p.19)

A formação inicial e continuada do pedagogo é um precedente relevante para a efetivação de uma prática de ensino significativa nas séries iniciais. Por se tratar de um profissional que lida com diferentes saberes no processo de ensino e aprendizagem, torna-se pertinente reafirmar a importância da sua construção formativa, seja em seus primeiros passos a partir da formação inicial, ou sob a ótica dos processos contínuos de formação que o pedagogo submete-se durante sua carreira profissional.

Percebendo a importância do ensino de geografia, como já mencionado no decorrer deste trabalho, propõe-se alguns apontamentos sobre quais condições e necessidades faz-se pertinente a formação inicial e continuada do pedagogo frente ao ensino de geografia nas séries iniciais.

De acordo Fantin (2013) discutir sobre o ensino de geografia na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, tem sido visto como algo desconexo, principalmente pela visão em relação a geografia que muitas vezes a escola e seus interlocutores impregnam sobre a mesma, criando a expectativa de que os alunos decorem nomes e conceitos relacionados aos vastos elementos geográficos.

Dessa maneira, a formação tem em sua primeira ação, desconstruir algumas concepções que deturpam o real significado de ensinar geografia em qualquer nível de escolaridade, nesse caso, especificamente para os anos iniciais. O ensino de geografia não é pautado somente na descodificação de acidentes geográficos, pelo contrário, deve possibilitar que o aluno consiga compreender as dinâmicas espaciais que fazem parte de seu cotidiano sendo capaz de problematizar quais as causas, razões e circunstâncias em que tais configurações espaciais se apresentam. Dessa maneira é importante que a formação inicial e continuada possibilite que o

docente acompanhe as mudanças teóricas e metodológicas que sucedem dentro das áreas de conhecimento em que lecionam, nesse caso das transformações ocorridos no conhecimento geográfico.

No caso do pedagogo, a quem Callai (2014) afirma ter uma formação generalista, é necessário uma atenção mais redobrada, pois sendo este um profissional que tem que lidar com diferentes áreas de conhecimento, é pertinente que seja ofertada uma consistência teórica e metodológica com os elementos básicos que norteiam o ensino de geografia.

Nessa perspectiva, a formação do profissional pedagogo deve lhe proporcionar as condições necessárias para a prática do ensino de geografia, desvinculadas de concepções já superadas, descaracterizando o ensino de geografia como dimensão meramente conceitual, descritiva e decorativa.

Nesse sentido, refletir sobre a importância da formação do pedagogo na perspectiva do ensino de geografia não é uma ação que demanda curiosidade, ao passo que provoca-nos problematizar e tencionar sobre as seguintes interrogações: o que de fato o pedagogo sabe sobre ensinar geografia para crianças nas séries iniciais? Quais as referências e experiências de seu processo formativo lhe dão auxílio na prática cotidiana da sala de aula referente ao ato de ensinar geografia?

Desse modo, a formação inicial e continuada do pedagogo faz-se pertinente para que no contexto da sala de aula, em seu exercício profissional, o pedagogo não se depare com algumas lacunas que refletem em práticas esvaziadas teórica e metodologicamente. No entanto, sabe-se que não existem conhecimentos imediatos que tenham respostas para todas as necessidades educacionais vigentes, por isso, evidencia-se a formação como aspecto importante e não heroico, visto que outras questões como: condições sociais e econômicas dos alunos, infraestrutura da escola, a participação da comunidade escolar e outros elementos constituem uma série de relações que estão imbricadas no sentido de promover um ensino e educação de qualidade. Assim, “Percebe-se o quão importante é aprofundar a investigação a respeito do currículo da geografia, das propostas oficiais, das condições da escola, da formação docente, desvendando caminhos que efetivamente permitam aos professores ensinar geografia. (CALLAI, 2014, p.39)”

Por esse entendimento, têm-se a importância do professor pedagogo vivenciar algumas práticas de ensino orientadas ainda no início de seu processo formativo, visto que será nessas aproximações de ser/fazer docente em que se constituirá um profissional capacitado para

manusear os saberes e fazeres do ensino de geografia ressignificando-os em sua prática de acordo com as necessidades que irá deparar-se no contexto da sala de aula.

Para enfrentar os desafios postos atualmente na educação escolar, é necessária uma formação consistente. Essa formação é a que propicia ao professor segurança para tratar os temas disciplinares, para analisar a sociedade contemporânea, suas contradições, suas transformações; para compreender o processo histórico de construção do conhecimento, seus avanços, seus limites; e sensibilidade para compreender o mundo do aluno, sua subjetividade, suas linguagens (CAVALCANTI, 2002, p.112)

A perspectiva de Cavalcanti (2002) nos revela que além dos saberes necessários ao ensino de geografia, o professor deve considerar o contexto social, político, cultural presente em sua prática e na constituição do conhecimento que se evoca no espaço escolar. Pelo que se pode entender o vetor da sensibilidade para compreensão do sujeito aluno, é que faz o professor expandir sua concepção de ensino de uma vertente transitória, baseada na transposição de saberes, para uma perspectiva construtiva em que todos os que fazem parte das ações pedagógicas estabelecidas no processo de ensino, são potencialmente sujeitos participantes e construtores de saberes que possuem especificidades e experiências de vida diferentes.

Lerina (2013) aponta que o ensino de geografia deve estar comprometido com a construção de competências cotidianas, destacando a relevância da formação dos professores que lecionam tal disciplina para o conhecimento das epistemologias do pensamento geográfico, assim como a apropriação dos embasamentos teóricos e metodológicos específicos do saber/fazer da geografia escolar concomitantemente as orientações pedagógicas que estabelecem-se.

O ideal é que as ações pedagógicas dos professores possam articular saberes relacionados ao processo de construção do conhecimento geográfico junto as vivências cotidianas de seus alunos, visto que, na medida em que há o estreitamento de determinada área do saber em relação as experiências que o aluno apresenta no decorrer da vida, o processo de aprendizagem torna-se mais significativo.

Nesse sentido, Martins (2014) defende que as experiências de formação continuada dão subsídio para que os professores repensem acerca de suas experiências na sala de aula, junto a outros profissionais, permitindo que através das reflexões teóricas e metodológicas, interfiram e repensem sobre suas perspectivas de ensino, e coletivamente superem práticas que não correspondem ao processo de ensino comprometido com o desenvolvimento da autonomia e aprendizagem de seus alunos.

No que diz respeito ao ensino de Geografia, Lopes (2010) nos diz que o professor que pretende promover um ensino mais significativo para os seus alunos deve considerar que o ensino de geografia deve ser orientado por meio de categorias conceituais ao passo que o profissional deve reconhecer a inseparabilidade dos saberes geográficos concomitante aos conhecimentos pedagógicos e os relativos a ação educativa no contexto das práticas de ensino.

Segundo o autor, é imprescindível que o ensino de geografia estabeleça epistemologicamente e metodologicamente um diálogo com as orientações pedagógicas que se estabelecem de acordo com cada nível de ensino. No caso das séries iniciais acredita-se que o professor que ensina geografia para crianças deve ter o conhecimento básico sobre as teorias de desenvolvimento e aprendizagem para então subsidiar suas práticas considerando os sujeitos em questão, tendo como eixo norteador o ensino dos “[...] saberes envolvidos no processo de transformação dos conhecimentos geográficos e de ciências afins em conhecimento a serem ensinados aos alunos.” (LOPES, 2010, p.176)

Seguinte este raciocínio de inter-relação entre os diferentes saberes pedagógicos e geográficos, Lopes (2010) entende que para a mobilização dos saberes geográficos na perspectiva do ensino de geografia nas séries iniciais, os professores devem mobilizar alguns conhecimentos. São eles: conhecimento disciplinar geográfico e de disciplinas afins; Conhecimento pedagógico geral; Conhecimento do contexto da ação educativa; Conhecimento pedagógico geográfico.

Sobre o conhecimento geográfico e de disciplinas afins, o autor reafirma a importância de compreender as epistemologias da construção do conhecimento geográfico assim como os conceitos e temáticas discutidas pela geografia. Alerta também sobre a importância do professor ter a clareza dos objetivos da geografia escolar no currículo pedagógico, visto que será essa concepção que irá nortear as ações pedagógicas deste profissional. Também destaca a necessidade do conhecimento sobre os documentos oficiais que contém as diretrizes do ensino de geografia, pois são esses documentos que na maioria das vezes fundamentam as formações inicial e continuada de professores.

Sobre o conhecimento pedagógico geral, o autor afirma a necessidade de conhecer a teorias gerais de educação para que a partir desse entendimento as práticas relacionadas ao ensino de geografia estejam dialogando com os fundamentos e valores éticos de educação que marcam as transformações educacionais da sociedade. Nesse sentido, entende-se a necessidade de estar em dia com as leituras de educação que se constroem na

contemporaneidade para que possa estabelecer os métodos e práticas de ensino que correspondem as perspectivas educacionais emergentes.

Em relação ao conhecimento do contexto da ação educativa, Lopes (2010) traz a importância do professor conhecer as especificidades de seus alunos e o contexto sociogeográfico aonde irá desenvolver suas ações pedagógicas. Destaca também a relevância de do professor compreender as dinâmicas sociais e estruturais da realidade que adentra sua sala de aula a partir de alguns recortes que irão fundamentar as análises geográficas via as práticas educativas que pretende-se promover. Logo, o estudo da comunidade escolar, cidade, bairro, estado e país, concomitantemente as experiências cotidianas que os alunos estabelecem com essas configurações geográficas, tornam-se pertinentes a um processo de ensino de geografia mais significativo para ambos sujeitos, docentes e discentes.

E por fim, sobre o conhecimento pedagógico geográfico, o autor compartilha das inter-relações estabelecidas entres os saberes pedagógicos e saberes geográficos, na medida em que esse estreitamento torna-se necessário para a reflexão e reorganização das práticas de ensino, via os fundamentos e metodologias que serão desenvolvidas pela ação pedagógica para o ensino de geografia.

Diante esses apontamentos, reafirma-se mais uma vez a importância de uma formação consistente tendo como princípios o entrelaçamento dos saberes e fazeres pedagógicos e geográficos. Pois, é no cerne desse encontro que o professor deve fundamentar sua prática como agente de mudança e conscientização, principalmente ao que refere-se ao ensino de geografia o qual permite aos alunos a compreensão de determinadas realidades sociais, econômicas, culturais, a partir do espaço das suas vivências e experiências.

3 ANÁLISE DOS RESULTADOS

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DA PESQUISA

O local escolhido para o desenvolvimento da pesquisa foi a Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão, instituição de nível superior, pública, do sistema Federal de ensino, localizada no município de Delmiro Gouveia – AL. Iniciou suas atividades em março do ano de 2010 em virtude do processo de Expansão das Universidades Federais Brasileiras desenvolvido pelo Governo Federal em que seu maior objetivo foi proporcionar a formação pública e de qualidade para os sujeitos que residem longe dos grandes centros urbanos.

A Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão, Unidade de Delmiro - Gouveia –AL, oferece uma significativa diversidade de cursos superiores para atender a região, nas áreas de Pedagogia, Geografia, História, Engenharia de Produção e Engenharia Civil. As salas são climatizadas, possui uma biblioteca bem estruturada com acervo bibliográfico diversificado, laboratórios e refeitório, ambos em processo de aquisição de equipamentos para efetivação de funcionamento, brinquedoteca, cantina, núcleos para atendimento estudantil com a disposição de técnicos administrativos, assistência social e recentemente atendimento de um/a profissional de psicologia.

Nesse sentido, a realização desse estudo teve como sujeito de pesquisa alunos matriculados no sétimo e oitavo período do Curso de Graduação em Pedagogia dos turnos matutino e vespertino, desta instituição de ensino. Em outubro de 2018, 28 alunos contribuíram para a pesquisa apresentando os seus pontos de vista em relação a importância de questões como formação de professores, sobre os conhecimentos básicos para ensinar Geografia, a importância do ensino de Geografia nas Séries Iniciais, assim como compartilharam relatos sobre suas experiências formativas em relação a disciplina de Saberes e Metodologias do Ensino de Geografia destacando a importância desta para sua formação enquanto pedagogos/as.

3.2 APRESENTAÇÃO DOS DADOS

A pesquisa foi realizada por meio de questionários virtuais, socializados através de link – seguindo a estrutura dos formulários web com a utilização do Google Forms, aplicativo do Google que possibilita a criação, compartilhamento e fácil disponibilidade de formulários na web – encaminhado para os alunos do 7º (sétimo) e 8º (oitavo) período da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão. O questionário foi respondido durante o mês de outubro de 2018 em que o resultado da pesquisa obteve cerca de 28 respostas. Este questionário foi escolhido como recurso metodológico pela sua amplitude de alcance e também pela versatilidade para o pesquisador e também para os sujeitos da pesquisa. Sua elaboração visou conhecer e compartilhar diferentes ponto de vista de discentes do Curso de Pedagogia em relação a importância e contribuição da disciplina de Saberes e Metodologias do Ensino de Geografia para a formação docente, em especial para o ensino de geografia nas séries iniciais, tarefa esta realizada na maioria das vezes pelo/a profissional pedagogo/a.

Tendo em vista a constatação das contribuições da disciplina SMEG para a formação do/a pedagogo/a decidiu-se socializar algumas atividades realizadas por graduandos/das do curso de pedagogia relacionadas ao período do estágio supervisionado III, em que os mesmos tiveram a experiência de lecionar para as crianças do fundamental I em escolas do município de Delmiro Gouveia e circunvizinhos. Desse modo, essas experiências serão compartilhadas para dar sustentação as respostas dos graduandos/as ao mesmo tempo que irá dialogar como objetivo geral deste trabalho que é conhecer de que maneira a disciplina de Saberes e Metodologias do Ensino de Geografia contribuem para o processo de formação acadêmica do/da professor/a pedagogo/a.

Para coleta de dados utilizou-se perguntas abertas e fechadas, com o objetivo de obter o maior número de informações possíveis acerca da pesquisa, além de possibilitar uma visão diversificada sobre diferentes ponto de vista em relação a temática do trabalho. Do total dos 28 alunos que responderam o questionário, 3.8% foram estudantes do sexo masculino e 96.2% do sexo feminino, sendo estes discentes do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão. Para expandir e compreender diferentes percepções sobre a questão da pesquisa, foram apresentadas 13 questões para os alunos com finalidade de obter um parecer do objetivo da pesquisa. Para a discussão dos dados os sujeitos da pesquisa foram identificados como “Graduando/a 1” “Graduando/a 2” de forma subsequente.

A primeira questão está relacionada aos saberes e fazeres docentes essenciais para lecionar geografia nas séries iniciais: **“Na sua concepção, quais os saberes e fazeres necessários para a prática docente no ensino de geografia nas séries iniciais?”**

Os saberes básicos para o ensino da geografia seria o conhecimento teórico sobre as categorias principais, lugar, território, espaço, paisagem e região. Os fazeres seriam a prática aliada ao cotidiano dos estudantes, para que os mesmos possam dar significância para o que estudam. (Graduando/a 1)

Saberes: as categorias citadas são importantes para as séries iniciais. Na questão dos Fazeres aulas práticas são bem mais sucedidas que as teóricas apenas, claro, não deixando de na prática apresentar a teoria. A construção de objetos geográficos e jogos é muito bom. (Graduando/a 2)

O professor ao lecionar a disciplina deve incluir no cotidiano escolar, o conhecimento científico e principalmente prático do espaço, do mundo, das relações entre o meio e o homem, e do homem com a natureza. (Graduando/a 3)

Sempre procurar introduzir a disciplina envolvendo os estudantes sobre algo do conhecimento deles. (Graduando/a 4)

O professor necessita estimular os alunos na realização de atividades que facilitem o aprimoramento da noção espacial da criança. Ele precisa sair do tradicional e aplicar atividades atrativas que despertem a curiosidade da criança. (Graduando/a 5)

Diante de tais apontamentos, pode-se perceber que os futuros docentes das séries iniciais destacam a importância das categorias básicas do ensino de geografia - espaço, lugar, território, região e paisagem – enquanto objetos geográficos necessários para o ensino de geografia nas séries iniciais. É possível notar na resposta do (Graduando/a 2) uma resistência na questão da fragmentação entre teoria e prática, o que no ponto de vista da/o estudante ambas perspectivas não podem deixar de complementar-se. Os (Graduandos/as 4 e 5) elucidam sobre a importância de promover conhecimentos geográficos baseados no contexto em que a criança está inserida desenvolvendo assim a noção espacial desses sujeitos de maneira que sintam-se participantes e contemplados a partir dos saberes geográficos socializados conjuntamente a prática docente baseada em metodologias que sejam comprometidas com o protagonismo da criança. Dessa maneira, têm-se a importância do/a profissional pedagogo/a está preparado teórico e metodologicamente em relação ao conhecimento dos conteúdos e métodos específicos do ensino de geografia para os primeiros anos de escolarização, tendo como direcionamento a abordagem dos conceitos básicos anteriormente citados junto aos conteúdos estudados na geografia.

Para a questão 2 está empreendida a discussão sobre o conhecimento dos fundamentos epistemológicos correspondentes a construção do conhecimento geográfico, ou seja as formas como a Geografia enquanto ciência vem organizando seu saber e fazer científico, seus

métodos e princípios: "**Conheço os fundamentos epistemológicos do conhecimento Geográfico.**"

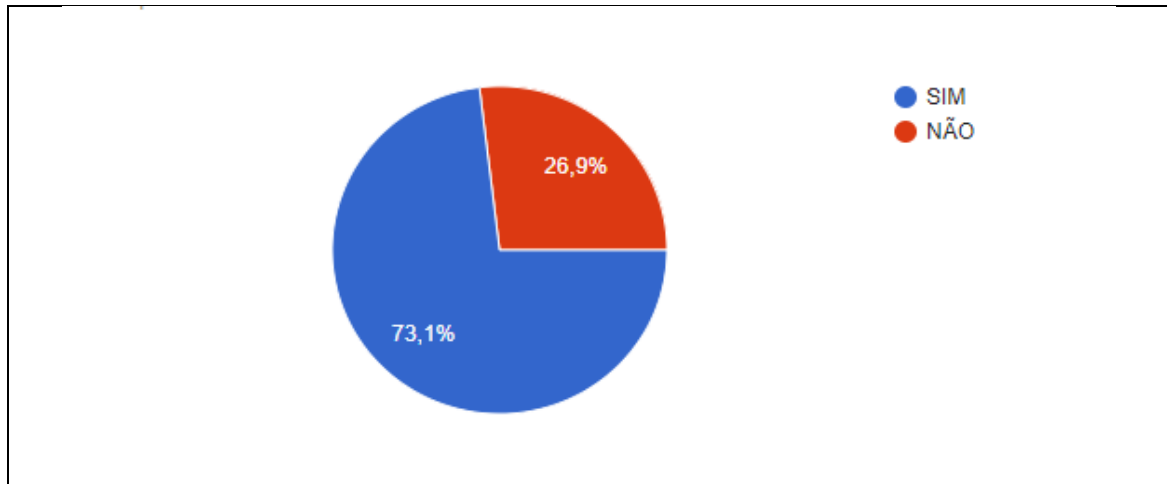


Gráfico 1 - Conhecimento sobre os fundamentos epistemológicos da Geografia

De acordo com o Gráfico 1, percebe-se que uma maioria representada por 73,1% - (20) dezenove estudantes - afirmam conhecer as teorias, métodos e práticas que compreendem o conhecimento geográfico. Esta questão torna-se pertinente para reafirmar que a prática docente no ensino de geografia nas séries iniciais deve correlacionar os conhecimentos pedagógicos juntos as formas metodológicas de ensino da geografia visando uma perspectiva de ensino-aprendizagem que contemple o nível de aprendizagem de cada criança segundo apontam as diretrizes curriculares para as séries iniciais.

Dessa maneira, destaca-se que os 26,9% - (8) sete estudantes – possivelmente poderão encontrar dificuldades no decorrer da prática profissional em relação ao desenvolvimento do ensino da disciplina de geografia nas séries iniciais, visto que é essencial o conhecimento básico sobre quais as finalidades e objetos de estudo da ciência geográfica para melhor compreender seus desdobramentos na geografia escolar, muito embora ambos os campos de estudos apresentem diferentes maneiras de conceber os saberes geográficos, percebe-se que eles complementam-se a partir do estabelecimento de parâmetros de como devem ser as abordagens geográficas em diferentes espaços, seja na escola ou na academia. Diante disto, é importante que o professor das séries iniciais – na maioria das vezes o/a pedagogo/a – tenha a compreensão dos possíveis meios necessários para a aprendizagem em geografia, principalmente mediados pelos conhecimentos epistemológicos dos saberes e fazeres geográficos.

Para Straforini (2004, p.78) “[...] uma disciplina escolar só se sustenta e toma corpo quando ela se fundamenta teórica-metodológica e epistemologicamente”. Diante disso, entende-se que a geografia na perspectiva de disciplina escolar a ser ensinada deve ter o respaldo dos teorias que perpassam o conhecimento geográfico e áreas afins como a própria pedagogia, de maneira que o profissional, o/a pedagogo/a, promova uma prática de ensino comprometida tanto com as questões relacionadas diretamente ao conhecimento geográfico quanto as tensões no campo do ensino e aprendizagem.

A questão 3 provoca os sujeitos da pesquisa a refletirem sobre a temática formação de professores: **“Qual a importância da formação de Professores no contexto de Educação?”**

Tem extrema importância, pois é na formação que conhecemos as teorias necessárias que nos levam a uma prática transformadora e necessária para a mudança da sociedade atual. Não podemos dispensar também a importância da formação continuada, vendo-a como ponto essencial para o desenvolvimento das crianças. (Graduando/a 6)

Proporcionar o contato com as diversas teorias e métodos de ensino, capacitando (ou ao menos buscando capacitar) para uma boa atuação profissional. Claro que é necessário mais que uma graduação para se formar um(a) bom(a) profissional da educação, mas uma formação acadêmica é um dos principais fatores que evidencia um(a) ótimo(a) docente. (Graduando/a 7)

É importante que o professor tenha uma formação na área que deseja atuar, pois se faz necessário tanto seu aprendizado quanto sua contribuição como sujeito capaz de mudar realidades. Na formação, o professor compreenderá qual o seu papel para que ocorra o desenvolvimento humano assim como o que ele deverá levar em consideração para que a educação tenha um resultado significativo para a sociedade. (Graduando/a 8)

Torna-se importante para que os docentes tornem-se cada vez mais capacitados para ponderar em todos os aspectos pedagógicos. (Graduando/a 9)

A formação torna o professor mais capacitado para exercer suas práticas pedagógicas, assim proporcionando estratégias, principalmente para alunos que tenham dificuldades na aprendizagem. (Graduando/a 10)

Visto tais afirmações, é possível inferir que a importância da formação docente para os Graduandos (6,7,8 ,9 e 10) é um processo que deve estar correlacionado com a formação de outros sujeitos e com a transformação da sociedade. Segundo os estudantes a formação faz-se importante para o desenvolvimento de saberes e métodos de ensino capazes de promover uma educação que dialogue com a sociedade contribuindo assim para a construção da identidade docente, dos quais espera-se que articulem os saberes e fazeres necessários para o melhoramento das realidades educacionais.

Diante do ponto de vista dos alunos é possível refletir que há uma preocupação constante com o perfil de professor que dê retorno as demandas da sociedade, tendo em vista que esta sofre aceleradas mudanças. Assim, torna-se pertinente pensar em como o professor está se preparando para tais modificações, principalmente problematizando as políticas de formação em âmbito nacional e local enquanto suporte para a prática docente.

Sabe-se que os desafios que cercam a formação e o exercício do professor constantemente são motivos de discussões relevantes. Nesse sentido, pensar as práticas docente e os processos formativos que eles vivenciam, requer considerar o contexto social, histórico e político em que o educador está inserido. Dessa forma, torna-se pertinente conhecer as diferentes realidades assistidas pelo educador as quais influenciam suas práticas, metodologias e conseqüentemente sua formação.

Portanto, pontuar acerca da formação docente na sociedade brasileira é um exercício que demanda nossa percepção, enquanto futuros professores, a começar pelos processos formativos que estamos vivenciando até a realidade educacional que é encontrada no nosso país, considerando os empasses e possibilidades acerca do contexto formativo do professor nos dias atuais. Assim, é necessário problematizar sobre o que se espera da identidade profissional do professor. Prado & Santos (2016, p.3) afirmam que “A identidade passa pela compreensão das atribuições do pedagogo/professor, daquilo que se espera que seja capaz de exercer”.

Diante de tais afirmações, volta-se o olhar para o fato de que a formação do/a professor/a precisa ressignificar seus objetivos frente aos conflitos políticos, sociais e ideológicos que atualmente cercam o contexto da nossa sociedade, ao passo que a formação é um fator de muita relevância para a educação brasileira da qual espera-se a ampliação de novas políticas públicas para a formação desse profissional assegurando maior qualidade no processo formativo assim como (PRADO e SANTOS, 2016, p.8-9) evidenciam que: “A formação docente requer um investimento ainda considerável tanto do ponto de visto do poder público quanto do próprio professor, pois a formação é um processo contínuo que envolve toda trajetória docente, desde a sua formação inicial e durante toda a carreira”

A questão 4 revela sobre o sentimento dos estudantes em relação ao seu preparo para ensinar geografia nas séries iniciais: **"Estou preparado/a para ensinar Geografia nas séries iniciais"**

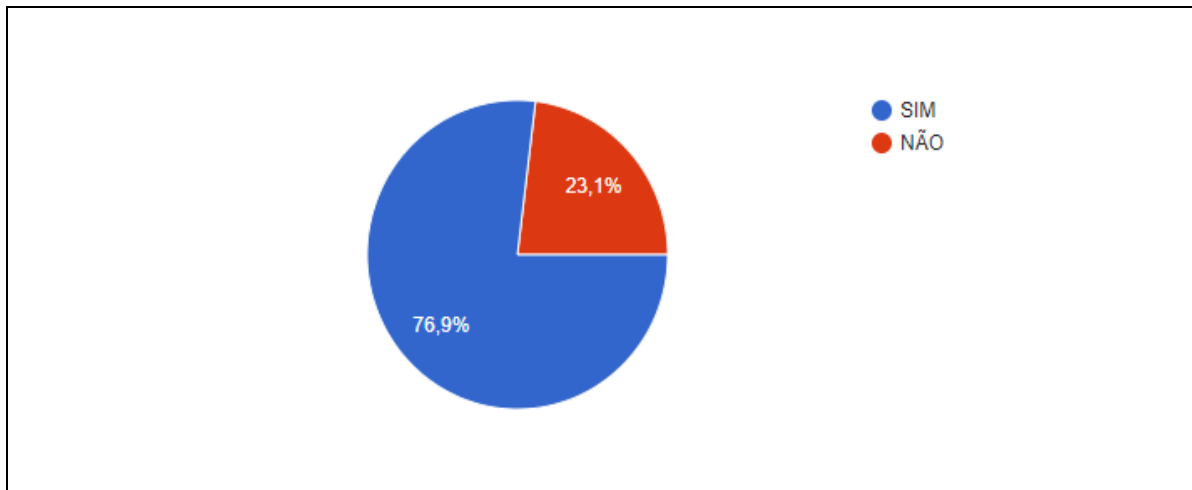


Gráfico 2 – Preparado/a para ensinar Geografia nas Séries Iniciais

Segundo o Gráfico 2, a maioria representada por 76,9% (21) vinte alunos, sentem-se preparados para ensinar geografia nas séries iniciais enquanto 23,1% (7) seis estudantes demonstram insegurança para lecionar tal disciplina.

Este fato deve-se em sua grande maioria pela consistência da formação inicial. Apesar de todos/as os/as 28 alunos/as terem cursado a mesma disciplina (SMEG) é possível notar que nem todo processo formativo dará um retorno 100% efetivo, atentando-se para o caso específico de 6 alunos/as que ainda sentem-se despreparados/as para o ensino de geografia nas séries iniciais, muito embora é importante compreender que a formação abarca a presença de diferentes sujeitos com maneiras diversas de corresponder a tal processo. Assim, é importante salientar que a proporção de alunos que afirmaram estar preparados para ensinar geografia, revela a contribuição efetiva da disciplina (SMEG) o que do nosso ponto de vista avaliamos como satisfatória.

A questão 5 disserta sobre a capacidade de discutir teórico-metodologicamente assuntos relacionados a Geografia: "**Capacidade para interagir, discutir e argumentar teórico-metodologicamente assuntos relacionados a Geografia**"

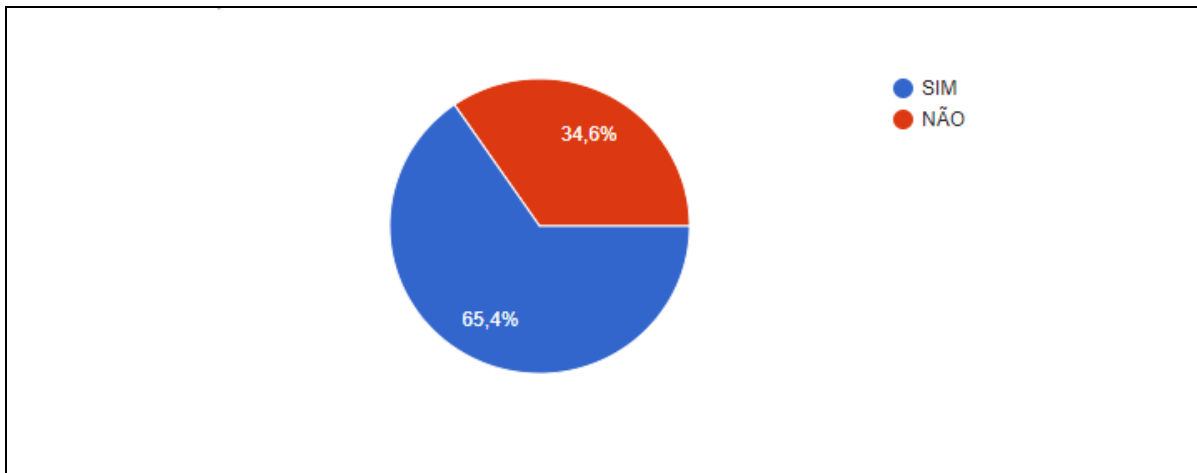


Gráfico 3 - interagir, discutir e argumentar teórico-metodologicamente assuntos relacionados a Geografia

De acordo com o Gráfico 3, cerca de 65,4% (18) dezoito alunos afirmam ter facilidade para compreender e dialogar teórica e metodologicamente com assuntos pertinentes a área da geografia, enquanto 34,6% (10) nove alunos confirmam ter dificuldades em relação aos conteúdos da disciplina.

Considerando o posicionamento dos alunos diante de tal afirmação é necessário pontuar algumas questões. A primeira é sobre a importância da formação inicial para que o/a futuro/a pedagogo/a desenvolva tais habilidades. É, pois no contexto de formação que o docente tem contato com as teorias e métodos que irão subsidiar sua prática assim como influenciar a perspectiva de ensino que será adotada pelo/a profissional. É no processo formativo que o/a professor/a amplia seu repertório de saberes e fazeres para organizar suas ações baseadas no ensino – aprendizagem do componente curricular que irá lecionar.

Outra questão a ser evidenciada está relacionada com a falta de alternativa epistêmicas na formação do professorado. Esta lacuna pode interferir na organização do fazer pedagógico dos docentes, visto que para além de saber ensinar é necessário saber o que se ensina como e para quem se ensina.

Pontua-se também a importância de junto a habilidade de interagir, discutir e argumentar os saberes geográficos atrelar o conhecimento da dimensão pedagógica para ensinar geografia, considerando que espera-se do/a professor/a pedagogo/a intervenções didático-pedagógicas que corroborem para os diferentes níveis de aprendizagens apresentados pelas crianças nos primeiros anos de escolarização.

Dado esses apontamentos, ressalta-se a relevância do/a professor/a ter o conhecimento dos conteúdos relacionados a geografia e manuseá-los metodologicamente contribuindo para o processo da aprendizagem geográfica das crianças, as quais através dos saberes geográficos podem realizar uma leitura do mundo e das relações que nele se estabelecem.

A questão 6 buscou entender a importância da disciplina de Saberes e Metodologias do Ensino de Geografia para a formação do/a professor/a pedagogo/a: **“Do seu ponto de vista, de que maneira a disciplina Saberes e Metodologias do Ensino de Geografia contribui na formação do professor/a pedagogo/a?”**

Ela tem uma pequena contribuição quando se trata de conhecimento teórico, pois muitas vezes está teoria foge um pouco a realidade. Assim serve para que o futuro professor faça uma análise e contra pontos da teoria e da prática vivenciada, buscando diminuir as contradições existentes, embora o professor possa estar diante de muitos desafios na prática, pois como falei ensinar geografia parte do contexto social da criança e estas possuem suas individualidades. (Graduando/a 11)

De maneira muito positiva, por mais que eu não concorde com a forma que a disciplina é distribuída atualmente na matriz curricular do curso (acredito que seria melhor as disciplinas de Saberes e metodologias serem antes dos estágios II e III) mas mesmo assim essa disciplina contribuiu muito para minha formação e atuação na regência de estágio. (Graduando/a 12)

Contribui de forma que os formandos aprendem os principais conceitos que compõe o ensino de geografia, e depois partem para a prática através de aulas simuladas e provas. Além de aplicar tudo isso no estágio, a primeira experiência com a sala de aula e com alunos, contribuindo no melhor ensino e aprendizagem sobre uma disciplina específica que não é fácil. (Graduando/a 13)

Contribui em questões de conhecer a base da geografia e de como ensina-la de uma forma em que o aluno sinta-se parte dela, e as possibilidades que cada tema pode proporcionar para trabalhar dentro da sala de aula. Uma dessas possibilidades foram as micro aulas desenvolvidas durante o curso, que tinha como objetivo mostrar várias maneiras de ensinar geografia. (Graduando/a 14)

Colabora para que o professor tenha uma visão ampla do ensinar geografia e não se prenda a necessidade de trabalhar apenas conceitos. (Graduando/a 15)

De forma geral os/as graduandos/as reportam para a necessidade de uma formação que dialogue os campos de conhecimento e seus respectivos objetos de estudo. É colocado em discussão a formação interdisciplinar do/a pedagogo/a em que este precisa ter o conhecimento tanto dos saberes e fazeres pedagógicos como de outros componentes curriculares, nesse caso a geografia.

Dentro da perspectiva dos/as estudantes podemos destacar alguns pontos relevantes. Por exemplo, a// graduando/a 11 afirma que muito embora a disciplina contribua para que o/a professor/a tenha domínio dos conteúdos específicos da geografia, afirma existir contradições na prática docente destacando a fragmentação entre teoria e prática no exercício docente. Segundo

o/a estudante as teorias do campo geográfico abordadas na formação do/a professor/a pedagogo/a podem não corresponder a realidade dos alunos, o que para ele/a, o/a estudante, deve ser o princípio do ensino de geografia, a realidade social da criança.

A insatisfação voltada para a forma como a disciplina é ofertada é um argumento apontado pelo/a graduando/a 12. De acordo com o/a estudante a disciplina deveria ser oferta nos semestres que antecedem as atividades de estágio, visando que os/as pedagogo/as estagiários/as tenham subsídio teórico e metodológico referente ao componente curricular de geografia para realizar as atividades propostas no exercício do estágio.

Acredita-se que a problemática existente nesse fato é sobre a disciplina (SMEG) ser ministrada concomitante ao processo de estágio supervisionado 3, o que muitas vezes deixar o discente inseguro no momento em que irá ministrar suas aulas de estágio, visto que ainda está em processo de aprendizagem, conhecendo como devem ser abordados os conteúdos geográficos. Dessa maneira, o/a pedagogo/a ainda não teriam de forma consolidada uma visão teórica e metodológica mais consistentes no momento da regência, considerando que as aulas da disciplina (SMEG) ainda estão em andamento.

A noção dos conceitos básicos da geografia, também foi pontuada como contribuição da disciplina (SMEG), as/os graduandos/as 13 e 14 destacam a importância das aulas simuladas e provas que segundo os/as discente foram as atividades que deram sustentação aos/as futuros/as pedagogo/as no processo de estágio no que diz respeito ao conhecimento os pressupostos básicos do ensino de geografia para os primeiros anos do ensino fundamental.

Dadas as proposições apresentadas pelos/as discentes, pode-se perceber a importância da disciplina (SMEG) visto a sua potencialidade de dar suporte para os/as estudantes de pedagogia para que estes tenham onde buscar e selecionar referenciais teóricos e metodológicos para desenvolver uma prática de ensino conforme as legislações educacionais específicas demandam para cada componente curricular e ano de escolaridade, assim como a contribuição que pode ofertar na produção de materiais de produzir a partir de suas experiências formativas para o ensino de geografia.

Essa sustentação tem relevância na medida em que traz para a reflexão a formação do/a professor/a pedagogo/a, em que defende-se uma formação de qualidade para esses profissionais, tendo em vista que a formação insuficiente também pode trazer alguns prejuízos educacionais refletindo por exemplo no desencontro entre o que propõe o componente curricular de geografia e o que se é ensinado pelo professor. Como resultado desse fato, tem-

se práticas de ensino desconexas com a realidade das crianças as quais se vêem obrigadas a decorar e explicar certos fenômenos geográficos atribuindo nenhum sentido aos conteúdos ministrados pelo/a professor/a.

A questão 7 buscou conhecer o ponto de vista dos/as graduandos/as sobre quais seriam as principais dificuldades para ensinar Geografia: **“Quais as principais dificuldades você apontaria no ensino de Geografia?”**

Transformar o conhecimento geográfico em conhecimento geográfico escolar acessível para a faixa etária das crianças. (Graduando/a 1)

Livros inadequados, material inexistente e muitos professores despreparados para o ensino da geografia, pois muitos não possuem formação continuada na área, existe uma maior preocupação em português e matemática, como se as outras disciplinas não fossem importantes. (Graduando/a 4)

O déficit de conteúdos que explore o espaço local dos estudantes. Algo que os façam sentir-se parte do espaço do seu cotidiano. (Graduando/a 16)

Muitas vezes a transposição didática, quando se tem que explicar determinados conceitos para crianças de séries iniciais. (Graduando/a 19)

Ensinar sobre o mundo e o ser humano, relacionar saberes escolares e acadêmicos com os saberes e as vivências das pessoas. (Graduando/a 20)

A partir dessas afirmações é possível verificar que as dificuldades apontadas estão diretamente relacionadas a as questões didático-pedagógicas. Percebe-se uma preocupação por partes dos/as graduandos/as em relação a abordagem dos conteúdos geográficos para as crianças no início do processo de escolarização em que os/as futuros/as pedagogos/as demonstram que é necessário saber o que e como se ensina geografia para a criança, atentando assim para a importância de conhecer as teorias imbricadas no processo de aprendizagem em geografia.

É ressaltada a ausência de materiais didáticos adequados para lecionar geografia, e junto a essa questão os/as graduandos/as pontuam o distanciamento dos conteúdos geográficos da realidade dos alunos, o que segundo os sujeitos da pesquisa acaba comprometendo a aprendizagem significativa da criança tendo em vista que essa disparidade entre o que se ensina e o contexto que a criança está inserida pode provocar o desinteresse por parte dos mesmos.

Assim, entende-se que é necessário que os currículos do curso de pedagogia sejam organizados de maneira que o ensino das metodologias dialoguem com os conteúdos propostos, tendo em vista a aproximação da realidade escolar da criança junto aos saberes geográficos escolares.

É importante levar em consideração que as fragilidades do processo formativo do professor muitas vezes atrelada ao não domínio dos conteúdos geográficos deve-se também ao fato de que os/as professores/as pedagogos/as provavelmente não tenham tido uma experiência significativa com a disciplina de geografia na educação básica, fortalecendo e reproduzindo assim o paradigma de uma geografia desprovida dos referenciais necessários para lecionar nos anos iniciais, apresentando-se como componente curricular decorativo e sem correlação com o dia a dia das crianças.

Portanto, a formação é um aspecto muito importante para que as dificuldades seja no ensino de geografia ou na prática pedagógica em geral sejam superadas, fornecendo os recursos metodológicos e teóricos necessários a atuação do/a pedagogo/a nas séries iniciais do ensino fundamental.

A questão 8 trata do ponto de vista sobre a importância do ensino de geografia para as séries iniciais: **“Qual a importância do ensino de Geografia nas séries iniciais?”**

A Geografia se torna relevante porque as crianças precisam entender o mundo ao seu redor e uma das maneiras de isso acontecer é olhando geograficamente para ele. Nesse sentido, a Geografia enquanto disciplina os auxilia a entender como o espaço em que estão inseridos possui uma dinâmica e que as estruturas que formam esse espaço influenciam na vida delas. (Graduando/a 22)

Muito importante, pois advém da geografia noções de espaço, onde mora, bairro, cidade, estado... Lateralidade, entre tantas outras coisas que tem base geográfica. (Graduando/a 23)

A importância da geografia nos anos iniciais permite que o aluno leia o mundo criticamente. Ao entrar na escola, uma criança é capaz de compreender o espaço em que está inserida e descrever a sua realidade. O papel do professor é estimulá-la, para que entenda os reais sentidos de espaço, lugar, paisagem... e assim, perceba que há outros espaços diferentes do qual ele vive, que existem inúmeros contrastes sociais (que modificam o espaço), e que influenciam na sua vida. (Graduando/a 24)

Fazer com que a criança compreenda o espaço a sua volta e entenda o mundo ao seu redor (Graduando/a 25)

É importante para que as crianças desde sempre tenham noções do espaço a qual fazem parte, entendendo as motivações para os acontecimentos naturais e a preservação do que temos. Além dos saberes espaciais os quais são de suma importância para nos localizarmos. (Graduando/a 26)

É notável que a centralidade das respostas acima traz a criança como protagonista em relação a presença da geografia nos primeiros anos de escolarização. Percebe-se que os/as pesquisados/as preocupam-se com o desenvolvimento da aprendizagem geográfica da criança para a consolidação das relações básicas de sobrevivência, tais como: entender o espaço que vive a rua, o bairro, sua cidade; as influências e estruturas sociais tais como economia, cultura e política; e as habilidades cotidianas que podem auxiliar nas necessidades básicas diárias

como lateralidade, localização, representar, observar, descrever, analisar, compreender e outros.

Essa visão faz-se muito importante para que o ensino de geografia seja de fato significativo para as crianças, visto que os/as futuros/as pedagogos/as demonstram reconhecer a criança enquanto sujeito da aprendizagem e não apenas receptor, apontando para o fato de que elas podem desenvolver a capacidade de realizar a leitura crítica dos espaços que fazem parte do seu cotidiano. Quando os sujeitos da pesquisa trazem a dimensão mundo para reafirmar a habilidade que a criança potencialmente pode desenvolver para refletir, apontar, sugerir e construir seus próprios saberes a partir dos conhecimentos geográficos escolares, eles apontam mudanças nas práticas de ensino que muitas vezes apresentam-se excludentes e renegam a autonomia da criança frente aos processos de aprendizagem.

Dessa maneira, Callai (2005) elucida a importância da Geografia no processo de alfabetização das crianças nos primeiros anos de escolarização se dá pela possibilidade que esse componente curricular apresenta de instigar a leitura do mundo e dos espaços que fazem parte “todas as marcas da vida dos homens.” (CALLAI, 2005, p.228)

Por meio da geografia, nas aulas dos anos iniciais do ensino fundamental, podemos encontrar uma maneira interessante de conhecer o mundo, de nos reconhecermos como cidadãos e de sermos agentes atuantes na construção do espaço em que vivemos. E os nossos alunos precisam aprender a fazer as análises geográficas. E conhecer o seu mundo, o lugar em que vivem, para poder compreender o que são os processos de exclusão social e a seletividade dos espaços. (CALLAI, 2005, p.245)

Assim, a importância do ensino de geografia para esse nível de ensino faz-se relevante na medida em que proporciona a criança a compreensão dos fenômenos que ocorrem no seu cotidiano, revelando as problemáticas existentes na sociedade, sejam elas nas dimensões políticas, sociais, econômicas e culturais a partir dos conceitos geográficos como: espaço, lugar, paisagem, região e território.

Por esse entendimento, espera-se que a abordagem do ensino de geografia seja ampla, heterogênea e que contemple as especificidades das crianças. Uma Geografia que junto ao contexto escolar permita-se explicar os indivíduos e as interações que esses estabelecem com seus pares e com a sociedade. Uma geografia que alfabetize espacialmente as crianças para que elas consigam observar, interpretar, descrever e sugerir mecanismos de construção e organização espacial da qual elas fazem parte.

Straforini (2001) acrescenta que o ensino de Geografia deve levar o aluno a compreender o seu presente e pensar no futuro de maneira que identifique os vetores que contribuem para constituição de tal realidade espaço-tempo.

[...] ao desenvolvermos uma Geografia que analise a realidade social da criança permitindo a compreensão do espaço, não como algo estático que existe só para ser descrito, mas como uma realidade que está sendo construída pelo homem, encaminharemos para a compreensão dos fenômenos geográficos como processos em movimento, historicamente caracterizados por mudanças qualitativas e quantitativas. (STRAFORINI, 2001, p.23 apud. GEBRAN, 1996.)

Diante de tal afirmação, nota-se que o autor aborda a importância do ensino de geografia nas séries iniciais pela sua atribuição no desenvolvimento cognitivo e na constituição cidadã da criança, ao passo que, na sua perspectiva, através dos fenômenos geográficos é possível desenvolver a aprendizagem espacial desses sujeitos, permitindo assim que esses conhecimentos levem a criança a reconhecer e refletir sobre seu modo de ser e estar no mundo.

Portanto, a geografia faz-se pertinente como componente curricular das séries iniciais para que desde o início da escolarização as crianças pequenas desenvolvam competências geográficas que lhes permitam ler o mundo do qual fazem parte e consigam estabelecer relações com o espaço e com suas configurações nas mais diferentes dimensões, políticas, sociais, econômicas e outras.

A questão 9 buscou saber dos sujeitos da pesquisa se os mesmos conhecem os documentos curriculares do ensino de Geografia: **“Você tem conhecimento acerca dos documentos curriculares para o ensino de Geografia? Quais?”**

Quatro (4) graduandos afirmaram não ter nenhum conhecimento sobre os documentos curriculares do ensino de geografia. Vinte e quatro (24) compartilharam que conhecem os documentos norteadores, dos quais em sua maioria apontaram:

- Base Nacional Comum Curricular (BNCC)
- Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN'S)
- Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI)

A questão 10 teve a finalidade de conhecer dos sujeitos da pesquisa as diferentes concepções, vivências e avaliação enquanto graduandos do curso de pedagogia em relação a disciplina de Saberes e Metodologias do Ensino de Geografia (SMEG): **Durante a formação inicial, como foi a vivência dessa disciplina (SMEG) enquanto aluno/a?**

Ótima, pois através das aulas ministradas pude compreender o que é geografia e como posso atuar para que as crianças tenham um aprendizado satisfatório. (Graduando/a 1)

Foi uma experiência bastante proveitosa, pois pude entender um pouco da Geografia enquanto área do conhecimento como também saber como ela deve ser ensinada na infância. Através dos métodos avaliativos do professor, foi possível vivenciar momentos de muito aprendizado. (Graduando/a 2)

Foi muito relevante, ajudou-me a ter conhecimento acerca dos conteúdos de geografia que eu não tinha. (Graduando/a 3)

A princípio foi difícil, pois tive que rever vários conceitos pré-concebidos que eu tinha em relação a disciplina de Geografia. Mas com o passar do tempo fui adquirindo novos saberes e melhorando meu entendimento acerca de assuntos relacionados a Geografia como: ler mapas, diferenciar as categorias de análises, conceituar alguns objetos de estudo da área; enfim. (Graduando/a 4)

Foi de extrema importância para a minha formação, pois pude perceber que o ensino de geografia pode ser tão amplo e não se prende apenas a livros (experiência escolar), me fez ver com outros olhos a disciplina, e perceber o quão importante é para a formação dos alunos. (Graduando/a 5)

Nas aulas de Saberes e Metodologias do Ensino de Geografia aconteceu meu despertar para a disciplina, pois até então, só tinha tido contatos rasos com a mesma. Nas aulas ministradas durante o curso, pude perceber quão grandiosa é a disciplina e que ela não se limitava ao que estava no livro didático, na opção automática de ler e decorar. Mas acontecia enquanto sensações e percepções do que estava em meu entorno. (Graduando/a 6)

A afirmação dos/as graduandos/as nos faz refletir de como esses futuros profissionais chegam na Universidade com uma perspectiva de Geografia esvaziada, o que aponta para suas frágeis experiências escolares enquanto alunos da escola básica. Esse fato revela que os/as graduandos/as possuem dificuldades ao que tange os conteúdos geográficos, o que fica constatado nas falas as quais são enfáticas ao abordarem primeiro a aprendizagem da geografia dos próprios estudantes, pedagogos/as, para posteriormente destacarem contribuições teóricas e metodológicas que requer a prática pedagógica.

Desse modo, a disciplina de Saberes e Metodologias do Ensino de Geografia torna-se um fator que divide a Geografia aprendida pelas experiências da educação básica e a Geografia (teorias e métodos) para se ser ensinada nesse nível de ensino. Assim, é importante considerar essas vivências escolares dos/as futuros/as pedagogo/as para que a partir do seu processo formativo em nível superior, esse profissional reflita e interprete a realidade das instituições escolares que irá atuar, podendo então contribuir a partir dos referenciais teóricos e metodológicos que fizeram parte de sua formação acadêmica.

Em relação as dificuldades relacionadas a apreensão dos conteúdos geográficos a questão 11 tenciona: **“Existe algum conteúdo nesta disciplina que tem dificuldades? Se sim, em que medida a disciplina SMEG fez-se pertinente para sanar tal dificuldade?”**

Quinze (15) alunos – equivalente a 58,33% - responderam que não possuem dificuldades em relação aos conteúdos de Geografia, treze (13) - 41,67% - afirmam que tem dificuldades em assuntos específicos como:

- Território;
- Lugar;
- Região;
- Dificuldade para construção de jogos didáticos geográficos;
- Coordenadas e Meridianos;
- Espaço;
- Cartografia;
- Trabalhar territorialidade com a criança sem utilizar o conceito;
- Escalas e Territorialização;

Diante de tais dificuldades os/as alunos/as destacam a importância da disciplina (SMEG) e também contrapontos, como é possível notar a partir de suas respostas:

A disciplina proporcionou um breve olhar sobre tais conteúdos de forma que facilitou a minha busca sobre isso e sobre como ensinar tais assuntos para crianças. (Graduando/a 7)

O curso que temos é muito curto e pouco aprendemos na prática, pois dar micros aulas não nos torna preparados para ensinar alunos com mentalidade e maturidade diferente da nossa. (Graduando/a 8)

A disciplina foi de tamanha importância para entender um pouco mais sobre as características e mudança do espaço vivido ao longo do tempo. Ou seja, perceber as mudanças ocorridas consideradas tanto negativas como positivas a partir do momento que a humanidade começa a explorar o espaço para atender algumas de suas necessidades de sobrevivência. (Graduando/a 9)

Os exemplos e as aulas simuladas fizeram com que o conteúdo se tornasse mais fácil no sentido de compreensão para repassar para crianças. (Graduando/a 10)

As categorias de escalas e territorialização são conteúdos difíceis por tratar de abstrações, mesmo que escalas trate de números e resultados exatos chegar até o resultado e muito subjetivo, assim como territorialização que trata de relações de poder. No entanto as micros aulas e as aulas expositivas ajudaram bastante para minimizar essas dificuldades. (Graduando/a 11)

Dadas essas afirmações, os/as graduandos/as destacam a importância das micros aulas e das aulas expositivas enquanto pontos positivos para o aproveitamento da disciplina.

Realçaram a influência dos estudos proporcionados referente as orientações para o ensino de geografia para as crianças e também enfatizaram como ponto negativo a pouca carga horária da disciplina, a qual apresenta 60 horas para cada semestre, nos 7º sétimo e 8 oitavo período.

Em sua grande maioria, os/as graduandos/as apontaram os conteúdos curriculares de geografia que mais tinham dificuldades, conforme foram elencados acima, e que consideravelmente a disciplina ajudou para melhor entendimento de tais lacunas.

A questão 12 permitiu que os sujeitos da pesquisa compartilhassem sobre suas vivências e experiência formativa em relação a disciplina de SMEG, possibilitando que os mesmos apresentem diferentes contribuições em relação a disciplina para a formação do/a pedagogo/a: **“Descreva sobre sua experiência formativa em relação a disciplina de SMEG destacando o que, no seu ponto de vista, contribuiu para sua formação.”**

A experiência foi a melhor possível, tendo em vista, principalmente a parte prática, apesar de ter sido difícil compreender primeiro a parte teórica. O que mais contribuiu para minha formação foram as aulas simuladas. Várias aulas diferentes, embora tivesse o mesmo assunto me enriqueceu pela simplicidade de falar sobre um tema, muitas vezes complexo, até mesmo citando exemplos dos nosso cotidiano. (Graduando/a 13)

Um bom exemplo em relação da importância da disciplina de Saberes, é a regência do estágio. Os meus planos de aula em Geografia foram totalmente pautados nas micro aulas que tivemos durante a disciplinas de saberes. Claro que a realidade da sala de aula é diferente e nem sempre o que aprendemos na graduação é o suficiente, mas é o ponto de partida, é o que fundamenta nossa prática e influencia na nossa profissão. (Graduando/a 14)

Mudou totalmente minha visão do que é aprender e ensinar geografia, pois via a geografia apenas como uma disciplina em que eu deveria memorizar tal assunto, nunca me senti como parte da geografia estudada, hoje vejo de outra forma e me alegre em saber que posso contribuir para que as crianças não cresçam com o mesmo pensamento que eu cresci, mas se sintam sujeitos importantes em todos os momentos vivenciados por elas. (Graduando/a 15)

As micro aulas, ou aulas simuladas, as explicações sobre espaço, lugar, território, contribuíram muito para minha formação. Inclusive essas aulas foram utilizadas no estágio supervisionado 3 e foram muito produtivas. (Graduando/a 16)

A minha experiência formativa com a disciplina foi muito boa, pois saí da disciplina com uma visão muito mais aguçada sobre a disciplina, no sentido de que geografia é muito mais do que o que me foi ensinado na minha infância, portanto isso me motiva a tentar fazer o melhor quando eu for professora. O que eu destaco do período que cursei são os métodos avaliativos que foram essenciais para que eu entendesse como os assuntos podem ser ministrados na infância além de fazer com que eu refletisse e discutisse sobre os conteúdos. (Graduando/a 17)

Um ponto relevante cujo os estudantes retomam a todo momento são as aulas simuladas sobre as quais os/as graduandos/as argumentam que foi uma experiência que ofereceu a oportunidade de vivenciar as práticas e métodos estabelecidas pelos demais

colegas de turma, sendo assim uma variedade teórico-metodológica no que diz respeito aos conteúdos, avaliação e aprendizagem no ensino de geografia.

Destacam também as experiências pessoais como referência em relação ao ensino da geografia escolar, como visto na resposta dos/das graduandos/as 15 e 17 quanto compartilham sobre a vertente de uma geografia decorativa presente no início do processo de escolarização, o que segundo os/as estudantes obteve como resultado experiências pouco significativas em relação aos conteúdos geográficos. Em contrapartida, os/as graduandos/as destacam a importância da disciplina enquanto processo de rompimento de um paradigma que reduzia a geografia escolar a uma matéria de descrições de fenômenos sem relevância para o contexto educacional, afirmando que a disciplina SMEG proporcionou respaldo teórico e metodológico para o entendimento de uma geografia mais correlacionada com as especificidades dos indivíduos, ou seja, das crianças para quais irão lecionar.

Outro ponto que os/as estudantes enfatizaram foi em relação ao suporte que as micro aulas deram no período do estágio supervisionado III, em que foi possível reutilizar os planos de aula que foram construídos durante o desenvolvimento da disciplina SMEG. Os planos de aula foram devidamente orientados pelo professor regente da disciplina seguindo os conteúdos programáticos para cada ano das séries iniciais considerando as especificidades dos mesmos.

A aprendizagem sobre os conceitos básicos da geografia como espaço, lugar, região, território, paisagem e as ramificações destes para os outros conteúdos geográficos foi um ponto que os/as graduandos/as apontaram como experiência relevante. Segundo o ponto de vista da maioria dos/as estudantes não se tinha uma experiência com a geografia escolar efetiva ao passo que era difícil até o momento dos estudos teóricos na disciplina SMEG identificar quais eram os objetos de pesquisa da ciência geográfica. Assim, destacam que como futuros/as pedagogos/as que foram sujeitos aos estudos e pesquisas dessa área de estudo podem contribuir de alguma maneira para que o acesso das crianças aos conteúdos da geografia escolar se deem de maneira satisfatória.

A questão 13 foi enfática ao tencionar o que deve ser ensinado em termos de conteúdos nas séries iniciais: **“O que deve ser ensinado em Geografia nas Séries Iniciais?”**

Os sujeitos da pesquisa responderam em um panorama geral que os conteúdos básicos para o ensino de geografia nas séries iniciais devem ser:

- Categorias de espaço, lugar, território, região e paisagem;
- Cartografia, gráficos, lateralidade;

- Cultura local;
- A descentração, localização no espaço-tempo e relações sociais;
- Vegetação, clima e relevo;
- A rua, a escola, o bairro e a cidade;

4. RELATOS DE ATIVIDADES DESENVOLVIDAS - EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS DO/A PROFESSOR/A PEDAGOGO/A PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA NAS SÉRIES INICIAIS

“Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, na prática e na reflexão sobre a prática”. (FREIRE, 1991, p. 58). É com esse entendimento que esta parte do trabalho buscará socializar algumas atividades e experiências de estágio dos alunos do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão, para que junto as respostas do questionário e ao referencial teórico desta pesquisa, seja verificado em que medida a disciplina de Saberes e Metodologias do Ensino de Geografia fez-se pertinente para formação destes educadores tendo em vista o desenvolvimento de práticas pedagógicas para ensino de Geografia nas séries iniciais.

ATIVIDADES

PLANO DE AULA DE GEOGRAFIA – ATIVIDADE I

NÍVEL: 5º ano do Ensino Fundamental

DURAÇÃO DA AULA: 50 MIN.

OBJETIVOS:

- Identificar aspectos culturais e históricos que caracterizam a cidade de Delmiro Gouveia;
- Construir um poema coletivo que apresente aspectos históricos e culturais referentes a cidade de Delmiro Gouveia;
- Perceber a importância dos elementos que constituem a história e a cultura da cidade de Delmiro Gouveia;

TEMA: Um estudo sobre a cultura local do Município de Delmiro Gouveia – AL

CONTEÚDOS: História e Cultura de Delmiro Gouveia – AL

PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS: No início da aula, o poema “minha cidade”, de

Jacira Cavalcanti, será dividido em estrofes para toda a turma, tendo em vista realizar uma leitura compartilhada. Logo em seguida, será realizada uma breve roda de conversa acerca das memórias e vivências dos alunos em relação a cidade de Delmiro Gouveia. Posteriormente, será feita a leitura de imagens relacionadas a alguns aspectos vistos no poema, e à partir das imagens, os alunos, em dupla ou trio, irão construir uma nova estrofe para o poema coletivo que será confeccionado durante a aula. O poema será ilustrado com as imagens disponibilizadas.

RECURSOS: Cartolina, Cola, poema impresso, tesoura e outros;

AVALIAÇÃO: A avaliação se dará de forma contínua, tendo em vista a participação na leitura do poema e nas contribuições na roda de conversa. A criatividade também será um aspecto avaliativo, uma vez que os alunos irão criar uma estrofe para o poema que será feita em grupo. Espera-se que o aluno consiga identificar aspectos que fazem parte da história e da cultura de Delmiro Gouveia –AL

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CAVALCANTI, Jacira. **Minha cidade Delmiro Gouveia**. 2015 Disponível em:<
<http://amigosdedelmirogouveia.blogspot.com.br/2015/08/eis-o-blog-redivivo.html>>
 Acessado em: 08 de out. 2017.

No dia 10 de maio de 2018, durante a aula de geografia, o conteúdo explorado estava relacionado com as questões culturais de Delmiro Gouveia – AL. Para tanto, utilizou-se o poema, enquanto gênero, para pontuar alguns aspectos culturais do município de Delmiro Gouveia. O poema foi fatiado para que cada aluno realizasse a leitura de uma estrofe do poema, o qual continha 17 estrofes. “Minha cidade” foi poema escrito por Jacira Cavalcanti que não reside mais na cidade, no entanto deixa sua contribuição e afetividade pela cidade através da escrita.

A atividade ocorreu da seguinte forma: Em uma roda de conversa foi proposto refletir sobre quais as mudanças e permanências culturais que eles, os alunos, poderiam pontuar a partir do poema. Foram apresentadas fotografias para que os alunos pudessem realizar a leitura das mesmas e compartilhar suas percepções acerca do que eles conseguiam absorver a partir delas. Para finalizar, realizamos um trabalho em grupo que se deu na confecção de um poema coletivo relacionada com o município de Delmiro Gouveia. Para realizar a atividade dividimos a turma em equipes as quais deveriam criar uma estrofe relacionada a imagem que

foi atribuída para cada grupo. Os alunos participaram e criaram as estrofes em conjunto de maneira criativa e conforme a leitura que foi feita através das fotografias. Em outro momento, foi feita a escolha do título do poema em que os alunos deram sugestões que teve como resultado a escolha do título “Nossa Cidade Delmiro Gouveia”.

Alguns alunos não quiseram participar da leitura das estrofes durante a roda de conversa. Percebemos, que esses alunos geralmente negavam-se a ler algum texto que pedíamos em outras aulas. Verificamos através dos registros em seus cadernos que ainda possuem dificuldade na escrita, sendo assim, trabalhamos com a hipótese de que eles ainda não possuem domínio da leitura.

Desse modo, foi entregue a cada um uma fotografia para que eles pudessem participar através da leitura das mesmas, compartilhando suas percepções e conhecimento acerca do lugar presente na fotografia. Após a produção das estrofes, escrevemos uma por uma no quadro que realizássemos as correções. A medida que escrevíamos as estrofes das equipes, todos os alunos contribuía em relação as correções ortográficas, acentuação, e até mesmo na estrutura do poema tendo em vista que muitos alunos ficaram com dificuldade para rimar as palavras.



Figura 1: Registro de atividade - Roda de conversa e leitura de poema fatiado – Estágio

Supervisionado III

Fonte: Graduando de Pedagogia

Poema criado por alunos do 5º ano do Ensino Fundamental.

“Nossa Cidade – Delmiro Gouveia”



Figura 2: Entrada da cidade de Delmiro Gouveia

Chego em Delmiro Gouveia
 Já começo a sorrir
 Carros passam pela estrada
 Começo a me divertir
 Logo fico alegre
 Por ter chegado aqui



Figura 3: Rio São Francisco

Esse lugar é muito bonito
 Como eu amo o rio São Francisco
 Sempre verdinho e bonitinho
 Como eu queria dar um pulinho
 Nesse lindo riozinho



Figura 4: Igreja Matriz de Delmiro Gouveia

A igreja é visitada por todos
 Por isso ela é sagrada
 É a nossa igreja querida
 Que sempre foi muito respeitada
 Pelos familiares da nossa cidade
 Bela igreja, Igreja amada!



Figura 5: Carnaval em Delmiro Gouveia

Carnaval é bem bonito
 Carnaval tem muita cor
 Todo ano tem pompeu
 E sei que lá estou
 Tem mela mela de montão
 E muita diversão



Figura 6: Feira Livre em Delmiro

A feira é muito bonita
 Tem verdura e gente fina
 Tem barracas e pessoas
 Tem amizade tem bondade
 Tem alegria de verdade
 Tem mercado e coisas boas

Fonte das imagens: Site amigos de Delmiro Gouveia



Agora encerro por aqui
 E digo com forte emoção
 Que na escola leio e escrevo
 Aprendo coisas de montão
 Para terminar com sinceridade
 Falo da nossa cidade
 A princesinha do Sertão

Figura 7: Registro de aula no estágio supervisionado III

Fonte: Graduando do curso de Pedagogia

Os alunos trouxeram aspectos para além da descrição das fotografias apresentadas, os quais evidenciaram dimensões afetivas e de pertencimento a cidade enquanto espaço vivido. Desse modo, a construção do trabalho deve-se a importância de entender o lugar enquanto elemento de análise espacial, o qual proporciona ao aluno uma leitura de mundo sobre as permanências e transformações sociais que o constituem, conforme apontam autores como Callai (2005); Lopes e Vasconcellos (2006); Straforini (2001) e outros.

PLANO DE AULA DE GEOGRAFIA – ATIVIDADE 2

NÍVEL: 5º ano do Ensino Fundamental

DURAÇÃO DA AULA: 50 MIN.

OBJETIVOS:

- Conhecer as funções da cartografia;
- Reconhecer as especificidades de um mapa;
- Produzir um cartaz informático acerca dos aspectos necessários para a leitura de um mapa.

TEMA: Aprendendo sobre mapas e representações espaciais

CONTEÚDOS: Cartografia -Leitura de mapas

PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS: a turma será dividida em duas equipes. Em seguida os alunos serão orientados a construir um mapa para a realização da brincadeira “onde está

o tesouro?”. Formadas as equipes, os alunos irão explorar o ambiente da escola para a escolha do local em que o tesouro seria escondido. Com o local escolhido, as equipes darão a orientação para a equipe na construção do mapa. Após a confecção do mapa, dará início a atividade. Terminada a brincadeira, realizamos uma roda de conversa explanar para os alunos sobre qual a função de um mapa e suas características.

RECURSOS: Cartolina, Imagens impressas, Quadro, Pincel.

AValiação: Será realizada a partir da interação e desenvolvimento nas atividades do caça ao tesouro e na roda de conversa.

O conteúdo explorado foi acerca da “leitura de mapas”. Para iniciar a aula, foi pedido que a turma fosse dividida em duas equipes. Em seguida os alunos foram orientados a construir um mapa para a realização da brincadeira “onde está o tesouro?”. Formadas as equipes, foram selecionados dois alunos para explorarem o ambiente da escola para a escolha do local em que o tesouro seria escondido.

Com o local escolhido, os dois alunos dariam a orientação para a equipe na construção do mapa. Após a confecção do mapa, as equipes foram procurar seus tesouros com os mapas construídos pela equipe oposta. Terminada a brincadeira, foi realizada uma roda de conversa pela qual buscou-se saber a opinião dos alunos sobre qual a função de um mapa e se o que eles construíram seria de fato um mapa.

Dadas essas proposições, buscou-se explorar as características de um mapa, já que na roda de conversa afirmamos para eles que os mesmos construíram apenas um desenho. Para apresentar as características de um mapa propriamente dito, foi proposta a construção de um cartaz coletivo, em que foi apresentada duas imagens: uma imagem supostamente do mapa de Alagoas e outra com um mapa de Alagoas com todas as características de um mapa de verdade. Foi socializada a pesquisa pronta e recortada e depois alguns alunos foram convidados para ler pequenos textos sobre as especificidades que constituem um mapa. A medida que os alunos iam, eles iam colando as informações no cartaz.

Quando o cartaz ficou pronto, foi solicitado que eles comparassem as características que apresentamos no cartaz, relacionando a presença ou ausência dos aspectos presentes no suposto mapa de Alagoas (desenho) e no mapa de Alagoas verdadeiro, com todas as estruturas de uma mapa. Alguns alunos conseguiram identificar as diferenças de um desenho para um mapa, outros tiveram dificuldade para perceber o que diferenciava um do outro.

Seguidamente, foi realizada a releitura do cartaz, explicando cada aspecto, mostrando o que estava ausente no desenho e presente no mapa. A saber, as características que diferenciam um mapa de um desenho, está relacionada com a presença de características como: nomenclatura, orientação, escala geográfica e reticulado. Os conceitos de cada característica citada anteriormente foram colocados no cartaz que foi construído.



Figura 8: Registro de atividade construção de mapa a partir da brincadeira caça ao tesouro –
Estágio Supervisionado III

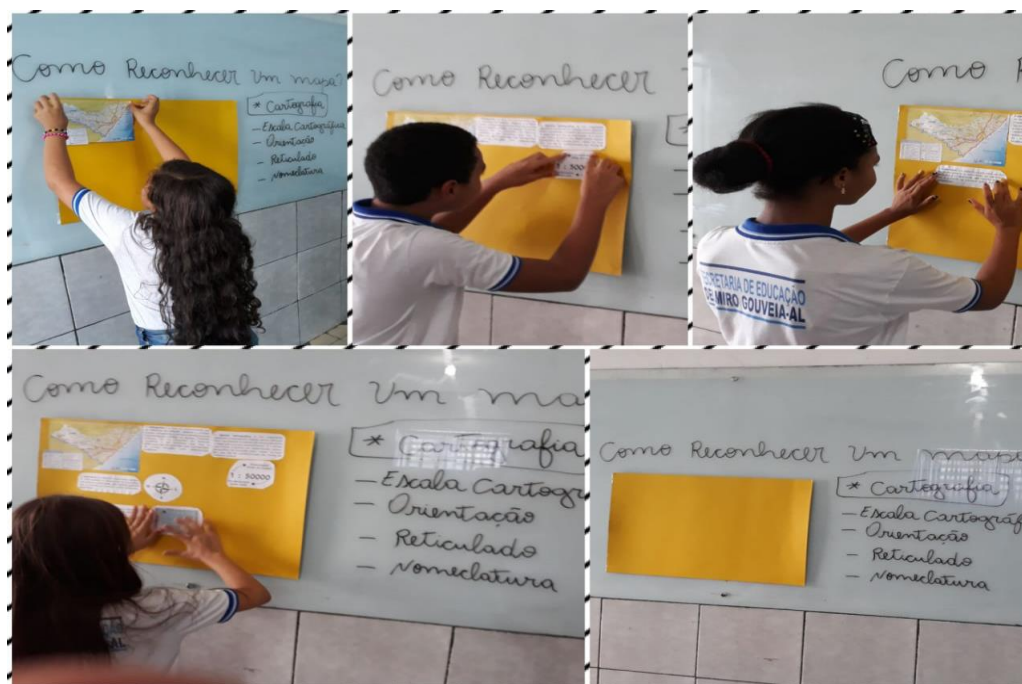


Figura 9: Registro de atividade - Produção de cartaz informativo com os elementos que constituem um mapa – Estágio Supervisionado III

Fonte: Graduando do curso de Pedagogia

PLANO DE AULA DE GEOGRAFIA – ATIVIDADE 3

NÍVEL: 3º ano do Ensino Fundamental

DURAÇÃO DA AULA: 50 MIN.

OBJETIVOS:

- Localizar o município onde mora/estuda no mapa do Estado de Alagoas
- Reconhecer as características de um mapa

TEMA: O município de Delmiro Gouveia no mapa de Alagoas

CONTEÚDOS: Cartografia; leitura de mapas.

PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS: Realizar a leitura do mapa de Alagoas e explorar as possíveis interpretações dos alunos. Em seguida propor a montagem de uma quebra-cabeça do mapa de Alagoas.

RECURSOS: Quebra-cabeça impresso, cola, quadro e pincel.

AValiação: Será feita a partir da interação do aluno com a atividade proposta.

A aula de geografia iniciou com a escrita do texto “Saudades”, que fala de uma garota que saiu de sua cidade natal para estudar em outra cidade, mas que acabou também construindo a vida e que depois voltou pra sua terra. Em seguida foi realizada uma leitura coletiva para a interpretação do texto, enfatizando a importância do lugar e da cidade natal de cada pessoa. Além de imigração e pessoas que precisam viajar para trabalhar.

Depois houve uma explicação sobre o município de Delmiro Gouveia ao mesmo tempo que visualizaram o município cartograficamente no mapa do estado de Alagoas. Além de conhecer os municípios vizinhos dos mesmos e saber que faz fronteira com outro estado. Após a explicação, houve a execução da atividade do quebra-cabeça do estado de Alagoas, igual o que estava exposto do quadro. A medida em que estavam montado, colavam no caderno. A maioria sentiu dificuldade na hora da montagem, assim, os poucos um a um os alunos iam no quadro para que montassem o mapa pelo modelo exposto. Para finalizar, localizaram e pintaram a cidade de Delmiro Gouveia e escreveram o nome da mesma.

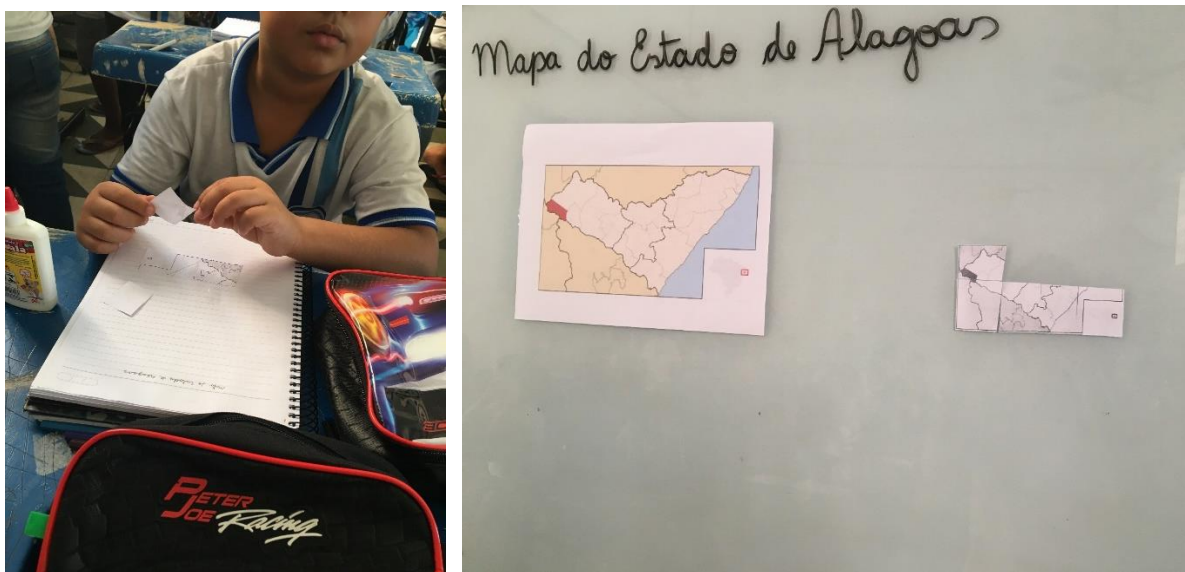


Figura 10: Registro de atividade - Quebra cabeça do mapa de Alagoas – Estágio Supervisionado III

Fonte: Graduanda do Curso de Pedagogia

PLANO DE AULA DE GEOGRAFIA – ATIVIDADE 4

NÍVEL: 3º ano do Ensino Fundamental

DURAÇÃO DA AULA: 50 MIN.

OBJETIVOS:

- Identificar as diferenças e semelhanças do espaço urbano e rural;
- Representar elementos que são da paisagem urbana e da paisagem rural;
- Produzir um cartaz com representações e características da paisagem urbana e paisagem rural.

TEMA: Estudo das paisagens urbanas e rurais

CONTEÚDOS: Espaço Urbano e Espaço rural; o lugar onde moro.

PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS: Realizar uma roda de conversa para identificar o conhecimento prévio dos/da alunos/as sobre os espaços urbano e rural; Construir um cartaz com características da paisagem Urbana e Rural.

RECURSOS: Quadro branco, pincel, lápis grafite, borracha, lápis de cor, Fotos impressas do espaço urbano e do espaço rural; cartolina e fita adesiva.

AVALIAÇÃO: Será feita a partir da interação do aluno com as atividades propostas.

Essa aula demonstrou que os/as alunos/as têm pouco conhecimento sobre a dinâmica no campo. Uma aluna chegou a falar que no campo as casas eram de palha e algumas eram de “tijolos daqueles vermelhinhos” (fala dela), ou seja, que não tinha a parede rebocada. Precisou ser feita uma intervenção e perguntar às outras crianças se eles/elas pensavam igual à colega, e alguns/algumas disseram que não.

Houve a conversa que teve como norte as semelhanças e diferenças entre campo e cidade, em que eles/elas foram anotadas no quadro e também foram introduzidos os conceitos de espaço urbano e espaço rural, destacando que o primeiro é referente à cidade e o segundo ao campo. Também foi socializado um cartaz que continha fotos dos dois espaços para que eles/elas observassem e preguei na parede. Após essa conversa, fizemos a atividade escrita. Percebi que houve confusão entre os termos espaço urbano e espaço rural e então novamente precisou de uma intervenção o que talvez não tenha explicado de forma clara algumas coisas.



Figura 11



Figura 12



Figura 13

Figura 11, 12 e 13: Registro de atividade produção de cartazes com a presença de elementos da paisagem urbana e rural - Estágio Supervisionado III

Fonte: Graduanda do curso de Pedagogia

PLANO DE AULA DE GEOGRAFIA – ATIVIDADE 5

NÍVEL: 2º ano do Ensino Fundamental

DURAÇÃO DA AULA: 50 MIN.

OBJETIVOS:

- Construir o mapa do corpo humano desenvolvendo consciência espacial;
- Mapear o corpo humano com seus membros.

TEMA: O mapa do corpo humano

CONTEÚDOS: Mapa do corpo humano e mapeamento do corpo.

PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS: em uma roda de conversa será discutido com as crianças o que pode ser um mapa e como o nosso corpo poder ser um instrumento de mapeamento. Em seguida iremos mapear o corpo humano (das crianças) com seus respectivos membros.

RECURSOS: papel metro, piloto, fichas com nomes dos membros, exemplos de mapas.

AVALIAÇÃO: A avaliação se dará constantemente nas participações das crianças nas atividades.

Na roda de conversa a discussão foi sobre mapas. Foi perguntado as crianças se elas se já viram, onde viram, para que serve um mapa. Foram mostradas imagens de mapas, e o que poderia ser mapeado. Quando as crianças depararam-se com imagens do corpo humano, uma criança olhou para o colega e disse que seria “massa” se deitasse no papel e desenhasse a pessoa, imediatamente foi questionado: será que podemos fazer isso hoje? (era uma das atividades propostas para o dia e fiquei muito feliz por ter alcançado essa meta), então foi socializado o papel onde iríamos mapear o corpo de uma menina e de um menino em que cortamos o tamanho ideal. Para cada criança foi entregue um lápis para que cada um fizesse um membro do corpo, para em seguida cobrimos com o lápis de quadro branco.

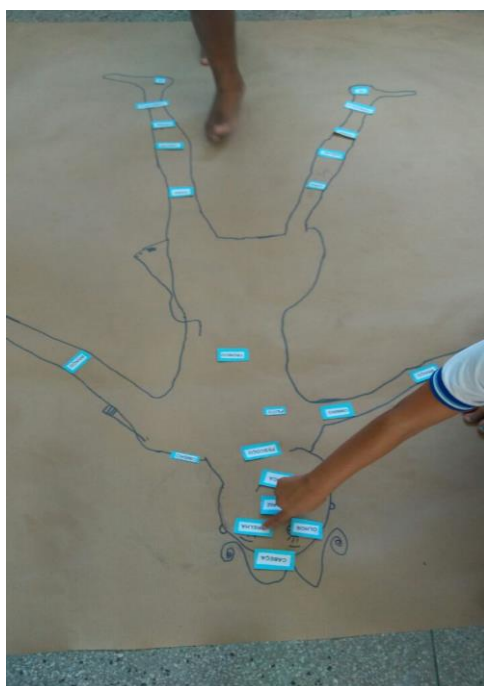


Figura 14

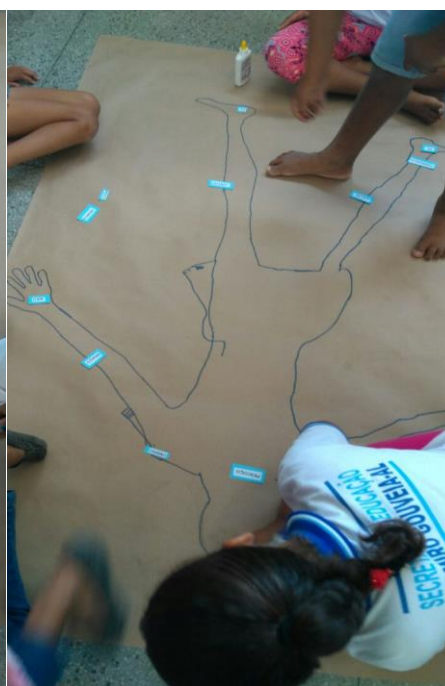


Figura 15

Figuras 14 e 15: Registro de atividade sobre o mapeamento do corpo– Estágio Supervisionado III

Fonte: Graduanda do Curso de Pedagogia

4.1 ANÁLISES E PROPOSIÇÕES DA PESQUISA

O diálogo entre as respostas do questionário junto a descrição das atividades realizadas por alunos/as do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas - Campus do Sertão, durante o estágio supervisionado III, torna-se pertinente tendo em vista atender o objetivo geral deste trabalho, o qual se debruça em apresentar as contribuições da disciplina de Saberes e Metodologias do Ensino de Geografia para a formação do/a pedagogo/a, em especial para o ensino de Geografia nas séries iniciais.

A hipótese apresentada é que a disciplina SMEG rompe com os velhos paradigmas do ensino de Geografia tão presente no processo escolar dos/as próprios/as graduandos/as de Pedagogia, uma vez que em suas respostas evidenciam as lacunas relacionadas com esse componente curricular, a Geografia, demonstrando que as dificuldades de aprendizagem dos próprios professores em formação antecede ao ato de aprender métodos e práticas de ensino relacionadas a área.

A suposição correlacionada ao problema da pesquisa, o qual propõe responder de que maneira a disciplina SMEG contribui para a formação do/a professor/a Pedagogo/a para o ensino de geografia nas séries iniciais, pode ser verificada a partir das respostas dos/as Graduandos/as quando evidenciam as aulas simuladas, discussões teóricas, planos de aulas e outros recursos como fatores relevantes a aprendizagem dos mesmos, servindo como suporte para suas experiências no período de estágio.

É notório que os/as estudantes revelam as dificuldades em relação aos processos teóricos e metodológicos relacionados aos saberes e fazeres geográficos. No entanto é necessário ressaltar que em sua grande maioria os/s graduandos/as apontam para a importância do ensino da disciplina de geografia para as crianças e demonstram ter o conhecimento básico sobre as diretrizes que compõe o ensino e aprendizagem para tal componente curricular, o que consideravelmente torna-se um avanço tendo em vista as dificuldades que estes apresentaram em relação aos conteúdos de Geografia.

Contrapondo-se a teoria de Callai (2014) quando radicalmente afirma “os professores que trabalham nos anos iniciais têm uma formação generalista, sem a fundamentação teórica ou conhecimento do currículo específico de geografia” (CALLAI, 2014, p.36) entende-se que a partir do que já foi levantado neste trabalho, considerando os pontos de vista e desenvolvimento de atividades relacionadas a Geografia, percebe-se que os/as futuros/as Pedagogos/as que irão lecionar nas séries iniciais apresentam uma clareza em relação as teorias básicas do ensino de Geografia assim como demonstram o conhecimento dos documentos oficiais como PCN’s (1997), Base Nacional Comum Curricular (2017), o que deve ser levado em consideração é que o processo de formação inicial de forma isolada não poderá dar conta de todos os aparatos que requer a prática docente de qualquer profissional.

Portanto, é essencial que sejam promovidas políticas de formação continuada, sejam elas públicas ou privadas, para que o/a pedagogo/a possa dar continuidade ao seu processo de formação, o qual se dá muitas vezes no cotidiano, no estreitamento teoria e prática. Esta necessidade é importante para garantir o direito das crianças ao desenvolvimento das aprendizagens geográficas possibilitando que elas tornem-se sujeitos críticos e autônomos frente aos fenômenos sociais que fazem parte do espaço das suas vivências diárias, podendo intervir e contribuir para uma sociedade melhor desde pequenas.

De forma geral, os/as Graduandos/as evidenciaram a importância da formação de professores para o desenvolvimento de uma educação mais significativa comprometida com a aprendizagem das crianças. Os/as futuros/as pedagogos/as apontam para uma realidade específica – o ensino de Geografia nas Séries Iniciais – tendo em vista promover uma reflexão acerca da importância deste profissional estar munido teórica e metodologicamente, levando-nos a problematizar e enfatizar o processo de formação inicial destes/as educadores/as.

Todos os sujeitos da pesquisa estão de comum acordo quanto a importância do ensino de Geografia para as séries iniciais visto que apresentam a geografia escolar como um componente necessário a formação crítica da criança, seja pela leitura da organização espacial da qual os sujeitos fazem parte ou pela compreensão dos fenômenos sócias que estão embutidos nesses espaços.

Diante dessas reflexões, os parágrafos a seguir irão diagnosticar se os objetivos específicos estabelecidos para este trabalho foram alcançados concomitantemente ao parecer do estudo a que se propõe.

Refletir sobre a importância da formação de professores e Educação

Pode-se observar que de forma geral os/as estudantes apontam a formação de professores como aspecto relevante para a oferta de uma educação de qualidade ao passo que seja comprometida com as emergências sociais, políticas, econômicas e culturais que demandam a sociedade.

Os graduandos/as também compartilham da importância da formação como processo em que o profissional é munido de teorias e métodos para o desenvolvimento de uma ensino que contemple as especificidades de seus alunos, sendo portanto indispensável para a efetividade da educação igualitária, e no desenvolvimento de uma educação que torne os indivíduos participantes de suas ações e não apenas receptores de planos de ação pedagógicos que muitas vezes suprimem suas realidades e contextos.

Este objetivo específico justifica-se pela necessidade de problematizar de forma macro o contexto de formação de professores e as discussões que estão presentes nessa realidade, tendo em vista que o recorte feito sobre da formação do pedagogo para o ensino de geografia nas séries iniciais seja analisado junto ao contexto mais amplo de formação desses profissionais, o que de certa maneira incide sobre uma das atribuições específicas da prática docente do/a pedagogo/a que é ensinar geografia desde os primeiros anos de escolarização das crianças.

Demonstrar a importância do Ensino de Geografia nas séries iniciais

Com base nas respostas dos/as graduandos/as, no registro das atividades e nas discussões teóricas realizadas no decorrer do trabalho, foi possível evidenciar a relevância da geografia enquanto componente curricular da educação básica, uma vez que este possibilita aos sujeitos uma leitura crítica das organizações espaciais que fazem parte das suas vivências diárias nas diferentes dimensões, sociais, políticas, culturais e econômicas.

Outro fator importante que constata tal importância são os estudos acadêmicos, as legislações e documentos educacionais importantes como LDB 9394/96, PCN's, RCNEI e outros que garantem a criança o direito as aprendizagens geográficas como forma de formar cidadãos conscientes de sua realidade a partir das diferentes ramificações do estudo do espaço geográfico.

Relatar o ponto de vista dos alunos do curso de Pedagogia sobre a importância da disciplina de Saberes e Metodologias do Ensino de Geografia (SMEG)

Considera-se esse objetivo alcançado pela contribuição dos 28 alunos que compartilharam os seus ponto de vista em relação as experiências que viveram durante o decorrer da disciplina de Saberes e Metodologias do Ensino de Geografia.

Foi constatado que a disciplina contribuiu para muni-los teórica e metodologicamente no intuito de forma-los enquanto professores/as pedagogos/as a partir do conhecimento das teorias da ciência geográfica e métodos de ensino para o desenvolvimento de uma prática docente significativa para o ensino da geografia escolar.

Analisar as contribuições da disciplina teórica e metodologicamente para a formação do Pedagogo

Conforme o levantamento de respostas feitas a partir do questionário aplicado, pode-se perceber que muitos dos alunos egressos do curso de Pedagogia sentiam dificuldades em relação aos conteúdos de geografia. Através das discussões feitas a partir de suas próprias experiências formativas tanto na formação docente quanto suas vivências na educação básica, é possível concluir que a disciplina SMEG e as discussões teóricas empreendidas fez-se importante na medida em que rompeu com a concepção de uma disciplina isolada, meramente decorativa e que não estabelecia relação ao cotidiano de suas experiências de vida.

A partir dessa mudança de pensamento entende-se que os/as futuros/as pedagogos/as estão munidos com os métodos e conceitos considerados básicos como os de espaço, paisagem, lugar, região e território para o desenvolvimento do ensino de geografia nas séries iniciais.

Deve-se considerar que conforme aponta os/as graduandos/as, os mesmos foram expostos a diferentes experiências de formação, como eles citaram, as micro aulas, os relatórios, as aulas expositivas, a elaboração dos planos de aulas, resenhas críticas e outras métodos que deram subsídios a sua formação como futuros/as educadores/as das séries iniciais.

Em contrapartida, ressalta-se a importância da formação continuada seja de forma organizacional com uma pós –graduação ou na atualização dos conhecimentos geográficos por iniciativa pessoal tendo em vistas que os/as próprios/as alunos/as apontam que a formação

deve ser um aspecto contínuo e que independente do componente curricular deve ocorrer diariamente, no chão da escola e via as interações com seus demais colegas profissionais e com as próprias crianças.

Constatar a importância da disciplina de SMEG para a formação do Pedagogo.

Esse objetivo considera-se alcançado pela constatação de que a disciplina de Saberes e Metodologias do Ensino de Geografia, além de oferecer os ensinamentos sobre as teorias e práticas do ensino de geografia, possibilitou que os próprios graduandos desenvolvessem algum conhecimento sobre a ciência geográfica tendo em vista que uma maioria relataram algumas lacunas em relação a esse componente curricular ainda na educação básica.

Apresenta-se também como dimensão importante para a formação do/a professor/a pedagogo/a pelas suas contribuições teóricas e metodológicas no que diz respeito ao processo de ensino e aprendizagem para os primeiros anos de escolarização uma vez que as perspectivas teóricas e pedagógicas precisam estar correlacionadas ao nível de ensino que os conteúdos da geografia são ministrados.

Outro fator que também é importante destacar está relacionado as metodologias utilizadas no decorrer da disciplina de Saberes e Metodologias do Ensino de Geografia, uma vez que os/as graduandos/as apontam que as atividades como micro aulas, aulas expositivas, atas, planos de aula e outras trouxeram muitas contribuições no desenvolvimento do estágio supervisionado III, permitindo assim que as pontuações feitas pelo/a professor/a regente da disciplina (SMEG) foram ressignificadas para o contexto das atividades realizadas nas escolas básicas no período de regência.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

DE QUE FORMA A DISCIPLINA DE SABERES E METODOLOGIAS DO ENSINO DE GEOGRAFIA (SMEG), DO CURSO DE PEDAGOGIA, CONTRIBUI PARA FORMAÇÃO DO/A PEDAGOGO/A?

Contribui de forma muito significativa, me fez ver que o ensino de geografia vai além das gravuras e do livro didático, que ela está em cada lugar, e é isso que pretendo levar aos meus alunos enquanto futura pedagoga. (Graduando/a 21)

Contribui em questões de conhecer a base da Geografia, e de como ensinar a geografia de uma forma que o aluno sinta-se parte dela, e também aponta para as possibilidades que cada tema pode proporcionar para ser trabalhado em sala de aula [...] (Graduando/a 22)

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma análise sobre as possíveis contribuições da disciplina Saberes e Metodologias do Ensino de Geografia para a formação do/a Pedagogo/a tendo em vista o ensino de Geografia nas séries iniciais. Além disso, promoveu uma reflexão sobre a importância da formação do/a professor/a, buscando agregar a discussão para a atribuição do ato de ensinar Geografia nos primeiros anos de escolarização, considerando que na maioria das vezes esta atribuição fica a cargo do/a professor/a pedagogo/a, tornando-se necessário verificar quais as diretrizes da formação inicial que dão subsídio a este profissional para desenvolver tal competência.

O *locus* da pesquisa foi a Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão em que foram aplicados questionários para os alunos do 7º e 8º período do curso de licenciatura plena em Pedagogia.

Para alcançar o objetivo geral deste trabalho, foi necessário demonstrar a importância da Geografia para as séries iniciais, sendo este um componente curricular que possibilita aos sujeitos (as crianças) desenvolverem competências do cotidiano via a leitura do espaço e de mundo que constituem suas experiências de vida. Por essa relevância, tornou-se necessário refletir sobre os processos formativos do profissional que lida com este conhecimento nas séries iniciais, majoritariamente os/as pedagogos/as, tendo em vista verificar a importância da disciplina (SMEG) a qual faz-se responsável por dialogar os saberes geográficos e pedagógicos para o ensino da geografia escolar nos primeiros anos da educação básica dos indivíduos.

A maioria dos/as graduandos/as sujeitos desta pesquisa compartilharam sobre as dificuldades em relação aos conteúdos geográficos e ressaltaram que a disciplina SMEG

tornou-se um fator preponderante para desconstruir o paradigma de uma geografia meramente descritiva e memorialística. É preciso atentar-se que essa percepção foi de uma maneira geral constatada pela maioria dos pesquisados a partir de suas respostas e através de seus relatos sobre a experiência com a disciplina de Geografia ainda na educação básica.

Os/as estudantes também revelam que a disciplina contribuiu para a aprendizagem de conceitos como espaço, lugar, território, região, paisagem e práticas relacionadas ao ensino de geografia. Ressalvam que por meio dos métodos utilizados nas aulas da disciplina como as aulas expositivas, seminários, micro aulas, produção de atas, elaboração de planos de aula, resenhas e outros corroboraram para que teórica e metodologicamente o conhecimento produzido durante as aulas tenham auxiliado de forma significativa na formação dos saberes e fazeres do/a pedagogo/a para o ensino de Geografia nas séries iniciais. No entanto, abrem um parêntese em relação a formação inicial em que prezam pelo princípio que o processo formativo deve ser constante e por isso a formação inicial de forma isolada não poderá dar conta de todas as demandas necessárias para o ensino de tal componente curricular.

As atividades desenvolvidas no período de estágio supervisionado III, foram utilizadas como campo de aprofundamento e ressignificação dos conhecimentos apreendidos durante as aulas da disciplina SMEG visto que os/as graduandos/as evidenciam esse momento como o espaço de prática e reflexão da prática a partir dos parâmetros ensinados pelo/a professor/a regente da disciplina durante os dois últimos períodos de graduação.

O caminho percorrido pelo estudo das teorias da geografia moderna e clássica e a leitura sobre o contexto histórico do ensino de Geografia escolar no Brasil, foi necessário para que pudessem ser problematizadas as questões políticas, curriculares e teóricas imbricadas no ensino de Geografia para as séries iniciais. Como foi possível perceber, a Geografia enquanto ciência carrega muitas tensões de cunho epistemológico e educacionais sobre as quais questiona-se qual o lugar da geografia no contexto da escola básica e quais os interesses do ensino de Geografia para as séries iniciais?

Esses questionamentos apontam para a importância da formação do/a professor/a, principalmente do/a pedagogo/a que na maioria das vezes atua nesse nível de escolaridade, tendo em vista o comprometimento ético deste profissional com o direito das crianças a desenvolverem a habilidade de ler o criticamente o espaço e questionar os diversos fatores

que constituem as configurações espaciais que fazem parte de suas vivências e experiências cotidianas.

No decorrer da pesquisa, pôde-se perceber quais os desdobramentos das teorias da Geografia moderna e Geografia clássica para o ensino da geografia escolar, assim como perceber a importância do/a pedagogo/a realizar esta leitura para refletir sobre sua prática de ensino ao que corresponde o ensino de geografia nas séries iniciais.

Os conflitos históricos presentes na oferta da geografia escolar também contribuem para que o/a pedagogo/a tenha conhecimento das potencialidades do ensino desse componente curricular para a comunidade escolar. Como foi visto neste trabalho, os ideais do estado via os conteúdos de Geografia eram profundamente marcados para a manutenção da organização social através da educação, principalmente pelo ensino de História e Geografia. Nesse sentido, torna-se relevante que o/a pedagogo/a revise esses marcos históricos do ensino de geografia no Brasil para que possam compreender os papéis da geografia na vida das crianças e da educação em geral.

A discussão sobre os saberes e fazeres do ensino de geografia especificamente para as séries iniciais, faz-se pertinente para apontar as diretrizes, tanto em termos curriculares quanto de práticas docente para tal finalidade, tendo em vista que estes componentes precisam articular-se na formação do/a pedagogo/a para que este/a possa estar munido dos conhecimentos da geografia escolar promovendo assim um ensino mais significativo para as crianças.

Desse modo, o parecer deste trabalho constata a relevância da disciplina de Saberes e Metodologias do Ensino de Geografia considerando as respostas dos/as 28 alunos/as, junto a evidência de atividades desenvolvidas durante o processo de formação. Considera-se que de forma geral os sujeitos da pesquisa defendem que a prática do/a pedagogo/a deve superar o estudo de conteúdos geográficos isolados, em que apresentam como referência de suas respostas o conhecimento das diretrizes básicas do ensino de geografia nas séries iniciais reafirmando portanto que a disciplina de SMEG contribuiu para a formação inicial dos/as pedagogos/as.

REFERÊNCIAS

- BARROS, A. J. D. S.; LEHFELD, N. A. D. S. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 3ª ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais História e Geografia**. Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC, 1997
- BRASIL. Conselho Nacional De Educação. Parecer nº 5/2005. Aprova as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia.
- BRASIL. Lei nº. 11.274, de 06 de fevereiro de 2006. Altera a redação dos arts. 29,30,32 e 87 da Lei nº.9.394,de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos para o Ensino Fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade. *Diário oficial da União*, Brasília, 07 fev.2006.
- CALLAI, H. C. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005.
- CALLAI, Helena Copetti. A Geografia é ensinada nos anos iniciais? Aprende-se Geografia nos anos Iniciais? In I. M. T. [et al.]. (ORGs.) **O ensino de Geografia e Suas Composições Curriculares**. Porto Alegre: Mediação, 2014.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A condição espacial**. São Paulo: Contexto, 2011.
- CAVALCANTE, Lana de Souza. **Geografia e práticas de ensino**. São Paulo: Alternativa, 2002.
- CAVALCANTI, L. de S. Apre(e)nder a paisagem geográfica: a experiência espacial e a formação do conceito no desenvolvimento das pessoas. In.: GARRIDO PEREIRA, M. (org.). **La opacidad del paisaje: formas, imágenes y tiempos educativos**. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2013.
- FANTIN, Maria Eneida; TAUSCCEK, Neusa Maria; NEVES, Diogo Labiak. **Metodologia do ensino de geografia**. Curitiba: InterSaber, 2013.
- FANTIN, Maria Eneida; TAUSCCEK, Neusa Maria; NEVES, Diogo Labiak. **Metodologia do ensino de Geografia**. – Curitiba: InterSaber, 2013.
- FARIA, Marcelo Oliveira de. **Em busca de uma Epistemologia de Geografia Escolar: a Transposição Didática**. 2012. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (FACED – UFBA), Salvador.
- FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. A pesquisa como instrumentalização da prática pedagógica. In: SEVERINO, Antônio Joaquim...[et. Al.]; **Novos enfoques da pesquisa educacional**. Ivani Fazenda (Org.) – 7. Ed. – São Paulo: Cortez, 2009.
- FREIRE, P. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.
- FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 12ª Edição. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1979.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um Sonho: Ensinar-e-Aprender com sentido**. Novo Hamburgo: Feevale, 2003.

LERINA, Marcos Irineu Klausberger. Elementos para um reflexão pedagógica: uma aproximação entre os fazeres pedagógicos no ensino de geografia e o desafio do ENEM. In: TONINI, Ivani Maria; KAERCHER, Nestor André; HOLGADO, Flávio Lopes. **Ensino de Geografia e da história: saberes e fazeres na contemporaneidade**. Porto Alegre: Evangraf: UFRGS/FACED, 2013. 264 p.

LESANN, Janine. **Geografia no ensino fundamental**. Fino Traço. Belo Horizonte, 2011.

LISBOA, S. S. A importância dos conceitos da geografia para a aprendizagem de conteúdos geográficos escolares. **Ponto de Vista**, Viçosa, vol. 4, p. 23-35, 2007.

LOPES, C. S. **O professor de Geografia e os saberes profissionais: o processo formativo e o desenvolvimento da profissionalidade**. 2010. 258f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

MACEDO, Neusa Dias de. **Iniciação a pesquisa bibliográfica: guia do estudante para a fundamentação do trabalho de pesquisa**. – 2. Ed. Revista – São Paulo: Edições Loyola, 1994. 59p.

MARTINS, Rosa Elisabete Militz Wypycznski. “A trajetória da Geografia e o seu ensino no século XXI”. In I. M. T. [et al.]. (ORGs.) **O ensino de Geografia e Suas Composições Curriculares.**; Porto Alegre: Mediação, 2014.

MOREIRA, R. **Pensar e ser em Geografia**. São Paulo: Contexto, 2007.

MOURA, Thelma Maria de. **FOUCAULT E A ESCOLA: Disciplinar, examinar, fabricar**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

PRADO, Edna Cristina do; SANTOS Inalda Maria dos. **A Formação Docente e o Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas**. 2016. Disponível em: <http://www.aforges.org/wp-content/uploads/2016/11/16-Inalda-Santos-Edna-Prado_-A-formacao-docente-e-o-curso-de-Pedagogia.pdf> Acesso em: 25 de out.2017.

SANTOS, M. Paisagem e espaço. In.: _____. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia**. 6 ed. São Paulo EDUSP, 2012.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4.ed.São Paulo: Universidade de São Paulo, 2004.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado**, fundamentos Teórico e metodológico da geografia. Hucitec.São Paulo, 1988.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova: Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica**. – 6, ed.- São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004. – {Coleção Milton Santos; 2}

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia Histórico-Crítica: Primeiras Aproximações**. 11 ed.rev. Campinas: Coleção Educação Contemporânea, 2011.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política!** 32. ed.- Campinas, SP: Autores Associados - Coleção polêmicas do nosso tempo; v.S, 1999.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro, 2013.

STRAFORINI, R. **Ensinar geografia nas séries iniciais: o desafio da totalidade mundo**. 150f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

Straforini, Rafael. **Ensinar Geografia: O desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais**. 1ª Ed. São Paulo, SP: Annablume, 2004.

THIESEN, Juares da Silva. Geografia escolar: dos conceitos essenciais às formas de abordagem no ensino. **Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 15, n.1, jan./abr. 2011. Disponível em: < <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/download/7379/4418>> Acesso em 10 de set. 2018.

YIN, Robert k. **Estudo de Caso: Planejamento e Métodos**. – 5. Ed. Tradução Cristhian Matheus Herrera. – São Paulo: Bookman, 2015.

APÊNDICE

Apêndice A - questionário virtual encaminhado para alunos do 7º (sétimo) e 8º (oitavo) período do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão, como recurso metodológico para efetivação de pesquisa de trabalho de conclusão de curso.

Questionário Virtual, Google Forms. Disponível em:

<<https://goo.gl/forms/3XwsRnif6w2YOoLq2>> Acesso em: Outubro de 2018.

Apêndice B – Tabulação dos Dados.

QUESTÃO 1 - Na sua concepção, quais os saberes e fazeres necessários para a prática docente no ensino de geografia nas séries iniciais? (22 respostas)

Respostas:

Graduando/a 1: Saberes: as categorias citadas são importantes para as séries iniciais. Na questão dos Fazeres aulas práticas são bem mais sucedidas que as teorias apenas, claro, não deixando de na prática apresentar a teoria! A construção de objetos geográficos e jogos é muito bom.

Graduando/a 2: A criança precisa antes de tudo ter noção de espaço, lateralidade e coordenadas, aprender tudo que contempla a disciplina a partir do próprio sujeito, pois somo uma dimensão geográfica.

Graduando/a 3: O professor ao lecionar a disciplina deve incluir ao cotidiano escolar, o conhecimento científico e principalmente prático do espaço, do mundo, das relações entre o meio e o homem, e do homem com a natureza.

Graduando/a 4: Ensinar e aprender exige hoje muito mais que saber o conteúdo. Do professor espera-se que seja competente, que tenha domínio da disciplina, que utilize técnicas de ensino variadas e metodologias inovadoras, que planeje suas aulas, que esteja atualizado, que saiba comunicar-se com os alunos e motivá-los, que crie bom ambiente em sala de aula, que tenha bom relacionamento com os alunos, que busque crescimento profissional, que seja ser capaz de trabalhar e aprender com seus pares e que busque inovar sua prática pedagógica constantemente. Enfim é preciso tecer a prática pedagógica do saber para filtrar bons resultados na efetivação do trabalho pedagógico.

Graduando/a 5: O professor deve levar em consideração o contexto em que as crianças estão inseridas e partindo de suas vivências trabalhar qualquer conteúdo para que as mesmas se sintam sujeitos participativos em todas as atividades elaboradas pelo professor ou até mesmo as façam contribuir com diferentes formas de socialização sobre qualquer tema.

Graduando/a 6: É necessário fazer uma leitura a palavra para que assim possa se fazer uma leitura do mundo. É necessário saberes reflexivos sobre o ensino de geografia. Os anos iniciais é o eixo que inicia a criança com o mundo, com isso inicia a prática docente. É

necessário ter decisão, um olhar reflexivo, ter uma dinâmica de interação e fazer com que essa realidade seja vivenciada tanto dentro como fora da prática docente.

Graduando/a 7: Conhecer sobre os fundamentos da geografia são essenciais para possuir uma prática, porém contextualiza-los é fundamental!

Graduando/a 8: Um conhecimento sobre o Brasil geograficamente.

Graduando/a 9: É necessário conhecer o contexto ao qual estamos lecionando, bem como planejar formas didáticas de trabalhar com os alunos, de forma que facilite sua compreensão, trabalhando sempre na realidade do aluno.

Graduando/a 10: O professor deve ter conhecimentos sobre a disciplina para que proporcione uma aula significativa, para que a aprendizagem aconteça, e assim os alunos possam desenvolver suas habilidades. E essa aprendizagem acontecerá quando o professor proporcionar uma aula lúdica e dinâmica, uma relação entre professor e alunos.

Graduando/a 11: Visão de mundo ao seu redor desde a sala de aula, ao lugar que vive

Graduando 12: O professor necessita estimular os alunos na realização de atividades que facilitem o aprimoramento da noção espacial da criança. Ele precisa sair do tradicional e aplicar atividades atrativas que despertem a curiosidade da criança.

Graduando 13: Acredito que não somente no ensino de Geografia, mas em qualquer área de ensino é fundamental um ação pautada na criticidade. Saberes e fazeres que estejam abertos para novas aprendizagens e visões de mundo diferente.

Graduando/a 14: Sempre procurar introduzir a disciplina envolvendo os Estudantes sobre algo do conhecimento deles.

Graduando/a 15: Formação continuada.

Graduando/a 16: Temos que dar aulas diferentes e com muitas ludicidade onde seja prazeroso tanto pra criança quanto pra gente como professor.

Graduando/a 17: Na prática docente é necessário conhecer as epistemologias do ensino de geografia, ter domínio sobre os assuntos que são tratados na disciplina assim como compreender como devem ser aplicados os conteúdos pois a forma que é passado o conteúdo é importante para que o aluno possa compreender.

Graduando/a 18: Os saberes básicos para o ensino da geografia seria o conhecimento teórico sobre as categorias principais. Os fazeres seria a prática aliada ao cotidiano dos estudantes, para que os mesmos possam dar significância para o que estudam.

Graduando/a 19: Nas séries iniciais é necessário usar muito a ludicidade e atividades extra classe para chamar atenção dos alunos dessa faixa etária.

Graduando/a 20: É necessário que se tenha formação e conhecimento para que o professor consiga fazer essa articulação entre a teoria e a prática, além de conhecer a realidade a ser trabalhada no campo de atuação.

Graduando/a 21: As metodologias aplicadas nas séries iniciais, primeiro deve conter o que cada crianças, deve aprender em ano/série. Podemos citar a BNCC, que ainda é muito criticada, mas é um documento que de fato nos mostra que a criança tem direito de aprender e o que o professor deve ensinar. E em específico em geografia, os ensinamentos devem ser considerados, como conhecimento de mundo, ou seja assuntos focados em lugares, pessoas, climas, temperaturas, regiões.

Graduando/a 22: Diria que os conhecimentos básicos são necessários: espaço, paisagem, lugar, território e região. O mais importante é articular com a realidade do aluno.

QUESTÃO 2 – “Conheço os fundamentos epistemológicos do conhecimento Geográfico” (26 respostas)

19 (Graduandos/as) responderam que sim.

7(Graduandos/as) responderam que não.

QUESTÃO 3 – Qual a importância da formação de professores no contexto de Educação? (25 respostas)

Respostas:

Graduando/a 1: É importante uma formação inicial para o professor porque é a base para ser um profissional ciente de seu papel como profissional da educação como também dos seus direitos e deveres. Também é importante a formação continuada para que o professor possa expandir seu conhecimento e melhorar sua atuação em sala de aula.

Graduando/a 2: Contribui para o processo de ensino e aprendizagem da criança. O professor fica dinâmico e suas aulas mais ricas.

Graduando/a 3: Toda! É nesse contexto que os professores estão inseridos e viverão boa parte de suas vidas! Logo é necessário compreender as variadas faces da educação e seu sistema.

Graduando/a 4: O professor precisa buscar conhecimento e ter uma formação continuada neste contexto. Está sempre informatizado sobre o ensino e buscar trabalhar da Melhor forma possível, sendo um professor colaborador e facilitador da aprendizagem, saber é importante, mas importante ainda é saber repassar e como repassar.

Graduando 5: É importante pensar e repensar na formação inicial e continuada de professores, visto que existe uma insatisfação no modelo que existe principalmente nos cursos de licenciaturas.

Graduando/a 6: O professor educador deve estar meramente preparado em sua prática pedagógica, repensando, interpretando, propondo métodos alternativos

Graduando/a 7: É importante que o professor tenha uma formação na área que deseja atuar, pois se faz necessário tanto seu aprendizado quanto sua contribuição em quanto sujeito capaz de mudar realidades, na formação, o professor compreenderá qual o seu papel para que ocorra o desenvolvimento humano, o que ele deverá levar em consideração para que a educação tenha um resultado significativo para a sociedade.

Graduando/a 8: Formação permite articulação, interdisciplinaridade, conhecimento e desenvolvimento na formação, permitindo pensar e agir de forma eficaz em sua formação docente.

Graduando/a 9: Prepara-los (mesmo que nunca estejam de fato) para atuarem de maneira reflexiva e dialógica na sala de aula!

Graduando/a 10: Muito importante, pois precisamos ter repertório para poder argumentar.

Graduando/a 11: Tem extrema importância, pois é na formação que conhecemos as teorias necessárias que nos levam a uma prática transformadora e necessária para a mudança da sociedade atual. Não podemos dispensar também a importância da formação continuada, vendo-a como ponto essencial para o desenvolvimento das crianças.

Graduando/a 12: A formação torna o professor mais capacitado para exercer suas práticas pedagógicas, assim proporcionando estratégias, principalmente para alunos que tenham dificuldades na aprendizagem.

Graduando/a 13: um profissional bem capacitado pode formar cidadãos conscientes e críticos com opinião própria.

Graduando/a 14: É super importante.

Graduando/a 15: Proporcionar o contato com as diversas teorias e métodos de ensino, capacitando (ou ao menos buscando capacitar) para uma boa atuação profissional. Claro que é necessário mais que uma graduação para se formar um(a) bom(a) profissional da educação, mas uma formação acadêmica é um dos principais fatores que evidencia um(a) ótimo(a) docente.

Graduando/a 16: Porque Para que formemos bons sujeitos é necessário uma formação adequada.

Graduando/a 17: É essencial para uma educação de qualidade.

Graduando/a 18: Porque nem todos gostam dessa profissão por esse motivo ainda existe um pouco de rejeição entre muitas pessoas

Graduando/a 19: É de suma importância, a educação é base para o desenvolvimento todos os indivíduos, sejam eles em qualquer estágio da vida, sejam estes no campo cognitivo ou social.

Graduando/a 20: A formação é importante para que o professor possa repassar o conteúdo de uma forma inovadora e não fique preso somente ao livro didático e em experiências rasas que não tem significado para os estudantes.

Graduando/a 21: Melhor preparação para lidar com alunos de qualquer ano. Já que a formação prepara de fato o educador, tanto na teoria quanto na prática.

Graduando/a 22: É importante para que os docentes se tornem cada vez mais capacitados pra ponderar em todos os aspectos pedagógicos.

Graduando/a 23: A formação possibilita o conhecimento e o aperfeiçoamento dos saberes necessários para atividade docente na prática profissional.

Graduando/a 24: O professor forma todos os cidadãos, sendo assim, uma boa formação é necessária para que o mesmo se torne um agente construtor da sociedade. A formação adequada torna o professor mais qualificado para a profissão, fazendo-o ter mais capacidade e noção da sua importância.

Graduando/a 25: A formação é indispensável para qualquer área. Em específico para professores, é por que estamos lidando com pessoas diferentes, em situações de vida diversificadas, que o professor deve entender para de fato fazer um bom trabalho, sem excluir nenhum por causa de sua realidade e nem ficar preso apenas a realidade, neste cenário, fica contido a formação, só sai da vivência se tiver formação.

QUESTÃO 4 - "Estou preparado/a para ensinar Geografia nas séries iniciais"

(20) vinte graduandos/as responderam que estão preparados para ensinar geografia nas séries iniciais

(6) seis graduandos/as responderam que não estão preparados para ensinar geografia nas séries iniciais

QUESTÃO 5 - "Capacidade para interagir, discutir e argumentar teórico-metodologicamente assuntos relacionados a Geografia" (26 respostas)

17 (dezessete) Graduandos/as responderam que sim.

9 (nove) Graduandos/as responderam que não.

QUESTÃO 6 - Do seu ponto de vista, de que maneira a disciplina de Saberes e Metodologias do Ensino de Geografia contribui na formação do professor/a pedagogo/a? (28 respostas)

Respostas:

Graduando/a 1: Contribui no sentido de nortear o/a pedagogo/a sobre o que ele/ela deve ensinar e de que forma esses conteúdos devem ser manuseados, pois ao passar pela disciplina, tive o entendimento de que uma das funções do professor é tornar o conhecimento acessível aos alunos, ainda que às vezes isso seja um desafio. Também contribuiu no sentido de repensarmos a disciplina e entender que ela é tão necessária quanto as demais.

Graduando/a 2: De forma que conseguirei dá uma aula de forma lúdica

Graduando/a 3: Muito! como citado, a disciplina contribui para que o professor use o que aprendeu e desenvolveu em sua prática.

Graduando/a 4: Ela tem uma pequena contribuição quando se trata de conhecimento teórico, pois muitas vezes está teoria foge um pouco a realidade, assim serve para que o futuro professor faça uma análise e contra pontos da teoria e da prática vivenciada, buscando diminuir as contradições existente, embora o professor estar a diante de muitos desafios na prática, pois como falei ensinar geografia parte do contexto social da criança e estas possuem suas individualidades.

Graduando/a 5: A disciplina SMEG contribui um pouco a abrir os olhares para o que se pode ensinar as crianças das séries iniciais, porém, deixa a desejar na questão prática do lúdico, é pouco trabalhado.

Graduando/a 6: O professor educador deve estar meramente preparado e engajado em sua prática pedagógica, repensando, interpretando, propondo métodos alternativos e metodologias de acordo com as necessidades específicas dos educandos, considerando os aspectos do contexto educacional, da diversidade cultural, da realidade sociocultural dos alunos com necessidades educacionais especiais e suas limitações específicas de aprendizagem.

Graduando/a 7: A disciplina SMEG tem uma grande importância em nossa formação, pois é através dela que se abre um leque de conhecimentos e métodos que antes não tínhamos sobre a Geografia para serem aplicados em sala de aula.

Graduando/a 8: Contribui ajudando a ter conhecimento teórico /prático na execução da didática docente.

Graduando/a 9: Mostrando novas maneiras de olhar para o aluno, e olhar sobre Ele mesmo enquanto agente transformador da sociedade!

Graduando/a 10: Auxilia o pedagogo na prática, dando suporte teóricos

Graduando/a 11: Como falar das nossas regiões se não saber um pouco delas.

Graduando/a 12: Como meio facilitador no ensino da disciplina, permitindo-o conhecer formas de trabalhar em sala de aula de forma que atraia a atenção dos alunos

Graduando/a 13: A disciplina se faz importante para a formação docente para que desenvolva suas práticas pedagógicas, assim proporcionando métodos para o ensino.

Graduando/a 14: Colabora para que o professor tenha uma visão ampla do ensinar geografia e não se prenda a necessidade de trabalhar apenas conceitos

Graduando/a 15: contribui mostrando a importância do ensino de geografia por meios mais simples utilizando métodos ao nosso redor

Graduando/a 16: Ela favorece o entendimento de processos de localização por parte da criança, auxiliando em melhores estratégias para o ensino de Geografia.

Graduando/a 17: De maneira muito positiva, por mais que eu não concorde com a forma de que a disciplina é distribuída atualmente na matriz curricular do curso (acredito que seria melhor as disciplinas de Saberes e metodologias serem antes dos estágios II e III) mas mesmo assim essa disciplina contribuiu muito para minha formação e atuação na regência de estágio.

Graduando/a 18: Da maneira muito gratificante, na medida que tira do professor a ideia de trabalhar só aquela forma tradicional que de certa forma não contribui muito na formação do aluno se queremos formar sujeito críticos e reflexíveis.

Graduando/a 19: Através das metodologias ensinadas e de como devemos ensinar geografia.

Graduando/a 20: Foi muito importante pois foi nessa disciplina que aprendi como posso ensinar a geografia de maneira mais diversificada.

Graduando/a 21: Contribui de forma muito significativa, me fez ver que o ensino de geografia vai além das gravuras e do livro didático, que ela está em cada lugar, e é isso que pretendo levar aos meus alunos enquanto futura pedagoga.

Graduando/a 22: Contribui em questões de conhecer a base da Geografia, e de como ensinar a geografia de uma forma que o aluno sinta-se parte dela, e também aponta para as possibilidades que cada tema pode proporcionar para ser trabalhado em da sala de aula, umas

desses possibilidades foram as micro aulas desenvolvidas durante o curso, que tinha como objetivo mostrar várias maneiras de se ensinar com o tema.

Graduando/a 23: Contribui na ampliação teórica sobre a disciplina, pois, através do embasamento teórico podemos ter noções mais aprofundadas sobre o que repassar e como repassar de forma prática e criativa a disciplina.

Graduando/a 24: Contribui de forma que os formandos aprendem os principais conceitos que compõe o ensino de geografia, e depois partem para a prática através de aulas simuladas e provas. Além de aplicar tudo isso no estágio, a primeira experiência com a sala de aula e com alunos, contribuindo no melhor ensino e aprendizagem sobre uma disciplina específica que não é fácil.

Graduando/a 25: Contribui para o entendimento do campo conceitual da geografia, a importância de estudar e vivenciar o espaço que está localizado e entre outros aspectos.

Graduando/a 26: De maneira satisfatória

Graduando/a 27: A primeira contribuição com a disciplina, foi com a maneira de ensinar. Aprendemos que a metodologia aplicada em sala de aula, deve ser do particular até o geral, ou seja o estudante deve sua realidade e não ficar imerso apenas a isso, ir além, estudando o global, até para entender melhor as necessidades, facilidades e o motivo que determinado assunto acontece na sua particularidade ou realidade. Foi uma disciplina positiva para a formação enquanto professor, me recordo que estudávamos muito por regiões e isso, ainda, nos ajudou a entender melhor suas características. No entanto, só precisava ser em períodos antes do estágio, já que precisamos dessas vivencias nos estágios e a disciplina aconteceu na mesma época do estágio.

Graduando/a 28: Contribui no tocante ao conhecimento acerca dos conceitos geográficos para leitura do meio.

QUESTÃO 7 - Quais as principais dificuldades você apontaria no ensino de Geografia? (28 respostas)

Respostas:

Graduando/a 1: Transformar o conhecimento geográfico em conhecimento geográfico escolar acessível para a faixa etária das crianças.

Graduando/a 2: Falta de conhecimento acerca dos documentos como PCN's e BNCC para basear as atividades.

Graduando/a 3: O aprofundamento quanto a cartografia e alguns conceitos usados na geografia.

Graduando/a 4: Livros inadequados, material inexistente e muitos professores despreparados para o ensino da geografia, pois muitos não possuem formação continuada na área, existe uma maior preocupação em português e matemática, como se as outras disciplinas não fossem importantes.

Graduando/a 5: As aulas poderiam ser mais lúdica e de uma certa forma mais prática, do que 80% do total de sua carga horária sendo teórica.

Graduando/a 6: Disciplinas como história e geografia, por muitas vezes são deixadas em segundo plano nas salas de aula, principalmente nas séries iniciais, em que se foca exageradamente na alfabetização, e não permite que o educando leia o mundo criticamente, isso torna a disciplina não tão importantes.

Graduando/a 7: Hoje, após minha formação, posso dizer que tenho uma forma de saber lidar com qualquer situação que se apresente, então não vejo dificuldades para ensinar geografia.

Graduando/a 8: As dificuldades seriam as poucas aulas de geografia dentro das salas de aula, falta de professores formados e recursos.

Graduando/a 9: O despreparo na base! (Ensino fundamental)

Graduando/a 10: Falar sobre território

Graduando/a 11: A falta de material específico para passar o conteúdo

Graduando/a 12: O conhecimento de diferentes espaços sem antes compreender o espaço da sua realidade

Graduando/a 13: Muitas vezes a metodologia do professor acaba desmotivando o interesse do aluno. A falta de recursos didáticos também acabam desmotivando e limitando o professor. Ou seja, os professores devem procurar meios que facilitem o ensino e aprendizagem, assim o aluno tenha visão sobre si e de mundo.

Graduando/a 14: A necessidade de se trabalhar conceitos

Graduando/a 15: em mostrar ao aluno que o meio ao seu redor pode ser também um espaço geográfico quando se não tem uma visão como um todo

Graduando/a 16: A falta de materiais na escola.

Graduando/a 17: Ensinar sobre o mundo e o ser humano, relacionar saberes escolares e acadêmicos com os saberes e as vivências das pessoas.

Graduando/a 18: O déficit de conteúdos que explore o espaço local dos estudantes. Algo que os façam sentir-se parte do espaço do seu cotidiano.

Graduando/a 19: O interesse do aluno. É uma disciplina pouco atrativa e isso compromete o aprendizado.

Graduando/a 20: Dependendo do ponto de vista de cada um eu mesma não encontrei dificuldades mas sempre pode existir

Graduando/a 21: falta de recursos para uma aula mais interativa (prática) e pouco tempo destinado a essa disciplina.

Graduando/a 22: uma das dificuldades seria ir pro lado mais dinâmico, muitos professores ficam presos ao livro, em questões só de leitura, a criança não acaba vivenciando nem conhecendo a sua realidade, ficando assim mais difícil de aprender aquilo que não conhece.

Graduando/a 23: A forma tradicional com que os professores em sua maioria trabalham. (Ler/ decorar)

Graduando/a 24: Muitas vezes a transposição didática, quando se tem que explicar determinados conceitos para crianças de séries iniciais.

Graduando/a 25: Disponibilidade de materiais didáticos.

Graduando/a 26: Interpretação de Mapas

Graduando/a 27: Estabelecer a conexão com a realidade

Graduando/a 28: A formação dos profissionais.

QUESTÃO 8 - Qual a importância do ensino de Geografia nas séries iniciais? (28 respostas)

Respostas:

Graduando/a 1: A Geografia se torna relevante porque as crianças precisam entender o mundo ao seu redor e uma das maneiras de isso acontecer é olhando geograficamente para ele. Nesse sentido, a Geografia enquanto disciplina os auxilia a entender como o espaço em que estão inseridos possui uma dinâmica e que as estruturas que formam esse espaço influenciam na vida delas.

Graduando/a 2: Importantíssima. Pode promover a criança entender o espaço onde está inserido.

Graduando/a 3: Muito importante, pois advém da geografia noções de espaço, onde mora, bairro, cidade, estado... Lateralidade, entre tantas outras coisas que tem base geográfica!

Graduando/a 4: Assim como todas as disciplinas são importantes para alguma área, ela é fundamental para que a criança tenha conhecimento do espaço em que está inserida e possa interagir de forma positiva nele.

Graduando/a 5: É importante que a criança compreenda como diferentes sociedades interagem com a natureza na construção de seu espaço, assim como do lugar em que vive, os vínculos afetivos e de identidade que são estabelecidos com esse espaço/lugar.

Graduando/a 6: A importância da geografia nos anos iniciais permite que o aluno leia o mundo criticamente. Ao entrar na escola, uma criança é capaz de compreender o espaço em que está inserida e descrever a sua realidade, e o papel do professor é estimulá-la, para que entenda os reais sentidos de espaço, lugar, paisagem... e assim, perceba que há outros espaços diferentes do qual ele vive, que existem inúmeros contrastes sociais (que modificam o espaço), e que influenciam na sua vida.

Graduando/a 7: A criança precisa aprender e sentir que faz parte de um contexto de uma história que ela mesma constrói e modifica, então existe a necessidade de mostrar para a criança através das aulas que ela é um sujeito pertencente à um certo espaço/lugar e que ela pode e é responsável pelas mudanças desse contexto.

Graduando/a 8: É importante na estimulação do sujeito com o mundo. os anos iniciais é onde os primeiros ensinamentos vão sendo passados. é onde acontece o teor da prática e teoria.

Graduando/a 9: Demonstrar que o aluno pertence, transforma e é transformado pelo espaço em que vive.

Graduando/a 10: O ensino de geografia é importante para que a criança tenha noção do espaço a sua volta, do seu próprio espaço, utilizando seu corpo como exemplo para melhor aprendizagem.

Graduando/a 11: Muito importante, pois precisamos ter um pouco de conhecimento sobre tudo.

Graduando/a 12: Conhecer o espaço que estamos

Graduando/a 13: O ensino de geografia faz com que o aluno desperte seu senso crítico, o aluno compreende o espaço a que está inserida, e ao entrar na escola o professor precisa instigar o conhecimento de novos espaços, e assim ele terá que " apresentar" as categorias, para que surjam conhecimentos de novos espaços.

Graduando/a 14: A criança para pode explanar o mundo em que vive, deve compreender os diversos aspectos tanto das paisagens que vê, quanto de território, que ela não vê, mas necessita compreender.

Graduando/a 15: fazer a criança compreender o espaço a sua volta e entender o mundo ao seu redor

Graduando/a 16: É de suma importância para o desenvolvimento da noção espacial.

Graduando/a 17: Conhecer sobre o mundo em que vive e como a sua ação pode influenciar nas mudanças de forma positiva ou negativa. E a partir desse conhecimento desenvolver o entendimento e a criticidade sobre vários aspectos desde o primeiros anos.

Graduando/a 18: Porque através dessa disciplina é possível ter conhecimento do mundo local e global e ensinar e aprender na geografia, também a matemática, ciência, história etc.

Graduando/a 19: Muito importante, para a vida social do aluno. Compreender seu lugar na sociedade.

Graduando/a 20: Por que podemos mostrar que a geografia também pode ser prazeroso é divertido

Graduando/a 21: É extremamente importante, pois é o contato que a criança tem com mundo, é a noção de espaço, o ar, a paisagem, a posição que sua casa está localizada e tudo isso faz parte da geografia, formar essa consciência desde o início na escola faz com que percebam a importância, o relevo e a diferença entre cada lugar, dentre outras coisas.

Graduando/a 22: Considero tão importante quanto o português ou matemática, a geografia está ligada também ao cotidiano do aluno, desde o seu caminho até a escola a criança enxergar elementos voltados para a geografia.

Graduando/a 23: É importante para que as crianças desde sempre tenham noções do espaço a qual fazem parte, entendendo as motivações para os acontecimentos naturais e a preservação do que temos. Além de saberes espaciais das quais é de suma importância para nos localizarmos.

Graduando/a 24: Compreender melhor os lugares, paisagens e ambientes que rodeiam a realidade do aluno. Além de reviver momentos através de suas memórias.

Graduando/a 25: É importante para aprimorar seus conhecimentos sobre o espaço vivido.

Graduando/a 26: Desenvolver nas crianças os conhecimentos básicos da geografia, como: espaço, paisagem, território, lugar e outros.

Graduando/a 27: Por meio do ensino de Geografia, o estudante conhece a história e característica de todo o mundo (planeta), mas não se encerra por isso, vai além de características, abrange uma visão de mundo pelo qual o ser humano está inserido e precisa entender como agir diante das situações, sejam elas emergenciais ou circunstanciais.

Graduando/a 28: A geografia se faz necessária para que o aluno possa compreender o espaço em que vive, partindo do micro para o macro estabelecendo significado com a realidade.

QUESTÃO 9 - Você tem conhecimento acerca dos documentos curriculares para o ensino de Geografia? Quais? (26 respostas)

Respostas:

Graduando/a 1: Não.

Graduando/a 2: Não.

Graduando/a 3: Sim. Os PCNs e a BNCC. Inclusive os PCNS foram essenciais para eu entender melhor como e o quê ensinar nos anos iniciais.

Graduando/a 4: Pcn's e bncc

Graduando/a 5: Sim. BNCC, PCN de GEOGRAFIA.

Graduando/a 6: Somente o RECNEI e os PCN's

Graduando/a 7: Não

Graduando/a 8: Sim, busca nortear os professores sobre práticas pedagógicas que permitam colocar os alunos as diferentes situações geográficas como uma possibilidade de leitura e compreensão de mundo, na construção do espaço: os territórios e os lugares (o tempo da sociedade e o tempo da natureza) e a conquista do lugar como conquista da cidadania

Graduando/a 9: Não sei se todos, mas a BNCC, PCN's.

Graduando/a 10: Sim. BNCC e PCN's.

Graduando/a 11: BNCC, PCN's

Graduando/a 12: Não

Graduando/a 13: não

Graduando/a 14: Sim. Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN).

Graduando/a 15: Sim, RCNEI

Graduando/a 16: sim. pcns

Graduando/a 17: Sim. RCNEI, BNCC e PCN.

Graduando/a 18: Sim. BNCC, Diretrizes Curriculares...

Graduando/a 19: Sim. Pcn's.

Graduando/a 20: Sim a geografia comum e geografia do campo dentre outros

Graduando/a 21: Sim, PCN de geografia

Graduando/a 22: Sim, os referenciais teóricos

Graduando/a 23: Sim. PCN's e Base Nacional Comum Curricular.

Graduando/a 24: Sim, os PCN's.

Graduando/a 25: Sim. RECNEI, PCN E BNCC.

Graduando/a 26: Não consigo descrever como realmente está no documento, mas irei citar, como aprendi nas disciplinas presentes na universidade. Estudar o completo, ou seja, vivenciar os estudos de conceitos particulares até os globais. Entender que a Geografia é imersa em nosso meio, faz parte de nossa vida e as crianças precisam estudar de forma dinâmica. Aprender características específicas da geografia: Lugar, regiões, campo e etc.

QUESTÃO 10 - Durante a formação inicial, como foi a vivência dessa disciplina (SMEG) enquanto aluno/a? (28 respostas)

Respostas:

Graduando/a 1: Foi uma experiência bastante proveitosa, pois pude entender um pouco da Geografia enquanto área do conhecimento como também saber como ela deve ser ensinada na infância. Através dos métodos avaliativos do professor, foi possível experienciar momentos de muito aprendizado.

Graduando/a 2: Foi legal, consegui montar aulas que com certeza posso ministra-las em casa de aula, que será muito proveitosa para os alunos

Graduando/a 3: Interessante! Não esperava que a disciplina de geografia fosse possível de ser apresentada de uma forma prazerosa e gostosa de aprender!

Graduando/a 4: Realizamos micro aulas tentamos apresentar da forma que assim pensávamos estar coerente com a prática é com a faixa etária de cada aluno, porém pouco daquilo que foi lido e apresentado nas micro aulas, pouco foi aproveitado. Pois cada dia é um desafio em sala de aula como professor e precisamos seguir o ritmo e realidade da turma que muitas vezes nunca estão todos no mesmo nível. Eu já ensinava então minha prática tinha um pouco de diferença quanto a teoria como aluno. Pouco aproveitei em sala de aula. Aprendi

muita teoria e pouca prática. Pois entendo que ensinar SMEG não possui um manual, mas vamos trabalhar a vivência geográfica partindo de sua realidade, do seu contexto social.

Graduando/a 5: De certa forma positiva. Gostaria de ter compreendido mais, visto que o tempo da mesma foi muito pouca.

Graduando/a 6: No meu ponto de vista foi ótimo ao mesmo possibilitou adquirir muito saber, e sem contar as experiências vividas nesses momentos de aprendizagens.

Graduando/a 7: Ótima, pois através das aulas ministradas pude compreender o que é geografia e como posso atuar para que as crianças tenham um aprendizado satisfatório.

Graduando/a 8: Foi muito relevante, ajudou-me a ter conhecimento acerca dos conteúdos de geografia que eu não tinha.

Graduando/a 9: Muito boa, principalmente pela escolha de textos e a dinâmica que existia na aula!

Graduando/a 10: Uma disciplina difícil no início, mas aos poucos conhecendo cada categoria foi ficando cada dia mais interessante

Graduando/a 11: Absorvia o máximo o conteúdo passado e também Com a ajuda de pesquisas.

Graduando/a 12: Não recordo

Graduando/a 13: A geografia sempre me trouxe curiosidades, era uma das disciplinas que eu considerava boa, mas por causa do ensino tradicional muitas vezes causava desinteresse, sempre com provas, sendo que as questões eram sempre para memorizar, e isso causava um desgaste.

Graduando/a 14: Foi de grande importância para um melhor entendimento do que é ensinar geografia para as series iniciais

Graduando/a 15: somente com mapas

Graduando/a 16: Foi excelente!

Graduando/a 17: A princípio foi difícil, pois tive que rever vários conceitos pré concebido que eu tinha em relação a disciplina de Geografia. Mas com o passar do tempo fui adquirindo novos saberes e melhorando meu entendimento acerca de assuntos relacionados a Geografia

como: ler mapas, diferenciar as categorias de análises, conceituar alguns objetos de estudo da área; enfim.

Graduando/a 18: Difícil, pois foi preciso uma certa adaptação porque como foi citado muito diferente do que eu achava e tinha estudado a geografia, mas posso dizer que de cada uma pequena novidade tirei grande aprendizado.

Graduando/a 19: Pouco aprofundado, devido a incompatibilidade com a disciplina.

Graduando/a 20: Foi muito divertido e prazeroso pena que foi um tempo muito curto

Graduando/a 21: Foi de extrema importância para a minha formação, pois pude perceber que o ensino de geografia pode ser tão amplo e não se prende apenas a livros (experiência escolar), me fez ver com outros olhos a disciplina, e perceber o quão importante é para a formação dos alunos.

Graduando/a 22: Considero ótima, pois proporcionou uma nova maneira de enxergar este ensino, que muitas vezes fica preso ao livro, e nos mostrou que isto vai além das páginas.

Graduando/a 23: Nas aulas de SMEG aconteceu meu despertar para a disciplina, pois até então, só tinha tido contatos rasos com a mesma. Nas aulas ministradas durante o curso, pude perceber quão grandioso é a disciplina e que ela não se limitava ao que estava no livro didático, na opção automática de ler e decorar. Mas acontecia enquanto sensações e percepções do que estava em meu entorno.

Graduando/a 24: Cheia de muito aprendizado, embora muitas dificuldades também.

Graduando/a 25: Foi tranquila.

Graduando/a 26: Pouco discutida, apenas alguns ensinamentos básicos.

Graduando/a 27: Não era uma disciplina que eu gostava, recordo-me que observava muitos mapas e isso não foi uma maneira agradável para se aprender geografia, nem geografia é apenas leitura de mapas.

Graduando/a 28: Foi muito proveitosa. As aulas práticas formam importantes para que pudessemos ter um "termômetro" quanto o nosso aprendizado. Sabemos que essas aulas não são capazes de dizer se aprendemos de fato ou não os conceitos para poder construir conhecimento, mas nos dão um retorno quanto ao nosso desempenho.

QUESTÃO 11 - Existe algum conteúdo nesta disciplina que tem dificuldades? Se sim, em que medida a disciplina SMEG fez-se pertinente para sanar tal dificuldade? (21 respostas)

Respostas:

Graduando/a 1: Não.

Graduando/a 2: Não.

Graduando/a 3: Não.

Graduando/a 4: Entender questões territoriais e sobre região. A disciplina proporcionou um breve olhar sobre tais conteúdos de forma que facilitou a minha busca sobre isso e sobre como ensinar tais assuntos para crianças.

Graduando/a 5: Sim. Na construção de jogos e objetos geográficos, em grupos de discussão sobre o assunto!

Graduando/a 6: Sim, sobre as coordenadas e os meridianos, não foi muito trabalhada em meu tempo de escolaridade e este tipo de assunto me fez pensar que é desnecessário para a formação nas seres iniciais. E diante dos estudos como aluna foi mostrada está técnica de aprendizagem através do globo. Porém eu nunca achei conveniente e interessante aplicar em sala de aula com meus alunos. O curso que temos é muito curto e pouco aprendemos na prática, pois dar micros aulas não nos torna preparados para ensinar alunos com mentalidade e maturidade diferente da nossa.

Graduando/a 7: Não

Graduando/a 8: Não

Graduando/a 9: Sobre espaço e mapas. A disciplina me ajudou a entender e compreender os assuntos. A estratégia aplicada me ajudou a compreender que ambos são contextos do nosso cotidiano, refletido na prática e nos saberes desse ensino.

Graduando/a 10: Território, a disciplina me ajudou principalmente com o texto e a ata, porém ainda tenho muitas dúvidas sobre o assunto, que só apareceram quando pensei em executar uma aula sobre o tema!

Graduando/a 11: Como trabalhar territorialidade com a criança sem utilizar o conceito, com a Micro aula foi possível observar que diversos jogos podem explicar de uma maneira mais fácil o que é território

Graduando/a 12: As categorias de escalas e territorialização são conteúdos difíceis por tratar de abstrações, mesmo que escalas trate de números e resultados exatos chegar até o resultado e muito subjetivo, assim como territorialização que trata de relações de poder. No entanto as micro aulas e as aulas expositivas ajudaram bastante para minimizar essas dificuldades.

Graduando/a 13: Sim. A disciplina foi de tamanho importância para entender um pouco mais sobre as características e mudança do espaço vivido ao longo do tempo. Ou seja, perceber as mudanças ocorridas consideradas tanto negativas como positivas a partir do momento que a humanidade começa a explorar o espaço para atender algumas de suas necessidades de sobrevivência.

Graduando/a 14: Lugar.

Graduando/a 15: Com ajuda do professor consegui sanar essa dificuldade

Graduando/a 16: Sim, como trabalhar os conteúdos e perceber as diferenças entre si. A disciplina me ajudou bastante pois pude perceber as diferenças e semelhanças que cada conteúdo tem e perceber que tratam de coisas diferentes embora tenham várias semelhanças.

Graduando/a 17: Localização. Por meio das explicações e aulas práticas hoje posso me localizar com o GPS que era quase que um instrumento de outro mundo. Pois nas aulas que tive no ensino básico e médio não foram trabalhados tais conceitos.

Graduando/a 18: Sim! Os exemplos e as aulas simuladas fizeram com que o conteúdo se tornasse mais fácil no sentido de compreensão para repassar para crianças.

Graduando/a 19: Sim. Tinha dificuldade em entender o conceito de território, contudo no desenvolvimento da disciplina pude compreender melhor os sentidos de território.

Graduando/a 20: A maior dificuldade foi em conseguir ter um desempenho satisfatório na parte prática. Embora tenhamos estudado os conceitos, particularmente falando, para mim, a parte prática não teve um resultado como esperado.

Graduando/a 21: Não tive dificuldade

QUESTÃO 12 - Descreva sobre sua experiência formativa em relação a disciplina de SMEG destacando o que, no seu ponto de vista, contribuiu para sua formação. (25 respostas)

Respostas:

Graduando/a 1: A minha experiência formativa com a disciplina foi muito boa, pois saí da disciplina com uma visão muito mais aguçada sobre a disciplina, no sentido de que geografia é muito mais do que o que me foi ensinado na minha infância, portanto isso me motiva a tentar fazer o melhor quando eu for professora. O que eu destaco do período que cursei são os métodos avaliativos que foram essenciais para que eu entendesse como os assuntos podem ser ministrados na infância além de fazer com que eu refletisse e discutisse sobre os conteúdos.

Graduando/a 2: As micro aulas, ou aulas simuladas, as explanações sobre espaço, lugar, território... contribuíram muito para minha formação! Inclusive essas aulas foram utilizadas no estágio supervisionado 3 e foram muito produtivas.

Graduando/a 3: Eu aprendi muito sobre SMEG no magistério, foi o que me deu suporte para iniciar meu trabalho em sala de aula. Por que o fazer é que aperfeiçoa a prática, dando aulas no dia a dia que surgem desafios a serem vencidos. O estudo me ajudou digamos 30% o suficiente para minha iniciação.

Graduando/a 4: Minha experiência com a disciplina, foi de uma certa forma positiva, positiva pelo fato de saber um pouco do que trabalhar em sala de aula nas séries iniciais, o que deixou a desejar na minha opinião, foi justamente ter mais da questão lúdica em sala de aula.

Graduando/a 5: Essa disciplina gerou marcas positivas no meu processo formativo. Os encontros deixaram marcas impactantes na minha formação, uma vez que considero muito positivas as temáticas abordadas, as dinâmicas vivenciadas e a construção de experiências teórico- práticas. O curso também permitiu o aprofundamento teórico sobre os temas na busca de práticas efetivas de formação docente para o ensino da geografia.

Graduando/a 6: Mudou totalmente minha visão do que é aprender e ensinar geografia, pois via a geografia apenas como uma disciplina em que eu deveria memorizar tal assunto, nunca me senti como parte da geografia estudada, hoje vejo de outra forma e me alegro em saber que posso contribuir para que as crianças não cresçam com o mesmo pensamento que eu cresci, mas se sintam sujeitos importantes em todos os momentos vivenciados por elas.

Graduando/a 7: A experiência formativa foi rápida e complexa, mas contribuiu na construção de novos olhares e um novo aprendizado de experiência nunca vividas e sentidas antes. Entender seu significado, é compreender o mundo eo compreendendo o mundo eu vivo o espaço a minha volta, eu entendo o que é geografia e suas contribuições para o ensino e aprendizagem.

Graduando/a 8: As discussões e os trabalhos escritos são muito construtivos, porém as micro aulas é o que mais abrange a visão sobre metodologias do ensino de geografia

Graduando/a 9: Pouca experiência na área de geografia, mas contribuiu muito.

Graduando/a 10: O ensino da geografia pode ser plenamente sobre tudo que envolve a criança e o mundo ao seu redor. Com a disciplina foi possível observar a maneira que diversos assuntos podem ser abordados na formação trouxe um novo olhar sobre o ensino de geografia, trazendo para a formação humana do indivíduo

Graduando/a 11: Ela me auxiliou a desenvolver metodologias e estratégias didáticas para o ensino de Geografia nas séries iniciais.

Graduando/a 12: Um bom exemplo em relação da importância da disciplina de Saberes, é a regência do estágio. Os meus planos de aula em Geografia foram totalmente pautados nas micro aulas que tivemos durante a disciplinas de saberes. Claro que a realidade da sala de aula é diferente e nem sempre o que aprendemos na graduação é o suficiente, mas é o ponto de partida, é o que fundamenta nossa prática e influencia na nossa profissão.

Graduando/a 13: A SMEG contribuiu muito, na medida em que pude ver o ensino para além do tradicional, ou seja, diferente de tudo aquilo que já tinha visto, pude explorar os espaços e descobrir coisas inéditas além de aprender como trabalhar a disciplina de forma interdisciplinar.

Graduando/a 14: Houve pouco interesse da minha parte, pois nunca me identifiquei com geografia, desde a educação básica.

Graduando/a 15: Gostei pois aprendi várias coisas que foi de suma importância pra minha vida e também pra poder passar o conhecimento pra os meus alunos

Graduando/a 16: Os textos contribuíram extremamente e as aulas práticas os enfatizaram o que aprendíamos na teoria e tornava tudo mais significativo, pois foi possível constatar o que aprendíamos nas leituras/debates.

Graduando/a 17: A disciplina abriu novas maneiras de enxergar o ensino de geografia dentro da sala de aula, bem como utilizar aquilo que está ao seu redor como forma de ensinar geografia de maneira que o aluno compreenda de acordo com a sua realidade principalmente a partir das vivências e daquilo que o aluno conhece.

Graduando/a 18: A experiência foi baseada em aulas teóricas e práticas, propiciadas em por meio de diálogos em roda de conversa, e mini aulas.

Graduando/a 19: Contribuí de forma significativa para minha formação a medida que "abriu" meus olhos para uma nova forma de perceber a geografia como algo muito próximo a nós.

Graduando/a 20: A experiência foi a melhor possível, tendo em vista, principalmente a parte prática, apesar de ter sido difícil compreender primeiro a parte teórica.

Graduando/a 21: O que mais contribuiu para minha formação foram as aulas simuladas. Várias aulas diferentes, embora tivesse o mesmo assunto me enriqueceu pela simplicidade de falar sobre um tema, muitas vezes complexo, até mesmo citando exemplos do nosso cotidiano.

Graduando/a 22: De modo geral, todo conteúdo explanado pela disciplina contribuiu para minha formação de forma positiva.

Graduando/a 23: O ensino foi fundamental pois me proporcionou vários conhecimentos e aprendizagens sobre a geografia.

Graduando/a 24: Tive duas disciplinas relacionadas a metodologia do ensino de Geografia e até hoje recordo - me da metodologia que foi aplicada, de forma muito simples, fizemos trabalhos que abrangiam nossas expectativas. Em Saberes e Metodologia do Ensino de Geografia 1, tivemos textos direcionados, nos quais fomos postos a relacionar como foi nosso estudo de Geografia e percebemos que foi "desgastante" apenas como um passar tempo, em aulas corriqueiras. Na segunda disciplina, recordo-me tivemos micro aulas sobre temas geradores de geografia, dos quais conhecemos assuntos da nossa realidade e do mundo

inteiro. Com essas disciplinas, surgiu meu projeto de estágio que era: Leitura se imagens e códigos, no qual envolvia todas as disciplinas.

Graduando/a 25: A disciplina SMEG teve um papel significante na minha formação pois me fez estabelecer conexões entre os conceitos geográficos e a realidade. Neste sentido, consegui formar dadas as circunstâncias um professor que conhece a realidade e os conceitos.

QUESTÃO 13 - O que deve ser ensinado em Geografia nas Séries Iniciais? (28 respostas)

Respostas:

Graduando/a 1: Deve ser ensinado à criança o espaço geográfico como um todo, partindo das categorias que a Geografia estuda, tendo como objetivo fazer com que a criança entenda a dinâmica do espaço e como ela própria pertence e atua nesse espaço.

Graduando/a 2: Noções de lugares, espaço...entre outros

Graduando/a 3: Categorias de espaço, lugar, território, paisagem...

Graduando/a 4: Mapas, gráficos, lateralidade, espaços e tudo que o professor avalie que é importante no conhecimento do aluno pois cada indivíduo possuem uma realidade, é preciso aprender sobre o mundo de forma geral partindo do contexto social da criança.

Graduando/a 5: Com base nas aulas da disciplina SMEG, deve ser ensinado as crianças das séries iniciais o conceito sobre lugar, espaço, território, região e paisagem.

Graduando/a 6: Território, espaço, lugar, região e paisagem.

Graduando/a 7: De início, independente de qualquer conteúdo, partir de sua realidade, e a partir daí fazê-la perceber que há diferentes formas de vivências que ela não é diferente das demais, mas que é uma dessas várias formas de vidas, que vive em um contexto que é resultado da sua própria ação e para isso acontecer ela precisa entender o espaço em que vive, nesse caso, vai estudar a história do seu povo, localização, costume entre outros conteúdos que compõem a geografia, mas claro, usando uma forma que atenda as especificidades de sua idade fazendo com que a mesma se perceba parte importante.

Graduando/a 8: Pode ser usado um pouco de tudo, desde que haja uma dinâmica, uma linguagem e leitura de mundo através da geografia. A metodologia e estratégia nos anos iniciais é quem vai nortear todo processo de ensino e aprendizagem no que diz respeito à geografia.

Graduando/a 9: Em suas amplitudes temas ligados a espaço, território, lugar e paisagem.

Graduando/a 10: Noções de espaço, território, região, paisagem e lugar

Graduando/a 11: Como está nosso país geograficamente.

Graduando/a 12: A localidade que os alunos estão inseridos, de forma dinâmica.

Graduando/a 13: Deve ser ensinado as categorias como: espaço, lugar, paisagem, região e território.

Graduando/a 14: São muitas coisas que devem ser ensinadas e podem ser ensinadas, porém é importante que a criança compreenda o mundo ao seu redor, levando em consideração seu pré conceito sobre aquilo.

Graduando/a 15: noções de espaço, lugar, tempo,

Graduando/a 16: A descentração, localização no espaço-tempo, relações sociais.

Graduando/a 17: Reconhecer as diferentes visões de mundo, buscar um ensino que faça algum significado não somente na escola mas na vida. Um ensino que tenha a formação humana como base da sua prática docente.

Graduando/a 18: As consequências ocorridas no espaço pelas necessidades humanas.

Graduando/a 19: As formas possíveis de você sentir o espaço usando seus cinco sentidos.

Graduando/a 20: As características de cada clima e suas regiões etc.

Graduando/a 21: Os tipos de moradia tipos de paisagens dentre outros

Graduando/a 22: Noções de espaço, lugar, região, paisagem, território, cultura, costumes, vegetação a sociedade pois todos estes fatores compõem a geografia, fazem parte deste estudo que envolve todo território global.

Graduando/a 23: vegetação, clima, relevo, lugar, paisagem, dentre outros, mas sempre partindo da realidade do aluno, para que o mesmo se identifique .

Graduando/a 24: As categorias geográficas, noções de cartografia, leitura de mapas. Entre outros.

Graduando/a 25: Paisagem (rural e urbana), espaço (características de lugares do convívio dos alunos), lugar (relembrar memórias como sons, cheiros, etc)

Graduando/a 26: O espaço que os estudantes estão inseridos, como a rua, a escola, o bairro, a cidade e etc.

Graduando/a 27: Relevo, Clima, paisagens

Graduando/a 28: Assuntos relacionados a lugar, campo, paisagem. Acredito que não é só o que ensinar, é mais como se ensinar geografia, esse é o maior detalhe de formar nossas crianças, como crianças que conheçam e impulsionem o que conhecem com gosto de aprender. A geografia não deve ser encarada como uma disciplina chata de leituras de mapas.